

*O conflito mais mortífero dentro do território nacional ocorreu entre outubro de 1912 e agosto de 1916. Produziu mais de 20 mil mortos, envolveu a maioria do exército brasileiro e é o menos estudado pela historiografia brasileira.*

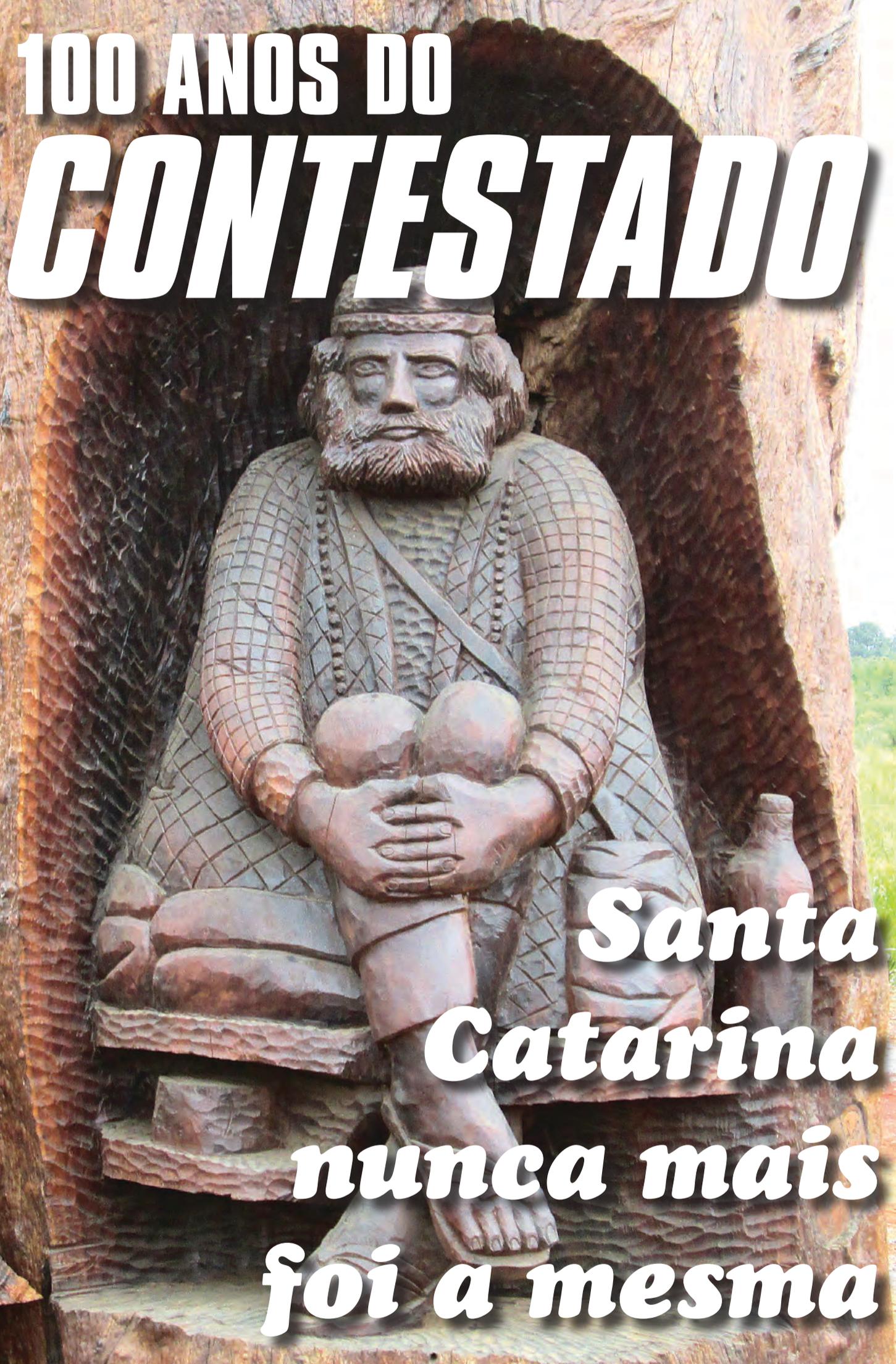
*Antes dele Santa Catarina era um estado costeiro que somava às terras da antiga capitania de Santana mais os territórios mal demarcados da antiga vila paulista de Nossa Senhora dos Prazeres das Lajens, incorporada com o nome de Lages e com seus limites totalmente imprecisos.*

*É aceito que foi uma revolução de caboclos. Demonstraremos que ela envolveu imigrantes alemães, italianos e poloneses.*

*O exército brasileiro era um ajuntamento de homens mal armados, mal treinados, sem doutrina, e totalmente incapaz de operar em territórios com clima hostil e florestas densas. A solução foi terceirizar o conflito.*

*Quando terminou Santa Catarina estava diferente. O Brasil ficou diferente. A Justiça brasileira mudou. A economia catarinense se transformou. O sangue de milhares de brasileiros que encharcou as terras do Planalto fez germinar o modelo e prosperidade que nos faz melhor e diferente.*

# 100 ANOS DO CONTESTADO



**Santa  
Catarina  
nunca mais  
foi a mesma**

## CORREIO DO NORTE

CADERNO ESPECIAL . DEZEMBRO DE 2012

## EDITORIAL

# TERRA de MORTES e de GENTE FORTE

Um centenário se passou desde que Canoinhas se tornou o epicentro do maior conflito da história do Brasil. Canoinhas era naquela época um núcleo fundado pelo governo catarinense para se antepor as pretensões paranaenses sobre o território.

Na prática era então um crescente povoado numa vasta região voltada para a pecuária, agricultura de subsistência e exploração intensiva de erva-mate. Esse produto nativo era tão importante para as exportações brasileiras que foi criado o Instituto do Mate mais tarde ampliado para o pinho, com “status” de ministério.

A estrada de ferro São Paulo-Rio Grande estava pronta, assim como ramal Porto União-São Francisco do Sul, o único problema era não existir autoridade reconhecida a garantir a segurança da região assim como programas de desenvolvimento integrado. Veio o conflito que foi a nossa maior tragédia.

O quartel general das forças legalistas foi instalado no município e com o fim do conflito Canoinhas já era uma expressão reconhecida nacionalmente e sua posição estratégica carregou para cá forças militares e interesse político.

E a região tinha riqueza. Primeiro foi o mate do Planal-



Bandeira original da guerra, que se encontra exposta no Museu Histórico de Santa Catarina, no Palácio Cruz e Sousa, em Florianópolis

to a financiar o desenvolvimento do litoral e a estimular a indústria manufatureira. Depois com o emprego da ferrovia passamos a exportar nossas, aparentemente, infindáveis reservas florestais. O papelão era elemento escasso e pouco confiável. O plástico não existia em escala. Assim foi o nosso pinheiro empregado como embalagem de alimentos, máquinas, vestuários, louças. Tudo que se produzia era movimentado e transportado em caixas

de pinho. A imbuia nobre alimentou a construção civil e a indústria moveleira pelo mundo a fora.

O modelo do agronegócio catarinense como suas peculiaridades e eficiências únicas no mundo só existe porque aconteceu o Contestado e com ele a mudança na relação entre o governo e a região. Após fim da extração de nossas florestas restou a terra fértil e a nossa gente com sua fibra, tenacidade e capacidade de se

adaptar e reagir.

Hoje a região do Contestado prospera. Canoinhas se consolida como pólo econômico e educacional. Continua a gerar riquezas e a possibilitar a prosperidade. Cem anos depois do maior conflito social e militar do Brasil podemos afirmar sem falsa modéstia que o homem do Planalto é, antes de tudo, um forte. Resgatar sua história, preservar seus valores e sua memória é antes de tudo um dever.

## EXPEDIENTE

### ADMINISTRAÇÃO

Carmen Regina Pangratz  
Marilda Pangratz Voltolini

### REDAÇÃO E PESQUISA

João Francisco da Silva

### PROGRAMAÇÃO VISUAL

Isabel Lenz Bayerl Stafin  
Mileide Gomes de Camargo

### FOTOS

Acervos do jornal Correio do Norte, da Fundação Cultural de Canoinhas, do museu do Contestado de Caçador, Arquivo Histórico do Exército, Historiador Fernando

Tokarski, Claro Jansson, Celso Martins,  
Celso Junior/AE e Reprodução

### DEPARTAMENTO COMERCIAL

Kelly Lisboa

### IMPRESSÃO

Mídia Gráfica - Jornal A Notícia/Joinville-SC

### RESPONSABILIDADE EDITORIAL DO

JORNAL CORREIO DO NORTE

Rua Três de Maio, 364 – Centro

CEP 89460-000 - Canoinhas-SC

Telefones: (47) 3622-1571

(47) 3622-7400

E-mail: [cnorte@newage.com.br](mailto:cnorte@newage.com.br)

Site: [www.jornalcorreiodonorte.com.br](http://www.jornalcorreiodonorte.com.br)

# Canoinhas. A ÚLTIMA FRONTEIRA CATARINA

A Guerra do Contestado é pouco ensinada nas escolas, pesquisada apenas por abnegados apaixonados pela gigantesca saga. Por mais de 80 anos parecia que todos os envolvidos tudo fizeram para esquecê-la. Mas não podemos e nem devemos ocultar imenso crime governamental cometendo outro contra a história e o legado de Santa Catarina.

Os livros de história registram que foi que teve o nome de guerra por ser resultado do conflito entre Santa Catarina e Paraná na disputa sertão rico em gado, pastagens, erva-mate e imensas florestas de pinheiro e imbuia, além da terra abundante e fértil.

Foi isso sim, mas também muito mais. A região foi até o final do século 19 disputada entre Brasil e Argentina. O país portenho, amparado em tratados entre Portugal e Espanha se considerava com direitos sobre o território. A questão só foi resolvida após a proclamação da República quando em 1895 o presidente Grover Cleveland, dos Estados Unidos, escolhido pelos dois países como árbitro da disputada, deu ganho de causa ao Brasil.

A região naquele período estava conflagrada pela Revolução Federalista quando os irmãos Gumercindo e Aparício Saraiva invadiram Santa Catarina com seus degoladores. Fo-

ram rechaçados em Blumenau, desembarcaram em Joinville após acordo com as forças defensoras e seguiram para o Paraná onde saquearam Curitiba e terminaram derrotados pelas forças legalistas.

Muitos caudilhos federalistas ficaram pela região catarinense sendo o mais famoso deles Fabrício Vieira das Neves que começou o conflito assassinando o Coronel João Gualberto derrotado e ferido com golpes de facão e contribuiu decisivamente para o fim da guerra quando se passou para o lado dos militares com seus homens.

A Guerra do Contestado produziu, pelos dados oficiais, em torno de 20 mil mortes. Engajou 70% das forças militares do País além das Forças Públicas (como era denominada então o que é hoje é a Polícia Militar). Pela primeira vez o avião foi usado como arma de guerra. O exército Brasileiro mal treinado, mal armado foi derrotado em todos os confrontos diretos. Não conheciam o terreno e os oficiais mais letrados que estrategos, não sabiam como enfrentar nas extensas florestas e vales desconhecidos as forças extremamente móveis dos revoltosos que agiam empregando táticas de guerrilha.

O jeito foi terceirizar a guerra empregando os chamados piquetes de vaqueanos. Formados por nati-

vos com experiência nos combates federalistas e profundos conhecedores do território e da maneira de agir e pensar de sua gente.

O Exército Brasileiro entrou com a artilharia, a logística de abastecimento e como força de contenção para impedir que o conflito se espalhasse por toda região hoje compreendida entre Mafra e São Francisco do Sul.

Quando terminou a Guerra que dividiu os moradores seguiu-se a um longo período de tocais e vinganças. Quando finalmente chegou a paz ninguém na região gostava de tocar no assunto e reabrir velhas feridas. O Exército Brasileiro também queria silêncio, pois a publicidade traria a público a situação de incapacidade da corporação denunciada por relatórios de muitos oficiais que estiveram na área de conflito.

Paraná sofreu derrotas de toda ordem. Tanto no campo militar como político. O governo catarinense preferiu se vangloriar da conquista de direitos sobre as terras disputadas com o Paraná e esquecer a mortandade que ensanguentou o território.

Cabe a nós distantes das paixões do conflito reavivar e resgatar essa dramática quadra de nossa história e que sem ela, certamente Santa Catarina não seria o que é.

Celso Júnior/Reprodução



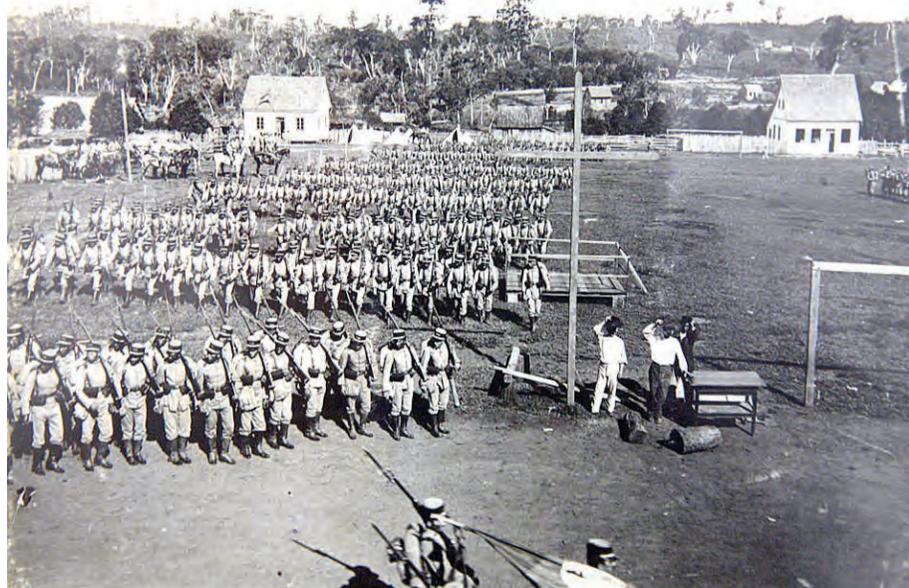
Em telegrama postado em Canoinhas no dia 4 de dezembro de 1914, o coronel Onofre Ribeiro escreveu ao general Setembrino de Carvalho que a força rebelde ainda era “respeitável” e que os inimigos eram “jagunços muito insolentes”

Celso Júnior/Reprodução



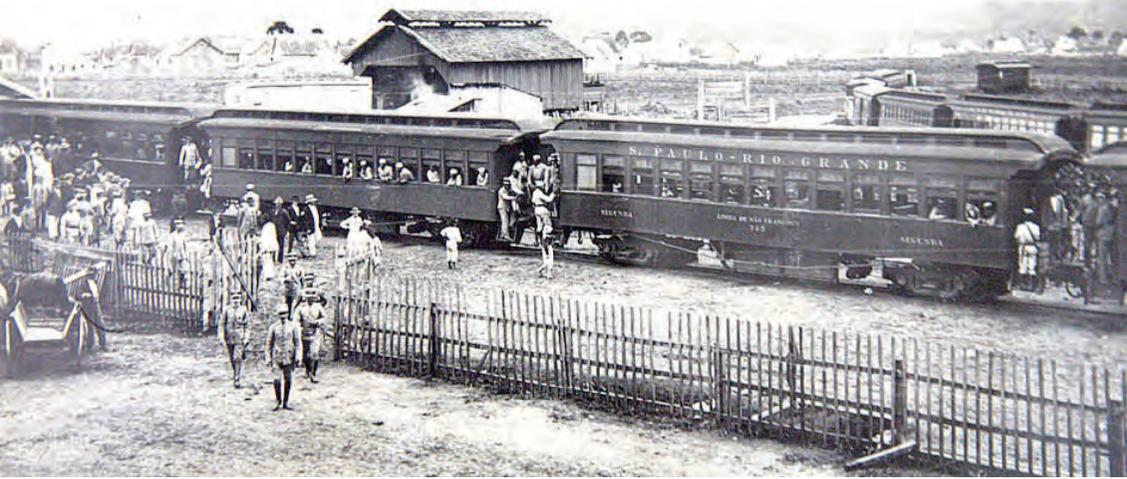
Na época, os jagunços enfrentavam a morte de crianças, mulheres e falta de comida. Não tinham lugar certo para morar, mas nunca desistiriam

Celso Júnior/Reprodução

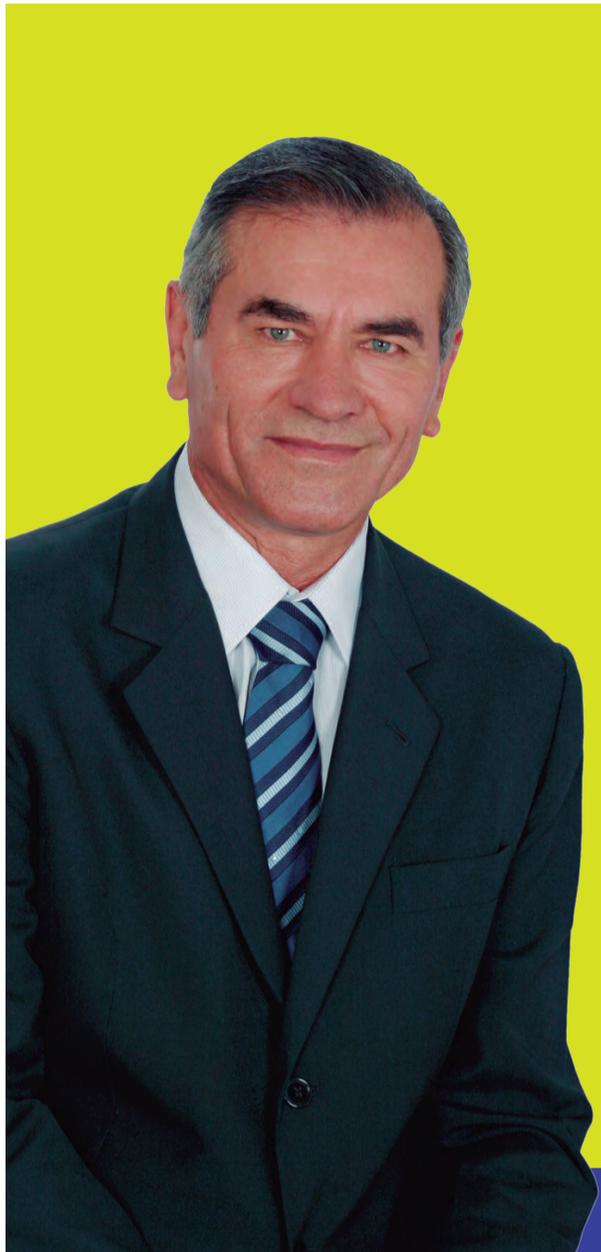


Parada Militar - Praça Lauro Müller

Celso Júnior/Reprodução



Linha de trem chega ao Contestado, expulsa caboclos e dá início a uma guerra



Audiência com Ministro confirma novas ferrovias em Santa Catarina visando o desenvolvimento da região

## Novas ferrovias para Santa Catarina

As primeiras ferrovias em Santa Catarina foram implantadas no período da Guerra do Contestado. A estrada de ferro, projetada para fazer a ligação de São Paulo para Rio Grande do Sul, foi concedida a uma empresa norte-americana.

Atualmente o governo federal está desenvolvendo estudos e planejando a implantação de uma nova malha ferroviária no país com o objetivo de trazer avanços econômicos e sociais.

Em uma audiência solicitada pelo deputado estadual Silvio Dreveck (PP), grande defensor das ferrovias, o Ministro dos Transportes, Paulo Sérgio Passos, informou que Santa Catarina deve ser contemplada com três trechos ferroviários. A malha será nova, com trilhos de bitola larga e maquinário moderno e rápido. As obras devem iniciar em 2014.

### Planalto Norte

Estas ferrovias trarão um enorme desenvolvimento para o estado, em especial ao planalto norte catarinense. Duas importantes linhas deverão passar pela região. Uma passará por Mafra, fazendo a ligação de São Paulo ao porto de Rio Grande.

A segunda fará a ligação do oeste com o litoral catarinense até o porto de São Francisco do Sul, passando pelo planalto norte. Posteriormente deve haver a ligação do porto de São Francisco com o porto de Itajaí.

O terceiro trecho previsto sairá de Panorama, interior de São Paulo, passando por Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Cascavel, no Paraná, seguindo pelo oeste catarinense e até o porto de Rio Grande.

**SILVIO DREVECK**  
DEPUTADO ESTADUAL (PP)



**Escritório Cide Contabilidade**

- Abertura e Alteração de empresas
- Assessoria Contábil
- Assessoria Fiscal
- Assessoria Societária
- Assessoria Trabalhista
- Imposto de Renda Pessoa Física e Jurídica
- Assessoria Empresarial, Custos, Financeira
- Análise de Demonstrações Contábeis
- Serviços Gerais de Contabilidade

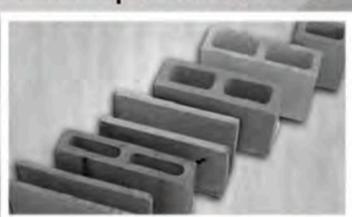
**Tel.: (047) 3622-1718 3622-1378**

Site: [www.cidecontabilidade.com.br](http://www.cidecontabilidade.com.br)  
E-mail: [cide@cidecontabilidade.com.br](mailto:cide@cidecontabilidade.com.br)  
Rua Coronel Albuquerque, nº 1150 - Centro - Canoinhas SC



**www.cimentela.com.br**

Mais qualidade e economia nas obras

- **Blocos de concreto**
- **Paver's**
- **Tubos de concreto**
- **Esquadrias Metálicas**
- **Muros de concreto e cercas**
- **Telas**

Telefone: **(047) 3624-2346**

Rodovia Br-280 Km 220,3 nº 1600  
Campo D'Água Verde - Canoinhas SC  
E-mail: [cimentela@cimentela.com.br](mailto:cimentela@cimentela.com.br)

# Síntese do CONFLITO

Acervo da Fundação Cultural de Canoinhas



**Cavalaria jagunça pronta para o combate em Canoinhas, em 1913. Piquete composto de 24 homens**

Contenda entre os estados do Paraná e Santa Catarina, por uma região rica em erva-mate e madeira, entre os anos de 1912 e 1916. A Guerra do Contestado foi a expressão de uma grave crise social que se tornou uma guerra santa.

Para entender o caráter religioso dos conflitos que envolveram a região do Contestado devemos nos remeter a figura do monge João Maria, ou, mais especificamente, dos três monges João Maria, que pregavam e exerciam grande influência religiosa na região contestada. O primeiro monge começou a pregar na região entre 1844 e 1870.

No final do século XIX surge um segundo monge, que adota o mesmo nome, fazendo previsões, inclusive, que ressuscitaria. Esse monge acaba desaparecendo, por volta de 1908 e que em 1912 surge um terceiro personagem que adota o mesmo nome, e que então teria ressuscitado para guiar os fiéis. Supostamente milagreiro, o monge torna-se um santo para as pessoas doentes e necessitadas.

Adicione a esse clima de devoção religiosa uma grande quantidade de trabalhadores que haviam sido demitidos pela companhia Brazil Railway, de Farquhar (o mesmo

que construiu a ferrovia do diabo, ou a famosa Madeira-Mamoré, que foi tema de uma mini-série da Rede Globo) que estava construindo a ferrovia São Paulo - Rio Grande, que cortava a região. Farquhar recebeu o direito de explorar 15 km a cada lado da ferrovia, o que ocasionou a expulsão de um grande número de sertanejos que há muito tempo cultivava e dependia dessas terras para a subsistência.

Todos esses indivíduos, desesperados, passaram a ouvir as pregações do monge, e decidiram organizar uma comunidade religiosa onde era proibido o comércio e tudo pertencia a todos – ao menos supostamente. O monge decide, então, se opor a recém proclamada república brasileira, nomeando imperador do Brasil um fazendeiro analfabeto e conferindo independência à sua comunidade religiosa.

O governo brasileiro decide enviar tropas para a região do Contestado. O monge por sua parte, prevenido o que poderia acontecer parte para a localidade de Irani (hoje Palmas) levando consigo os seus seguidores. Várias tropas do Regimento de Segurança do Paraná são enviadas para o local, a fim de obrigar os invasores a

voltar para Santa Catarina. Acontece em Irani um grande conflito, onde morre o monge João Maria e o comandante das tropas paranaenses João Gualberto.

Mesmo após a morte do monge a resistência dos sertanejos continuou, derrotando em várias oportunidades as forças do governo, e, inclusive saqueando cartórios, cidades e queimando serrarias que pertencia a Brazil Railway. Os rebeldes já dominam, nesta altura dos acontecimentos, cerca de 25000 km<sup>2</sup> da região do Contestado.

O governo contra-ataca. Em setembro de 1914, chefiando cerca de 7000 homens e com ordens de sufocar a rebelião e pacificar a região a qualquer custo, chega a Curitiba o general Setembrino de Carvalho.

Nas proximidades do local dos conflitos, o exército brasileiro construiu o Campo da Aviação de Rio Caçador, onde hoje é o município de Caçador. Como apoio de operações de guerra, pela primeira vez na história da América Latina foi usado aviões nos combates, inclusive, para bombardear civis.

Setembrino, como tática, evita o combate direto e procura cercar os sertanejos impedindo o recebimento de alimentos. Cerco fechado, sem pressa dei-

xa os revoltosos lutarem contra si mesmos, e em 8 de fevereiro de 1915 as forças de Setembrino atacam. De um lado as forças do governo, bem armadas, bem alimentadas, de outro, rebeldes também armados, mas famintos e sem ânimo para resistir muito tempo.

Mesmo assim os sertanejos resistem e somente em 5 de abril, depois do grande assalto a Santa Maria, um dos generais registra que “tudo foi destruído, subindo o número de habitações destruídas a 5000 (...) as mulheres que se bateram como homens foram mortas em combate (...) o número de jagunços mortos eleva-se a 600. Os redutos de Caçador e de Santa Maria estão extintos. Não posso garantir que todos os bandidos que infestam o Contestado tenham desaparecido, mas a missão confiada ao exército está cumprida”. Alguns poucos sobreviventes conseguem fugir, escondendo-se por 8 meses nas matas da região, ou fugindo para outras cidades. Na data de 12 de outubro de 1916, os governadores Filipe Schmidt (de Santa Catarina) e Afonso de Camargo (do Paraná) assinam um acordo que coloca fim as disputas pela região.

Em cinco anos de guerra, 9 mil casas foram queimadas e 20 mil pessoas mortas.

## SETEMBRO DE 1835

■ Explode a Revolução Farroupilha no Rio Grande do Sul.

## FEVEREIRO DE 1845

■ Finda a Revolução Farroupilha com tratado de Ponche Verde.

## JUNHO DE 1849

■ Chega ao Porto de Santos, o monge João Maria D'Agostin, que peregrina até 1856 na região do Contestado.

## NOVEMBRO DE 1864

■ Explode a Guerra do Paraguai.

## MARÇO DE 1870

■ Finda a Guerra do Paraguai, com a morte do ditador Solano López.

## NOVEMBRO DE 1889

■ O poder republicano derruba o império brasileiro.

## NOVEMBRO DE 1889

■ Com a república, cresce a tensão política no Contestado.

## DEZEMBRO DE 1889

■ O grupo Farquhar inicia a construção da Ferrovia de São Paulo ao Rio Grande do Sul.

## JANEIRO DE 1890

■ Começa o desmatamento do grupo Farquhar em São Paulo.

## NOVEMBRO 1890

■ Chegam os primeiros emigrantes no Porto de Santos.

## JUNHO DE 1891

■ Peregrina na região do contestado o monge Atanás Marcaff, que é confundido com o antigo João Maria.

## DEZEMBRO DE 1892

■ Frei Rogério entra em discussão com o monge, devido ao grande fanatismo dos caboclos.



Frei Rogério Neuhaus

**JANEIRO DE 1893**

■ O monge parte rumo ao Morro Encantado do Taió.

**FEVEREIRO DE 1893**

■ Explode a Revolução Federalista no Rio Grande do Sul.

**DEZEMBRO DE 1894**

■ Começam a expulsar os sertanejos na região do contestado.

**MAIO DE 1895**

■ Inicia a frente da ferrovia no Rio Grande do Sul.

**MAIO DE 1895**

■ A frente do Paraná encontra-se próximo de Santa Catarina.

**JULHO DE 1895**

■ Chega outro navio de emigrantes no Porto de Santos.

**JULHO DE 1895**

■ Os primeiros emigrantes começam a transformar as terras de seus sonhos.

**AGOSTO DE 1895**

■ Finda a Revolução Federalista.

**NOVEMBRO 1895**

■ Inicia a Revolta de Canudos.

**OUTUBRO DE 1897**

■ Finda a Revolta de Canudos, com a morte de Antônio Conselheiro.

**DEZEMBRO DE 1901**

■ Os republicanos cobram de Percival Farquhar o progresso da Ferrovia Sul.

**ABRIL DE 1902**

■ O governador Américo Lobo do Paraná envia fiscais para cobrar imposto no Contestado.

**JANEIRO DE 1903**

■ Coronéis e o grupo Farquhar expulsam os sertanejos de suas terras.

**ABRIL DE 1903**

■ O governador Felipe Schmidt de Santa Catarina envia fiscais para cobrar imposto no Contestado.

# Região CONTESTADA

Reprodução

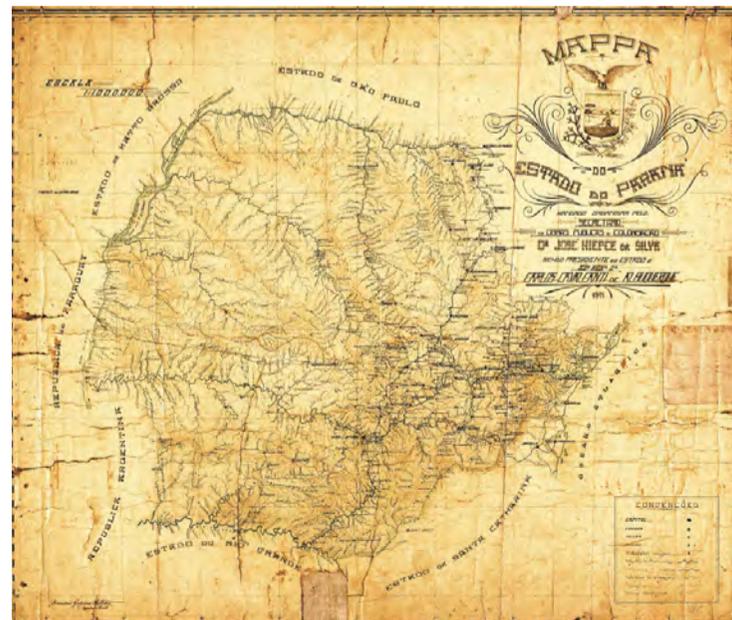
**REDUTOS DOS FANÁTICOS:**

Arraial do Taquaruçú I - II e III - São José - Caraguatá - Santo Antônio - Perdizinhas - Campos do Irani - Perdiz Grande - Santa Maria - Pedras Brancas - Paciência - Pinheiros - Pinhalzinho - Timbózinho - Bom Sossego - Tamanduá - Caçador - Caçadorzinho - Poço Preto - Reinhardt - Raiz da Serra - Coruja - Traição - Cemitério - Conrado Glober - Aleixo - Ignácio - Tapera - Perdizes - Butiá Verde - São Pedro - Ferreiros - Colônia Vieira - São Sebastião - Piedade - Passo de João Vargeano - Boliche de João Santos - Sebastião Campos - Estanislau Schumann - Francisco Salvador - Guilherme Helmich - Negro Olegário - Tomazinho - Guarda dos Crespos - São Miguel - São Pedro - Guarda dos Quadros - Rio das Pedras - Irmãos Sampaio - Campos de Palmas - Campos de Monte Alegre - Faxinal e também nas proximidades dos Rios Canoas, Iguaçu e barrancas do Uruguai.

**CIDADES E VILAS ENVOLVIDAS NO CONFLITO:**

Curitibanos - Campos Novos - Anita Garibaldi - Herval Velho - Herval D'Oeste - Joaçaba - Tangará - Videira - Caçador - Xanxerê - Concórdia - Pinheiro Preto - Chapecó - Taió - Palmitos - Água Doce - Pinhalzinho - Rio das Antas - Matos Costa - Três Barras - Timbózinho - Timbó Grande - São Cristóvão do Sul - Ponte Alta do Sul - Ponte Alta do Norte - Nova Galícia - Santa Cecília - Lebon Régis - Papanduva - Monte Alegre - Monte Castelo - Mafra - Porto União - São Bento do Sul - Rio Negro - Canoinhas - Jangada do Sul - Felipe Schmidt - Irati - União da

Vitória - Capitão Malet - General Carneiro - São Mateus - Palmas - Irani - Lages - Correia Pinto - Otacílio Costa - São José do Cerrito - Frei Rogério - Fraiburgo - Brunópolis - Monte Carlo e proximidades do Rio Canoas - Lageadinho - Fachinal Paulista - Passa Dois - Perdizinhas - Taquaruçú - Rio Correntes - Cabaçais de Baixo - Cabaçais do Meio - Cabaçais de Cima - Lajeado Raso - Marombinhas - Rio das Pedras - Campo Belo - Restinga Seca - Capão Alto - Campos dos Pires - São João - Calmon - Rio Marombas do Caçador - Butiá Verde - Serra da Esperança - Tapera - Rio dos Crespos - Serra do Espigão, expandindo até a divisa da Argentina.



# A FERROVIA



A ferrovia que mais tarde representou o motor do desenvolvimento do meio oeste, planalto e oeste catarinense, quando de sua construção se transformou em pivô do conflito. Dissipada a pólvora dos disparos e pacificada a região passamos ao período de ocupação e desenvolvimento. Primeiro com o ciclo da madeira, depois com o surgimento do agronegócio exportado para os grandes centros pelos trens da ferrovia. Os pioneiros tinham pressa, o resto do Brasil tinha

Reprodução



Percival Farquhar

fome. E a pressa deu origem até a uma empresa aérea. A Sadia, depois transformada em Transbrasil, hoje extinta.

No final do século 19, o governo brasileiro autorizou a construção de uma estrada de ferro ligando os Estados de São Paulo e Rio Grande do Sul. Para isso, desapropriou uma faixa de terra, de aproximadamente 30 km de largura, que atravessava os Estados do Paraná e de Santa Catarina - uma espécie de "corredor" por onde passaria a linha férrea.

A responsável pela construção foi a empresa norte-americana Brazil Railway Company, de propriedade do empresário Percival Farquhar, que também era dono da Southern Brazil Lumber and Colonization Company, uma empresa de extração madeireira. A construção da estrada acabou atraindo muitos trabalhadores para a região onde ocorreria a Guerra do Contestado. Com o fim das obras, o grande número de migrantes que se deslocou para o local ficou sem emprego e, conseqüentemente, numa

situação econômica bastante precária.

Ao mesmo tempo, os posseiros que viviam na região entre o Paraná e Santa Catarina foram expulsos de suas terras. Isso porque, embora estivessem ali já há bastante tempo, o governo brasileiro, no contrato firmado com a Brazil Railway, declarou a área como devoluta, ou seja, como se ninguém ocupasse aquelas terras.

Além de construir a estrada de ferro, Farquhar, por meio da Southern Brazil Lumber, passou a exportar para os Estados Unidos a madeira extraída ao longo da faixa de terra concedida pelo governo brasileiro. Com isso, os pequenos fazendeiros que trabalhavam na extração da madeira foram arruinados pelo domínio da Lumber sobre as florestas da região.

## MESSIANISMO

A construção da estrada de ferro ligando São Paulo ao Rio Grande do Sul trouxe consigo os principais elementos político-econômicos que le-

varam à eclosão da Guerra do Contestado. Afinal, a presença das empresas de Farquhar na região e os termos do acordo firmado com o governo brasileiro levaram, de uma só vez, à expulsão dos posseiros que trabalhavam no local, à falência de vários pequenos fazendeiros que viviam da extração da madeira e à formação de um contingente de mão-de-obra disponível e desempregada ao fim da construção.

Entretanto, havia também um outro elemento importante para o início do conflito: o messianismo. A região era freqüentada por monges que faziam trabalhos sociais e espirituais e, vez ou outra, envolviam-se também com questões políticas - o que lhes dava certo destaque entre os moradores daquela localidade.

Em 1912, apareceu na região um monge chamado José Maria de Santo Agostinho, nome que mais tarde a polícia descobriria ser falso. José Maria foi saudado pelos habitantes do local como a ressurreição de outro monge que vivera ali até 1908, o monge João Maria: era

## FEVEREIRO DE 1904

- Inicia o desmatamento e a construção de várias serrarias no Contestado.

## JULHO DE 1907

- Inicia a ferrovia Madeira Mamoré no Amazonas.

## JANEIRO DE 1908

- Os republicanos cobram os progressos de ambas as ferrovias de Percival Farquhar e associados.

## AGOSTO DE 1909

- Nasce o Arraial dos miseráveis e dos excluídos.

## MARÇO 1910

- Os republicanos visitam a ferrovia Madeira Mamoré.

## NOVEMBRO DE 1910

- O marinheiro negro João Cândido Felisberto, apoiado por outros excluídos ameaçam detonar o Rio de Janeiro se suas reivindicações não fossem aceitas. Ou seja, uma sociedade igualitária.

## NOVEMBRO DE 1910

- Inicia o desmatamento no Amazonas.

## NOVEMBRO DE 1910

- Chega o primeiro navio com emigrantes europeus no Amazonas.

## NOVEMBRO DE 1910

- Finda a Ferrovia Sul. Um terço dos empregados é abandonado no Contestado.

## JANEIRO 1911

- Inicia mais uma revolta de funcionários na Madeira Mamoré.

## MAIO DE 1912

- Abandonam a ferrovia Madeira Mamoré, devido à morte de Percival Farquhar e seis mil funcionários.

## JUNHO DE 1912

- Miguel Lucena Boaventura, José Maria e os demais simpatizantes criam a cidade Santa de Taquaruçú.

**AGOSTO DE 1912**

■ O intendente da vila de Curitiba envia a guarda municipal para debandar os fanáticos do Taquaruçú.

**AGOSTO DE 1912**

■ José Maria e os demais líderes ao saberem do envio da guarda municipal, decidem evitar o confronto armado e fogem para os Campos do Irani.

**SETEMBRO DE 1912**

■ José Maria e os membros da irmandade de São Sebastião chegam ao Irani e é recebido pelo coronel Miguel Frago.

**OUTUBRO DE 1912**

■ Os governadores do Paraná, Carlos Cavalcânti e Afonso Alves de Camargo, são informados que os Campos do Irani são invadidos por Catarinenses. Então, envia uma tropa para prender os invasores, com a finalidade de trazê-los amarrados como gado à Curitiba.

**OUTUBRO DE 1912**

■ No confronto armado dos fanáticos com o regimento de segurança do Paraná, morrem o líder José Maria e o coronel João Gualberto, além de dezenas de fanáticos e soldados. O novo líder dos fanáticos, o velho Euzébio, manda enterrar os mortos, inclusive José Maria, e retornam ao Arraial de Taquaruçú.



Monge José Maria

como se o antigo líder espiritual tivesse voltado.

José Maria rapidamente ganhou fama na região por seu suposto dom de cura. Em meio aos problemas político-econômicos provocados pelas atividades das empresas de Percival Farquhar, o monge passou a envolver-se também com questões que estavam muito além dos problemas espirituais dos seus seguidores.

**A GUERRA**

Sob a liderança de José Maria, os camponeses expulsos de suas terras e os antigos trabalhadores da Brazil Railway organizaram uma comunidade no intuito de solucionar os problemas ocasionados pela tomada das terras e pelo desemprego. Uniram-se ao grupo os fazendeiros prejudicados pela presença da Lumber na região. Tudo isso reforçado pelo discurso messiânico do monge José Maria, que logo declarou a comunidade sob sua liderança como um governo independente.

A mobilização na região passou a incomodar o governo federal não apenas por crescer rapidamente, com a formação de novas comunidades, mas também porque os rebeldes passaram a associar os problemas econômi-



Acervo da Fundação Cultural de Canoinhas

**Poderosos guinchos da Lumber (1914) colhendo toras de pinheiro e imbuia até uma distância de 500 metros de cada lado de sua estrada de ferro, que chegou a ter 50 quilômetros distante de sua serraria de Três Barras**

cos e sociais à República. Ao mesmo tempo, os coronéis locais ficaram incomodados com o surgimento de lideranças paralelas, como José Maria. Já a Igreja, diante do messianismo que envolvia o movimento, também defendeu a intervenção na região.

De forma autoritária e repressiva, os governos do Paraná e de Santa Catarina, articulados com o presidente Hermes da Fonseca, começaram a combater os rebeldes. Embora tenham tido pouco sucesso nos dois primeiros anos do conflito, as forças oficiais obtiveram, a partir de 1914, sucessivas vitórias sobre os revoltosos - graças à truculência das tropas e ao seu numeroso efetivo, que contava com homens do Exército brasileiro e das polícias dos dois estados.

Com quase 46 meses de conflito, a Guerra do Contestado superou até mesmo Canudos em duração e número de mortes. Famintos e com cada vez mais baixas, diante do conflito prolongado, da força e

crueledade das tropas oficiais e da epidemia de tifo, os revoltos caminharam para a derrota final, consumada em agosto de 1916 com a prisão de Deodato Manuel Ramos, último líder do Contestado.



Acervo da Fundação Cultural de Canoinhas

**Seherman Bishop e família: 1º diretor da Lumber, em 1911**



**Trincheira dos defensores da Lumber, eram armados com Winchester e constituíam o que se chamava a "guarda mineira", a serviço do Paraná**

# Tenente KIRK

O Tenente Ricardo Kirk foi o primeiro oficial do Exército Brasileiro a aprender a pilotar aviões. Brevetou-se em 22 de outubro de 1912, na École d'Aviation d'Etampes, na França.

De Regresso ao Brasil, exerceu atividades como Diretor Técnico do Aeroclube Brasileiro, procurando criar um ambiente propício ao desenvolvimento da aviação.

Tendo havido, com grande sucesso, uma subscrição popular para a compra de aviões para o Aeroclube Brasileiro, o Tenente Kirk recebeu, da Diretoria do Clube a incumbência de ir à Europa adquirir dois aviões; a 6 de abril de 1914, chega novamente ao Brasil, pelo vapor "Araguaia", trazendo o material aéreo.

No dia 24 de maio de 1914, a fim de despertar o entusias-

mo do público pela aviação, foi realizada uma corrida de velocidade com dois aviões:

- Um monoplano francês Morane Saulnier, com 16 metros quadrados de superfície de asa, equipado com motor Le Rhône de 80 H.P. e pilotado pelo Tenente Ricardo Kirk;

- Um monoplano italiano Bleriot-Sit, com 16 metros quadrados de superfície de asa, equipado com motor Gnome de 80 H.P. e pilotado pelo aviador civil Ernesto Darioli.

A partida foi do Campo dos Afonsos e o circuito a ser realizado passava sobre vários pontos da cidade.

Na chegada, estava prevista uma aterragem de precisão que devia terminar o mais próximo possível de um círculo de seis metros de diâmetro, traçado em branco, no campo.

Darioli teve que abandonar a corrida devido ao aquecimento do motor do seu

avião; o Tenente Kirk fez todo o percurso e foi considerado vencedor.

Reprodução



Ricardo Kirk, primeiro tenente a pilotar aviões

## O PRIMEIRO EMPREGO DO AVIÃO, EM OPERAÇÕES MILITARES NO BRASIL

Durante o ano de 1914, o Governo Federal tentava abafar as sedições de grupos populacionais, denominados por fanáticos, na região do "Contestado", ao norte do Estado de Santa Catarina, a leste da estrada-de-

-ferro São Paulo - Rio Grande.

Chefiava as operações militares das forças governamentais o General Setembrino de Carvalho; o trecho abaixo transcrito, de um dos seus relatórios, menciona as providências preparatórias,

para permitir o uso de aviões, nas operações em curso; os aviões tinham que ser levados, de trem, do Rio de Janeiro até a fronteira de Santa Catarina.

" Mas era preciso reconhecer. Era preciso, sobretudo, assinalar a posição dos

redutos, operação fácil para aviadores adestrados e valentes. Lembrei-me então da Escola de Aviação e do Tenente Ricardo Kirk, a quem tocava a primazia de inaugurar em operações de guerra, o delicado serviço de exploração aérea.

Reprodução



Da esquerda para a direita: Militar não identificado, Dr. Urbano (de terno branco), Tenente Antônio Guilhon, Coronel Fabriciano, Tenente Rego Barros, Capitão José Ozório, Capitão Oscar Paiva, Tenente Ricardo João Kirk (aviador de capacete arredondado), Tenente Daltro Filho, General Setembrino de Carvalho (com a mão na cintura), Tenente Euclides Figueiredo (pai do ex-presidente João Batista Figueiredo), Capitão Souza Reis, Ernesto Darioli (aviador civil), Tenente João Niemeyer e outro militar não identificado. O aeroplano era o Morane-Saulnier Parassol batizado de "General Setembrino".)

### OUTUBRO DE 1912

Os governadores do Paraná enviam outra tropa militar à área de conflito, visando proteger Palmas e região, bem como, recolher e trazer à Curitiba os corpos do coronel e dos soldados mortos no confronto.

### DEZEMBRO DE 1912

Os governadores Carlos e Afonso enviam o deputado Ulbaldino de Amaral ao Rio de Janeiro, levando a acusação de que o governador Vidal Ramos de Santa Catarina estava incentivando os invasores na área do Contestado, assim desestabilizando o seu governo.

### DEZEMBRO DE 1913

O líder dos fanáticos, Euzébio, cumpre a palavra dada a José Maria antes de sua morte, onde deveriam criar outro reduto em Taquaruçú, que ressuscitaria e traria o exército encantado de São Sebastião, assim fazendo a Guerra Santa contra os Demônios da República.

### DEZEMBRO DE 1913

O coronel Albuquerque da vila de Curitiba notifica a atual situação no Taquaruçú ao coronel Vidal Ramos, informando que os fanáticos de José Maria estavam se reunindo novamente e tinha certeza absoluta que trariam instabilidade no sertão contestado.

### DEZEMBRO DE 1913

O coronel Vidal Ramos envia o capitão Adalberto de Menezes, o desembargador Sálvio Gonzaga, o capitão Almeida e o capitão Euclides de Castro para o Taquaruçú, comandando uma tropa de duzentos e 20 soldados e aproximadamente 60 civis, sendo que a maioria dos civis deserta, ficando somente 15 para o confronto.

**DEZEMBRO DE 1913**

■ Os líderes no comando dos fanáticos surpreendem as tropas republicanas e os sobreviventes são obrigados a debandar desordenadamente em direção ao litoral catarinense para não serem trucidados pela fúria dos fanáticos.

**JANEIRO DE 1914**

■ O coronel Zacarias de Paula Xavier envia um mensageiro ao coronel Albuquerque, informando-lhe a respeito da derrota dos soldados republicanos no Taquaruçú. Contrariado pelo recente acontecimento, manda a guarda municipal apreender o carregamento do comerciante Praxedes nos campos de Monte Alegre, que vinha da loja Hoepcke de Blumenau. Praxedes vai à vila, tentando recuperar a sua mercadoria apreendida, mas é ferido pelo coronel Albuquerque, coronel Virgílio Pereira e os seus capangas, sendo imediatamente preso, morrendo três dias depois devido a seus graves ferimentos.



Coronel Francisco Ferreira de Albuquerque

**JANEIRO DE 1914**

■ Os líderes dos fanáticos resolvem receber a comitiva republicana de paz em Taquaruçú, composta pelo deputado federal Manoel Correia de Freitas, coronel Henrique Rupp, coronel Antônio Rocha Tico e três parentes confinados no reduto. Como não chegam a um acordo, a comitiva retira-se do reduto decepcionada, sabendo que ainda morreria muita gente inocente.



Reprodução

Em 19 de setembro de 1914, três aeronaves: um Morane-Saulnier biplace, um Morane-Saulnier monoplace e um Blériot SIT biplace, estavam sendo transportadas em um trem que conduzia tropas com destino a União da Vitória. Durante o caminho, fagulhas lançadas pela locomotiva, atingiram um galão de gasolina armazenado em um dos vagões que transportavam as aeronaves desmontadas. O fogo se alastrou rapidamente, destruindo várias partes dos aviões. Depois do acidente, apenas um Morane-Saulnier permaneceu em condições de voo

Pedi ao Ministro (16 de setembro de 1914), expondo-lhe essas razões; e três dias depois recebia um telegrama seu, comunicando-me a partida daquele oficial, com o material necessário à tarefa que se lhe exigia.

Houve, durante a viagem, um lamentável incêndio comunicado pelas fagulhas da locomotiva que inutilizaram um aparelho, danificando o outro.

Mas o Tenente Kirk, depois de escolher em Rio Negro, Canoinhas e União da Vitória campos apropriados para avançar, retornou ao Rio para buscar mais dois monoplanos e os acessórios que lhe faltavam à recomposição do aparelho avariado.

Antes porém, de empreender a viagem, fixou, com o meu acordo, a construção dos

hangares em União da Vitória e dirigiu, em pessoa, os trabalhos iniciais dos três campos de aviação.”

Em fevereiro de 1915, as principais operações estavam sendo executadas pela Coluna do Sul que, do sul para o norte, atacava os revoltosos, já então concentrados no seu reduto no vale do riacho Santa Maria.

Três monoplanos se achavam no campo de aviação de União da Vitória, sob o comando do Tenente Ricardo Kirk; o outro aviador era o civil Ernesto Darioli; esses três aviões, assim como o que foi destruído no transporte ferroviário, entre o Rio de Janeiro e a cidade de União da Vitória, pertenciam ao remanescente da flotilha da “Escola Brasileira de Aviação”, que já havia funcionado no Campo dos Afonsos, em 1914,

ou eram aviões cedidos pelo Aeroclube Brasileiro.

O emprego previsto dos aviões era na realização de reconhecimentos sobre as posições inimigas e na regulação do tiro da Artilharia.

Para permitir a chegada dos aviões à região das operações, foram construídos mais dois campos de aviação: um na estação de estrada-de-ferro “Rio Caçador” e outro na “Fazenda Claudiano”, mais a leste; deste último campo, próximo ao Posto de Comando da Coluna do Sul, é que o Tenente Kirk pretendia decolar, para operar na área do “Reduto Santa Maria”; como o campo da “Fazenda Claudiano” se achava escondido no meio dos pinheirais, foram estendidos grandes lençóis em cima de três pinheiros, para assinalar a posição do campo de aviação.

O Tenente Kirk faleceu na véspera do dia em que foi realizado o ataque decisivo contra o reduto; na página 253 do livro “A Campanha do Contestado”, de autoria do Tenente Herculano Teixeira de Assunção, que participou das operações, lê-se o seguinte relato:

“Às 18 horas uma pungente notícia chegou ao conhecimento do Comandante Estillac: - o 1º Tenente Ricardo Kirk tinha sido vitimado num desastre, quando já havia começado o seu arrojado vôo União da Vitória-Rio Caçador-Claudiano. O piloto

militar, que com tanta habilidade manejava a sua máquina, partiu neste mesmo dia 1º de março de 1915, de União da Vitória, num belo vôo; mas a 1 km do Rio Jangada, no quilômetro 42 da estrada de Palmas, um incidente imprevisto fizera o aeroplano precipitar-se em terra, matando o destemido aviador.”

Perdia, assim, o Exército Brasileiro, numa época crítica do surgimento da aviação, o seu melhor aviador, brevetado na Europa dois anos antes, dotado de larga experiência e, segundo depoimento de militares seus contemporâneos, oficial de grande capacidade de trabalho e inabalável fé no futuro da Aviação.

Em outubro de 1943, os restos mortais do Tenente Kirk foram trasladados para o Mausoléu do Aviadores, no cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro.

O Tenente Kirk nasceu na cidade de Campos, no Rio de Janeiro, no ano de 1874; matriculou-se na Escola Militar em 1891; foi promovido a Alferes em novembro de 1893 e a Primeiro-Tenente em março de 1898.

No vértice nordeste do Campo dos Afonsos, existe um colina denominada Ricardo Kirk, em homenagem ao bravo precursor da Aviação Militar; essa colina acha-se, hoje, muito diminuída por excessivos desmontes.



Reprodução

O aeroplano Morane-Saulnier tornou-se notável por ser a primeira aeronave a possuir uma metralhadora montada de tal forma que atirava por dentro do arco da hélice blindada. Esta mesma aeronave foi capturada pelos alemães que aperfeiçoaram o modelo e criaram um dispositivo que sincronizava o tiro das armas com o giro da hélice, eliminando a necessidade de blindagem.

# UMA HOMENAGEM AO POVO DO CONTESTADO

**S**empre atuante na Assembleia Legislativa, o Deputado Estadual Antônio Aguiar tem se dedicado muito a divulgação da região do Contestado. Dentre as principais ações desenvolvidas por ele, a nível estadual nesse sentido, está à implantação da Lei Nº 12.060, de 18 de dezembro de 2001, que reconhece a Bandeira do Contestado como símbolo regional do Estado de Santa Catarina e a Lei Nº 12143, instituída em 5 de abril de 2002, que estabelece a Semana do Contestado, comemorada anualmente de 20 a 27 de outubro. Além disso, o Deputado Aguiar também foi autor do requerimento para a realização da sessão solene em alusão ao centenário do início do conflito, que aconteceu no dia 16 de outubro na Assembleia Legislativa. Em seu discurso durante a solenidade, Aguiar contextualizou o Contestado para os mais jovens e mesclou em sua fala elementos político-administrativos, sociais e religiosos que motivaram a deflagração dos combates. O reconhecimento do episódio da Guerra do Contestado como deflagrador do processo de unificação e da identidade do Estado catarinense marcou o enfoque do pronunciamento feito pelo deputado. Para ele, a Guerra do Contestado resultou na integração de Santa Catarina e forjou o espírito guerreiro e determinado de nossa população, sendo assim, o Deputado homenageia toda a região do Contestado e parabeniza esse povo batalhador e corajoso por todas as vitórias e conquistas alcançadas nesses 100 anos de história.



**FEVEREIRO DE 1914**

■ Em consequência da pressão política, o coronel Vidal Ramos retira-se do governo Catarinense, assumindo sua cadeira no senado federal. Assume o governo o coronel Felipe Schimidt, tendo ordens do presidente Hermes da Fonseca de agir com extremo rigor contra os fanáticos. Envia outra expedição militar ao Taquaruçu, sob o comando geral do tenente coronel Dinarte de Aleluia Pires, auxiliado pelo desembargador Sálvio, capitão Lebon Régis, capitão Matos Costa, tenente coronel Adalberto de Menezes no comando de setecentos e cinquenta soldados e uma artilharia de montanha.

**FEVEREIRO DE 1914**

■ Sabedores do ataque republicano, os líderes dos fanáticos preparam os seus piquetes de vaqueanos na defesa do reduto. Após vários dias de constantes bombardeios, os líderes mandam levar os sobreviventes ao reduto de Caraguatá, aproveitando a tempestade que caiu a noite inteira. O exército republicano entra no reduto destruído pelas centenas de granadas, vêem somente corpos mutilados e despedaçados em todos os cantos, inclusive de velhos, mulheres e crianças.

**FEVEREIRO DE 1914**

■ Os sobreviventes do reduto de Taquaruçu chegam a Caraguatá, parecendo andrajos humanos, onde são bem recebidos pelo lendário Elias de Moraes e os demais líderes. A partir daquele momento, Elias é eleito comandante interino da irmandade de São Sebastião.

# TAQUARUÇU



Reprodução

Este grupo de caboclos mostrou a um fotógrafo anônimo que estava disposto a se defender

**T**aquaruçu de Cima é uma das primeiras comunidades a se formar no planalto de Santa Catarina. Está localizada hoje no meio-oeste catarinense, no município de Fraiburgo, mas já pertenceu ao município de Curitibanos.

Com boa topografia, ótimas aguadas e terras férteis foi berço de imponentes pinheiros que surpreenderam os bandeirantes e posteriormente os tropeiros que tinham passagem pela comunidade. Como segunda vegetação predominante, depois dos pinheiros, havia o Taquaruçu, espécie de taquara grande. Taquaruçu foi o nome dado à taquara, pelos índios que habitavam o lugar.

O rio responsável pelas divisas de território na comunidade, também recebeu este nome devido à grande quantidade de Taquaruçu que cercava suas margens.

As primeiras vertentes do rio Taquaruçu brotam ao norte do município de Tangará, iniciando à direita do município de Campos Novos, hoje Monte Carlo, e a esquerda do município de Curitibanos, hoje Fraiburgo. O rio Taquaruçu era responsável pelas divisas que a comunidade fazia com Curitibanos e Campos Novos, sendo que atualmente faz divisa com Monte Carlo.

A primeira comunidade que o rio cortava era Taquaruçu de Cima, aproximadamente 10 quilômetros abaixo, o rio cortava outra comunidade com o mesmo nome: Taquaruçu de Baixo.

Entre a comunidade de Taquaruçu de Cima e Taquaruçu de Baixo, tinha a comunidade do Taquaruçu do Meio, hoje município de Frei Rogério.

O reduto de Taquaruçu, conhecido por sua participação na Guerra do Contestado, localizava-se atualmente no sul do município de Fraiburgo.

Taquaruçu é pré Contestado e pré Fraiburgo, isso por já existir antes da Guerra e da emancipação política de Fraiburgo. Taquaruçu era conhecido como Cidade Santa, a nova Jerusalém.

Em 1860, Taquaruçu que tinha ótimo espriado e boas pastagens, acabou tornando o lugar adequado para os tropeiros fazerem estiagens.

Nessa mesma época, os índios, (xoklengs e kaingang), perfeitamente integrados à natureza, na mais perfeita harmonia, ensinando-nos a conservar e não destruir, conseguiram bons frutos, pois no Taquaruçu o convívio com outras etnias foi diferente de outros lugares. Os novos moradores foram bem aceitos pelos índios, pois trocavam presentes tais como: farinha de mandioca, cachaça, fumo; em troca recebiam carne de caça e a famosa “casca de mel”.

Esta amizade passou “para namoro e terminou em casamento”, dando origem a um

novo povo, o caboclo, raça forte e muito rústica, estatura média e forte, pele morena rosada, com bonito rosto acompanhado de olhos castanhos e sobrelhas cerradas.

O caboclo vivia de forma rústica, retirando da natureza apenas o necessário para sua sobrevivência. Na agricultura plantava poucas culturas: feijão, milho e mandioca apenas para sua subsistência.

Este personagem matuto e acanhado se fez guerreiro instintivo, corajoso e violento, pegando em armas e lutando até a morte na Guerra do Contestado.

Taquaruçu se faz presente mostrando seu potencial histórico, cultural e econômico. Taquaruçu é hoje o epicentro da Guerra do Contestado. Atualmente o território de Taquaruçu tem aproximadamente 21 Km<sup>2</sup>. Possui 52 famílias, sendo formada por caboclo, alemães e italianos.

Reprodução



**Nega Jacinta: uma típica cabocla da região**

Claro Jansson/ Revelando Contestado



Caboclos, as maiores vítimas das batalhas, durante missa: número de camponeses mortos poderia chegar a 30 mil

# COMBATE frente a frente

\* Por Celso Martins

No reduto do Irani ocorreram conversações visando à retirada de José Maria e sua gente. O monge teria aceitado a proposta apresentada por seu amigo coronel Domingos Soares. A decisão não foi bem recebida pelos demais. Realizada uma espécie de assembleia geral, foi aprovada a proposta de José Fabrício das Neves de que todos permanecessem no local e recebessem a força policial à bala. Dito e feito!

Bem antes do amanhecer do dia 22 de outubro de 1912, as forças policiais já ocupavam terreno na região do Banhado Grande. Três casas pertencentes à família Santos (Bento Quitério) foram ocupadas. “Feito o cerco das referidas casas alguém atirou do mato sobre a nossa gente, ao que não se ligou importância”, escreveu ao governador do Paraná, dois dias depois, o chefe de polícia Vieira Cavalcanti. Achavam que o tiro fora disparado por algum caçador. “Novos tiros partiram sobre as praças que guarneciam uma das casas”.

Seguiu-se um tiroteio de cerca de cinco minutos entre as tropas e o grupo armado de

oito a 10 homens que “corriam em direção à mata oposta”. E quem eram estes homens? José Fabrício das Neves era o comandante. Outros Fabrícios e homens como José Alves Perão, conhecido por José Felisberto, estariam com ele.

Este primeiro ataque alarmou as forças policiais. Os soldados foram colocados em linha de combate. A famosa metralhadora estava num ponto alto, nas mãos de João Gualberto. Ele conseguiu efetuar os primeiros disparos, mas em seguida a arma emperrou. Foi nesse momento que surgiu do meio da floresta “à nossa frente, a cavalaria dos fanáticos”, acompanhada

por “grosso contingente de gente a pé”, escreve o mesmo Vieira Cavalcanti. Esse ataque foi conduzido pessoalmente por José Maria que, segundo o Processo do Irani, usava um chapéu de cor vinho. “Essa multidão”, diz, “calculada em número superior a 300, avançava para a nossa força como uma verdadeira avalanche afrontando a nossa fuzilaria que desde o começo era cerrada e contínua”.

Estamos usando a narrativa oficial do combate pelo seguinte motivo: se tivesse havido uma emboscada, como sugerem no próprio Irani, ela estaria registrada.

Continua Vieira Cavalcanti:

“Os fanáticos avançavam sempre saltando sobre os cadáveres de seus companheiros e pouco se importando com a fuzilaria que abria claros enormes em suas fileiras”. Foi assim que alcançaram “as primeiras fileiras da nossa vanguarda e desembainhando seus facões, começaram a mais tremenda carnificina que se pode dar”. Aconteceu então o chamado entrevero. Os soldados, sem munição, “passaram a brigar a coice de carabina”. A cavalaria, cuja munição fora tomada pelos rebeldes, se defendia com revólveres.

“Atacados fortemente pela frente”, reafirma Cavalcanti, a cavalaria sob o comando do



Divulgação

Escultura do artista José (Mano) Alvim na cidade de Irani, símbolo visual do Movimento do Contestado

## MARÇO DE 1914

■ A nova comitiva republicana de paz encontra-se na vila de Perdiz Grande, onde entram em contato com um dos fanáticos, marcando uma reunião pacífica. A comitiva era composta pelo deputado federal Manoel Correia de Freitas, os capitães Adalberto, Lebon Régis e Matos Costa. Outra vez, a comitiva retirase decepcionada com a missão de paz, pois não chegaram a um acordo.

## ABRIL DE 1914

■ À frente da vitória dos guerreiros de Caraguatá, Elias de Moraes e os demais líderes fanáticos, decidem criar novos redutos: Taquaruçú, Irani, Bom Sossego, Santa Maria, Pedras Brancas, São Sebastião, Tamanduá, Poço Negro, Reinhardt, Raiz da Terra, Coruja, Traição, Cemitério, Conrado Glober, Aleixo, Ignácio, Tapera, Perdizes, Perdizinhas, Butiá Verde, São Pedro, Ferreiros, Pinheiros, Pinhalzinho. Também são criados redutos nas proximidades do Rio Canoas, Rio Iguaçu, Campos da Lapa e barrancas do Uruguai.

# CONTESTADO

100 anos se passaram desde o início do conflito mais sangrento de nossa história. Com orgulho conseguimos fazer de nossa terra um lugar hospitaleiro para se investir e viver.

Uma homenagem da Associação Empresarial de Canoinhas

**ACIC**  
Associação Empresarial de Canoinhas

**ABRIL DE 1914**

■ Diante da derrota republicana de Caraguatá, o coronel Gameiro é dispensado, assumindo provisoriamente a região militar o tenente coronel Adolpho de Carvalho, até a chegada do general Carlos Frederico de Mesquita, designado pelo ministro da guerra Vespasiano de Albuquerque. Assim que assume o comando, ele é pressionado pelo coronel Felipe de Santa Catarina e Carlos Cavalcânti do Paraná, que solicitam uma ação imediata contra os fanáticos.

**ABRIL DE 1914**

■ Elias e os demais líderes definem abandonar o reduto de Caraguatá, distribuindo os confinados para outros redutos, devido a uma epidemia de tifo e prevendo um forte ataque dos republicanos.

**MAIO DE 1914**

■ O general Mesquita define o plano de ataque contra os fanáticos. A coluna do capitão Matos Costa encontra os redutos de Caraguatá e Perdizinhos abandonados. Incendeiam e se retiram para Perdiz Grande, onde esperam novas ordens. Enquanto a coluna do general Mesquita constrói a ponte improvisada no Rio Timbózinho, atacam Santo Antônio e os demais redutos naquela região.

**MAIO DE 1914**

■ A coluna do general Mesquita entra em confronto com os pares de França e os piquetes de vaqueanos, são obrigados a recuar para não serem todos chacinados, retomando o ataque contra os fanáticos, mas são forçados a recuar novamente. Quando conseguem montar a artilharia pesada, os fanáticos se obrigam a recuar. O general decide não acampar nas proximidades, ordena aos oficiais e soldados para se retirar à Vila Nova de Timbó. No caminho, os piquetes dos fanáticos os atacam de surpresa, fazendo-os retirar em direção de Porto União.

tenente Busse recuou até a casa onde deveria estar o comandante João Gualberto. Se vendo cercados os homens fugiram, sendo perseguidos por cerca de 50 caboclos “que só não os alcançaram por estarem a pé”. Cerca de 40 carabinas foram deixadas para trás, alguns mosquetões e três mil cartuchos, mais a metralhadora com quatro fitas carregadas cada uma com 250 balas. (Relatório Setembrino, p. 183-184)

Outro depoimento insuspeito é do oficial da Polícia Militar do Paraná, João Alves da Rosa Filho, autor do livro “Combate do Irani” (Curitiba, 1998). Diz que após o primeiro ataque o comandante João Gualberto e alguns policiais foram colher e debulhar milho para dar aos cavalos. Foi nesse momento que aconteceu o segundo ataque. João Gualberto, sem poder usar a metralhadora disse aos soldados que estavam próximos: “Peguem as armas, meus filhos, pois estamos perdidos, mas tenham coragem”.

O mesmo Rosa Filho acrescenta que nesse momento, a uns 700 metros a frente da tropa, “num abrir e fechar de olhos começou a surgir uma verdadeira multidão de

Celso Martins



**Túmulo de José Maria no Irani. 2007**

caboclos”, avançando sem “o menor receio”, tomados por uma espécie de “furor”. Eram cerca de 300, sendo que cerca de 100 faziam a vanguarda e o restante vinha a pé “correndo e dando gritos alucinantes”. À frente estava José Maria e seus Doze Pares de França. João Gualberto mandou abrir fogo mas, “apesar das descargas sucessivas dos milicianos, os fanáticos avançavam sem

trepidar e sem ter um momento de vacilação”.

Desesperado, João Gualberto tentou mais uma vez fazer funcionar a metralhadora. Não conseguindo e, “mordendo-se de raiva”, observa Rosa Filho, apanhou a carabina de um soldado ferido e “passou a lutar” ao lado dos comandados. Diante da fuzilaria da polícia os atacantes pararam alguns momentos e aparentemente se dispersaram, voltando a reagrupar-se e “passando por cima dos que caíam, avançavam cada vez mais, com grande alarido”. Os caboclos avançaram sem piedade, armados de garruchas ou Winchester na mão esquerda e “na direita enormes facões”.

Um pouco desorientados, os policiais resistiram. “Lutavam como podiam, defendendo-se a qualquer custo”. Gualberto ordenou o calar baioneta, mas elas não se fixavam nas presilhas dos sabres e “saltavam longe aos primeiros tiros”. Na seqüência veio o ataque corpo-a-corpo, disparos a queima-roupa, obrigando os policiais a uma atitude defensiva. Os Pares de França executavam pela primeira vez as suas “diabólicas cabriolas de esgrimistas”.

Somente nos “últimos momentos da luta”, continua Rosa Filho, “quando os fanáticos já tinham convergido pela esquerda, atacando também pela retaguarda”, é que José Maria foi abatido a tiros pelo sargento

Joaquim Virgílio da Rosa, morto em seguida. A luta continuou e “ambos os lados combatiam com heroísmo e denodo”, observa o autor citado.

O coronel João Gualberto lutou bravamente. Inicialmente recebeu um tiro no peito, diz Rosa Filho. No Processo do Irani de 1912, aparece que o disparo foi dado por José Fabrício das Neves. Em seguida outros caboclos o “picaram” no facão, ou seja, “seu corpo foi estraçalhado a ponto de não ser reconhecido”. A versão que ficou, alimentada por Rosa Filho e outros autores, foi que José Fabrício deu o “golpe de misericórdia” ou matou João Gualberto. Ainda hoje, no site da Polícia Militar do Paraná, José Fabrício aparece como o “assassino” do coronel João Gualberto, quando vimos que sua morte ocorreu em meio a uma violenta batalha. (Outubro de 2011)

**FONTES:**

CAVALCANTI, Vieira. *Relatório do chefe de polícia Manoel Bernardino Vieira Cavalcanti Filho ao governador do Paraná Carlos Cavalcanti de Albuquerque. Palmas, 24 de outubro de 1912. In Relatório apresentado ao general José Caetano de Faria, ministro da Guerra, pelo comandante das forças em operação de guerra no Contestado, Setembrino de Carvalho. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1915.*

ROSA FILHO, João Alves. *Combate do Irani. Associação da Vila Militar: Curitiba, 1998.*

Celso Martins



**Túmulo do combatente Neco Germano no Cemitério do Contestado do Irani com a cruz missioneira**

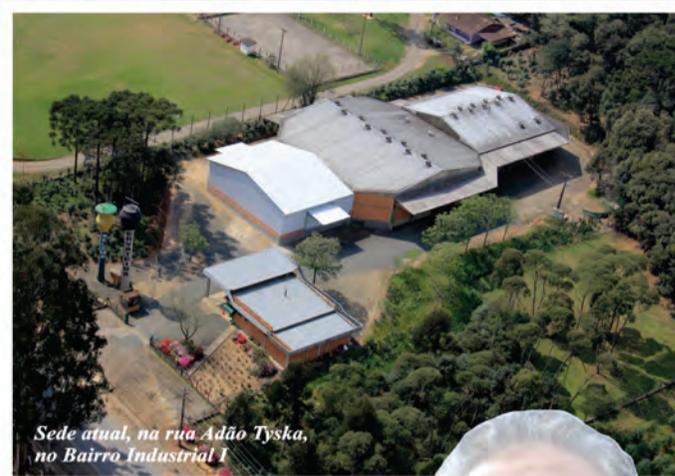


# Ervateira SELEME



**F**undada em 1918, por Emiliano Abrão Seleme, pioneiro industrial de Canoinhas, a Ervateira Seleme é uma das ervateiras mais antigas da região. Hoje instalada na Rua Adão Tyska, a Ervateira se prepara para o centenário que será daqui quatro anos. Tanto donos quanto colaboradores e funcionários se orgulham por trabalhar em uma empresa que ajuda no desenvolvimento e empregabilidade de Canoinhas. Atualmente a empresa envolve e emprega mais de mil famílias na região, além de exportar para todo o Mercosul, Europa e Ásia.

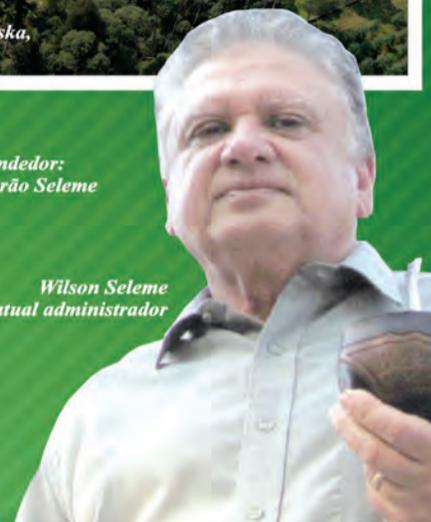
A Ervateira Seleme, com 96 anos de muito trabalho e dedicação acredita nesta terra e parabeniza o centenário do Contestado!



Sede atual, na rua Adão Tyska, no Bairro Industrial I



Empreendedor:  
João Abrão Seleme



Wilson Seleme  
é o atual administrador



Instalações de 1918 na rua José Boiteux, recebendo safra de 1960

Conhecer e valorizar  
a história da região.  
Uma inspiração para  
quem trabalha pensando  
nas futuras gerações.

Ao longo dos seus 70 anos de atuação no Brasil, a MWV Rigesa mantém um profundo respeito pela história das regiões onde possui operações. Isso se traduz, especialmente, na preservação de áreas de reconhecido valor histórico, nos apoios e patrocínios a projetos culturais e no desenvolvimento de programas de educação ambiental.

Homenagem da MWV Rigesa à memória dos 100 anos da Guerra do Contestado.

**MWV RIGESA**

**JUNHO DE 1914**

■ Assim que chega à região militar, o general Mesquita pede demissão ao ministro da guerra, sendo substituído pelo capitão Matos Costa. O fato não agrada os governadores, os coronéis das províncias, os parlamentares estaduais e federais, tão pouco o presidente Hermes, por ser um pacificador e simpatizante dos fanáticos no contestado.

**JUNHO DE 1914**

■ Com o assassinato do herdeiro do trono da Áustria, Francisco Ferdinando, antigas rixas políticas e vários países ganham força militar. Explode a 1ª Guerra Mundial, o inferno desaba sobre o velho mundo, trazendo morte, fome e miséria.

**JULHO DE 1914**

■ O comandante Elias ordena que Bonifácio José dos Santos Bonifácio Papudo - ataque a vila de Canoinhas. No ataque à vila, são mortos vários soldados, vigilantes e simpatizantes. Incendeiam dezenas de casas, deixando a vila completamente destruída.

**AGOSTO DE 1914**

■ O novo inspetor militar decide investigar pessoalmente as causas do conflito rebelde no contestado. Disfarça-se de caixeiro viajante, dentista, palhaço, barbeiro, mágico e improvisa outras profissões ambulantes. Conhece todos os líderes fanáticos, inclusive os reais motivos da guerra no contestado, onde tinha muita gente importante no poder provinciano, estadual, federal, ministros e empresas estrangeiras que eram os principais interessados no conflito.

# MATOS COSTA

Setembro de 1914, O inspetor da 11ª região militar, Capitão Matos Costa recebe um telegrama de Bob Helling da Lumber Company, informando-o do ataque rebelde à serraria Calmon no dia anterior, onde a serraria, estação, escritório, as casas dos empregados e mais de cem pilhas de madeira foram incendiadas. No violento ataque dos fanáticos, tiveram cinquenta mortos e aproximadamente sessenta funcionários ainda se encontravam perdidos no interior da mata. Recebe outro telegrama do intendente de Porto União, informando-o que a Vila de São João também foi vítima do ataque fanático, onde mais de cem habitantes foram mortos, inclusive várias mulheres e crianças. Os sobreviventes tiveram de fugir e se embrenhar na mata até chegar a Porto União. Conforme depoimentos de testemunhas, ainda tinham muitas mulheres, velhos e crianças perdidos na mata, ou permaneciam escondidos devido ao pavor com o violento acontecimento. Diante da gravidade da inesperada situação, o Capitão Matos Costa deixa o Coronel Dinarte no comando da região militar, dirigindo-se no primeiro trem para área do conflito, levando sessenta soldados e dois sargentos. No final da tarde, ele decide desembarcar com os seus soldados em Porto União, fazendo o restante do percurso a cavalo no início da manhã, até a serraria Calmon e vila São João, locais dos ataques rebeldes. Matos Costa manda todos improvisar um lugar para dormirem porque partiriam antes do amanhecer. Aproximadamente à meia-noite, recebe uma visita inesperada no interior da estação. A líder guerreira Maria Rosa decidiu alertá-lo que, Venuto e os pares de França pretendiam matá-los numa tocaia no caminho. Ela desaparece na escuridão da mesma forma que apareceu, deixando-o



Capitão Matos Costa

completamente confuso e perdido. A partir daquele momento, não consegue dormir, a imagem da bela Maria Rosa permanecia em seus pensamentos, deixando-o muito mais intrigado. Quando viu ela pela primeira vez no reduto do Taquaruçú, teve uma ligeira impressão de ser tocado por um forte sentimento. Mas a julgar pela própria realidade, era um relacionamento impossível, encontrava-se em lados opostos. Ele um militar e ela uma líder guerreira dos fanáticos. Eram como o sol e lua, sem nenhuma chance de viver um futuro romance. No caminho, o Capitão decide fazer a última tentativa de paz com os fanáticos, manda que o sargento e os soldados prosigam até a serraria Calmon. Matos Costa parte sozinho em direção do reduto rebelde, levando uma esperança que o levaria à morte. O sargento vendo o perigo que seu comandante estava correndo manda dez soldados ao seu encalço, pois tinham ordens de protegê-lo de qualquer ataque surpresa ou alguma tocaia. Os soldados percorrem o restante do caminho lentamente a ca-

valo com extrema cautela, com os olhos e ouvidos atentos a qualquer movimento suspeito. Após quase meia hora no rasto do Capitão, vêem que estava cavalgando tranqüilamente no meio de uma área descampada. O soldado Martins estava no comando, vê um brilho próximo da mata, temendo que fosse uma tocaia ao seu oficial superior e atira para cima com o seu fuzil. Nesse mesmo instante, Venuto atira com seu Winchester, transpassando o peito esquerdo do Capitão, que cai mortalmente ferido no gramado com o impacto da bala. Martins ao ver o Capitão ser alvejado por um disparo, é tomado por um sentimento de ódio e revolta com aquele ato covarde e aos berros ordena para dispararem contra os fanáticos. Venuto não esperava a existência de mais soldados, manda os pares de França atirar contra eles, não queria ninguém vivo. Apesar de serem todos os soldados experientes em confrontos, são imediatamente abatidos pelos disparos certos da elite dos novos jagunços. Venuto temendo que surgissem mais soldados desaparece no interior da mata, tomando a direção do reduto de Bom Sossego. Não muito distante do local, Bob Helling, os sargentos e restante dos soldados escutam o tiroteio em direção onde se encontrava o Capitão e os dez soldados, que tinha mandado segui-lo. O sargento no comando manda os soldados montarem em seus cavalos e partem para o local. Todos temiam que tivesse acontecido o pior com o Capitão e seus companheiros de armas. Ao chegar ao local, encontram todos mortos. O sargento manda os soldados carregarem os mortos, retornando para a serraria Calmon. Bob Helling ao ver a tragédia, pede para o sargento colocar os corpos do Capitão e dos soldados mortos num dos vagões, embarca com os seus vigilantes em outro vagão, partindo imediatamen-

te para Curitiba. Abate um clima de tristeza e revolta no vagão de passageiros, onde se encontrava os soldados do Capitão Matos Costa. Naquele momento, morria também, a última chance de paz entre os republicanos e os novos jagunços do contestado. Não só tinha morrido o Capitão Matos Costa, mas também toda a esperança. Agora nada mais segurava as feras republicanas para cometer o completo extermínio dos guerreiros de São Sebastião. Os Coronéis da miséria e os corruptos do poder republicano começariam a traçar o verdadeiro destino, tendo o intuito de trazer o holocausto no sertão.

Setembro de 1914, a morte do Capitão Matos Costa, inspetor da 11ª região militar em Curitiba, cai como bomba entre o alto escalão militar, parlamentares, Ministros e o Presidente Hermes da Fonseca. Todos os jornais do país deram manchete na primeira página, instigado pela sociedade conservacionista e patrocinado pelos desumanos Coronéis provincianos, solicitando uma solução imediata ao problema dos fanáticos na região contestada. O crime de um militar pacífico que lutou tanto pela paz no sertão da região sul, não poderia ficar impune, teriam de colocar na prisão todos esses marginais que se escondiam atrás de um culto religioso. Diante de tanto tumulto popular na cidade do Rio de Janeiro, inclusive em todo o país e no exterior, o general Hermes da Fonseca convoca uma reunião com o Ministro Vespasiano de Albuquerque, o Ministro das relações exteriores Lauro Müller e os demais Ministros, com o objetivo de solucionar definitivamente a revolta fanática no sul do País. Presidente Hermes e o seu ministério decidem enviar para a área de conflito, o general Fernando Setembrino de Carvalho, oficial veterano na guerra de Canudos e nas revoltas em

outras províncias do país. Incube os Ministros Vespasiano e Lauro a convencê-lo, fornecendo os seus préstimos militares em mais uma revolta. A princípio o general Setembrino recusou o convite do Ministro da guerra, mas diante do argumento que o indicaria ao ministério da guerra, quando o transferissem para outra pasta no ministério, resolveu aceitá-lo a missão na área de conflito, assim se aposentaria no poder máximo de sua profissão como oficial militar. General Setembrino parte antes do pôr-do-sol levando todos os seus oficiais num trem de passageiros, gentilmente cedido pelo grupo Farquhar. A locomotiva roda nos trilhos ininterruptamente por toda a noite e também o dia seguinte inteiro, chegando à estação de Curitiba ao anoitecer. O Coronel Dinarte envia uma carroça de passageiros para apanhá-los na estação, levando todos até a região militar. Assim que a comitiva chega, manda o sargento Martins levá-los para as suas novas acomodações. O general ordena que o seu ajudante de ordens, Tenente Antônio Guilhon arrumasse as suas bagagens em seus aposentos, porque pretendia inteirar-se com o Coronel Dinarte sobre os fanáticos. Coronel Dinarte informa-lhe que o Capitão Matos Costa reuniu todos os relatórios das expedições militares na área de conflito, como também as manchetes de jornais dos dois estados, os telegramas enviados pelos intendentes da região, de governadores, parlamentares do estado e federal, Ministros e do Presidente Hermes. Ele resolveu reunir todas as informações que julgou importante, assim facilitando a missão do novo inspetor da região. General Setembrino confia ao Coronel Dinarte, que no Rio de Janeiro, o general Mesquita falou muito bem sobre o Capitão Matos Costa e que tinha verdadeira admiração como pessoa e militar. Dinarte procura na pasta dos relatórios e apresenta para Setembrino o dossiê pessoal de Matos Costa: “O conflito rebelde e revolta dos sertanejos fanatizados na região



**Barricadas do Contestado: disputa por terras foi a causa principal da guerra**

do contestado, é produto dos Coronéis corruptos e exploradores da miséria no sertão. Toda essa violência é produto da ignorância de quem não teve outros meios para se defender, apegando-se de corpo e alma em filosofias milenares e apocalípticas de antigos monges, que peregrinaram pelo sertão, porque era o único fato verdadeiro que lhes restavam diante de tanta miséria”. “Numa conversa pessoal com o comandante interino, Elias de Moraes me confidenciou que deporiam todas as suas armas, se expulsassem da região vários Coronéis que estavam ficando ricos com esse conflito. Na mesma conversa outro líder, Chico Alonso alegou que, antes tratava de nossas devoções, não matava e nem roubava, mas vieram os Coronéis e o governo republicano e expulsou os filhos dos brasileiros dos terrenos que pertencia à nação, vendendo tudo aos estrangeiros. Diante disso, tivemos de nos rebelar, fazendo prevalecer os nossos direitos”. Nessa minha investigação nos redutos rebeldes, vi a existência de centenas de mulheres guerreiras e crianças, prontos para morrerem por tudo o que acreditavam. No momento aquela visão dramática surpreendeu-me e me sensibilizou muito e cheguei a perguntar para mim mesmo, quem realmente eram os rebeldes e os fanáticos nessa história apavorante, se os próprios fanáticos que lutavam por uma esperança e uma perspectiva melhor de vida ou se os Coronéis das províncias

e o governo republicano com as suas ambições desmedidas e cruéis? Por dezenas de vezes pensei em pedir demissão do exército brasileiro porque acreditava que sempre lutaria pela razão e pela justiça, mas tudo o que estava à minha frente era muito injusto aos meus olhos. Se me perguntassem hoje, o que levou a revolta fanática no sertão contestado, responderei com toda a certeza que foi o poder injusto da república. Explicarei o porquê da incorreta cobrança de imposto na região contestada que é devido à ociosidade do império e após da república que não definem os seus limites. A concessão republicana com o grupo Farquhar na construção da estrada de ferro, cedendo os trinta quilômetros no perímetro da ferrovia, complicando mais a situação já crítica, pois nessas áreas de terras existiam sertanejos a centenas de anos que foram expulsos com a alegação de que a terra não lhe possuía, e que já haviam sido vendidas a emigrantes europeus. Os sertanejos não tinham a quem recorrer ou em quem acreditar e começam a formar os atuais grupos religiosos. Outro fato que tumultuou a situação foi o término da construção da ferrovia, o governo republicano tinha feito um acordo verbal com os presidiários de São Paulo, Rio de Janeiro, jagunços de Canudos do nordeste e cangaceiros do norte, após uma boa parte deles ficarem abandonados nessa região, indo reforçar violentamente a irmandade fanática. A partir desse momento entra outro

agravante, os Coronéis provincianos começam a expulsar os poucos sertanejos que não entraram na faixa dos trinta quilômetros da construção e vendem todos os pinheiros e imbuías a Lumber Company, depois revendem as terras a sertanejos, fazendeiros, comerciantes e emigrantes de várias regiões do país. Em seguida obrigam a vender as terras, pagando-os com dinheiro republicano falso sob ameaça armada. E por último, a quadrilha de Coronéis, que explora a região do contestado contrata vaqueanos para infiltrarem-se entre os rebeldes, muitos deles ocupando cargos de liderança no grupo. Todos esses espiões tinham a missão de agir com extrema violência com os civis, fazendo-os se transformarem na visão de todo o país, de humildes caboclos do sertão em perigosos bandidos, que deveriam ser exterminados da face da terra. Aqui termino o meu relatório pessoal, não enviarei ao Ministro da guerra porque tenho a certeza da ociosidade e serei crucificado por todos os republicanos. Então deixo aos posteriores inspetores da região militar, com o intuito de ajudá-los no conflito armado no contestado. Coronel Dinarte retira-se do escritório da inspetoria, deixando o general Setembrino absorvido nos relatórios militar anteriores, inclusive com o dossiê pessoal do Capitão Matos Costa. O general sequer imaginava o que realmente estava em suas mãos. Era a revolta da Canudos Sulista.

#### AGOSTO DE 1914

■ Manoel Alves de Assumpção Rocha no reduto de Bom Sossego é nomeado imperador da Monarquia Sul Brasileira. O comandante Elias envia quatro carroças, o Alemãozinho e o Tavares e vários guerreiros para buscar armas na loja Hoepcke na capital Catarinense.

#### AGOSTO DE 1914

■ O ministro da guerra Vespasiano, convoca o capitão Matos Costa para prestar depoimento sobre as suas denúncias no parlamento federal, no Rio de Janeiro. Em seu depoimento apresenta provas concretas contra os coronéis das províncias, governos estaduais e do parlamento federal.

#### SETEMBRO DE 1914

■ Chico Alonso e outros líderes, no comando de 300 fanáticos incendeiam dezenas de pilhas de madeiras, a estação, casas dos empregados da serraria Calmon - Lumber Company, destroem também uma locomotiva da empresa Americana.

#### SETEMBRO DE 1914

■ Aleixo e duzentos fanáticos incendeiam e destroem a vila de São João.

#### SETEMBRO DE 1914

■ Bob Helling, sócio gerente da Lumber Company informa o capitão Matos Costa do ataque fanático à serraria Calmon e solicita que tome alguma providência sobre o acontecido. Ele deixa o coronel Dinarte no comando da região militar, parte de trem com uma tropa de dois sargentos e sessenta soldados. Venuto soube da vinda do capitão à serraria Lumber Company, decide fazer uma tocaia no caminho, onde matam o capitão Matos Costa e dez soldados, sendo esta a última chance de paz no sertão Contestado.



Pilhas de Madeira Lumber Company

#### SETEMBRO DE 1914

Elias de Moraes, comandante interino dos fanáticos, ao saber que Venuto matou covardemente o capitão Matos Costa, revolta-se, ordena a Adeodato Ramos executar Venuto, o que acontece num capão de mato no Vale de Santa Maria.

#### SETEMBRO DE 1914

A morte do pacifista capitão Matos Costa, cai como bomba entre os republicanos no Rio de Janeiro, fazendo com que o presidente Hermes da Fonseca e o ministro da guerra, Vespasiano de Albuquerque tomassem uma atitude mais radical. Os dois decidem enviar à área de conflito, o general Fernando setembrino de Carvalho, oficial veterano da guerra de Canudos, no interior do sertão Baiano.



Intendência de Curitibaanos Incendiada em 1914

# Exército recorre aos 'VAQUEANOS'

As sucessivas derrotas militares nos dois primeiros anos de combates levaram o Exército a terceirizar a guerra. Coronéis foram contatados para formar grupos de vaqueanos, como eram conhecidos os guias e mateiros, que além da função de identificar caminhos e pegadas de rebeldes, agiam como pistoleiros e degoladores. Muitos deles trabalham nas fazendas como capatazes e jagunços. Uma parte tinha atuado na Revolução Federalista de 1893. Foi naquele movimento que aprenderam a arte macabra da degola. O nome do coronel Fabrício Vieira, líder de um grupo de vaqueanos, aparece com destaque nos documentos do Exército. Tratava-se de um fazendeiro disposto a conquistar a confiança do Exército e do governo para aumentar suas terras e plantações de erva mate. A lista completa com os nomes dos "vaqueanos" está no site do Estadão na internet.

Havia diferenças marcantes nos perfis dos rebeldes e dos vaqueanos. Embora fossem homens da mesma região e de origens étnicas parecidas, eles se diferenciavam em questões de família. As diferenças se acentuavam no culto e no ódio aos coronéis. Os vaqueanos eram ligados aos chefes políticos, matava mulher e criança se recebesse ordens. Já o jagunço rebelde era um típico respeitador das convenções familiares.

Foi a partir do momento em que Adeodato começou a empregar práticas de degola de companheiros e "desrespeitar" mulheres que seu carisma e sua influência perderam força nos redutos. "O nosso caboclo aceitava matar, mas com ele não tinha desrespeitos", diz o pesquisador Aldair Goetten.

Em telegrama ao coronel Manoel Onofre, possivelmen-



Tropas paramilitares (vaqueanos) comandadas pelo coronel Fabrício Vieira, do Paraná

te escrito em fins de dezembro de 1914, o capitão Leopoldo Itacoatiara de Senna admite que as tropas militares não conseguiam se movimentar nos campos de araucárias. "Como se sabe, nestas paragens, o Exército dificilmente se moverá sem o auxílio dos sertanejos", escreveu Senna.

Ao longo dos primeiros meses de 1915, os vaqueanos já estavam integrados às tropas militares. Relatório escrito pelo tenente-coronel Antonio Pereira Leitão da Silva, em Lages, no dia 4 de maio, destaca que a tropa civil era "o que precisava". "Organizou o major Volgas Neves quatro piquetes civis compostos quase na sua totalidade dessa gente que emigra à força de seus lares e lutando com dificuldades de vida no centro da cidade, nutriam por isso forte odiosidade aos nossos inimigos. A demais, estes novos aliados conhecedores

exímios do terreno, podendo verificar até os mais escaços acoitos eram justamente o que se precisava", registra Silva. "Coube aos piquetes civis o êxito de num tiroteio com o cabecilha Castelhana e seu grupo, nas margens do Rio Pelotas, liquidarem tão temerário bandido, dando um grande passo na senda do fim. A esses também devemos o valoroso cometimento quando prenderam após perseguição o prestigioso fanático Ramiro Andrade."

#### LOUVOR AOS VAQUEANOS

Num trecho insólito de seu relatório de 20 de fevereiro, o comandante da Coluna Norte, Onofre Ribeiro, agradece aos "bandos" de civis que ajudavam o Exército. "Os mais francos louvores aos civis Salvador Pinheiro, Pedro Ruivo e Theophilo Beck, respectivamente representantes dos bandos do

coronel Fabrício, do Ruivo e do Leocádio Pacheco. Os arroçados vaqueanos Pedro Chaidt e Nicolau Fernandes foram seus auxiliares de primeira ordem."

O comandante pede atenção especial a um dos vaqueanos, que teve o braço amputado. "Permita VEx. que solicite a vossa consideração e recomendação das altas autoridades para o vaqueano Antonio Fortes, que sua bravura o levou a receber grave ferimento do qual resultou, imperiosamente, a amputação do braço direito, tornando incapaz de prover os meios de subsistência com toda a pugnância de sua invejável robustez e juventude", pediu. "Tivemos dois mortos: Manoel Cabral e Aric Opstal, aquele do bando do Coronel Fabrício e esse de Leocádio Pacheco."

Ele faz uma lista dos vaqueanos feridos - Francisco Antunes de Oliveira Netto, Manoel Francisco, João Caetano, Marcelino Verges, Antonio Miguel, Emilio Alves, Antonio Caetano da Silva, Flaviano Moreira, Joaquim Thomaz e José Valentim (bando de Fabrício). João Farias e Antonio Fortes (Leocádio Pacheco). Por fim, Onofre Ribeiro destaca que o coronel Fabrício matou dez "fanáticos" na Serra da Casemira.



Coronel Fabrício Vieira e seu compadre Artur de Paula



Cel. Felipe Schimidt, Cel. João Gualberto, Pedro Leão de Carvalho (Pedro Ruivo), Roberto Ehlke, Tertuliano Potyguara e São João Maria

# Principais PERSONAGENS na Guerra do Contestado

## IRMANDADE DE SÃO SEBASTIÃO:

Elias de Moraes - Elias de Sousa - Maria Rosa de Sousa - Francisco Alonso de Sousa - Euzébio Ferreira dos Santos - Praxedes Gomes Damasceno - Joaquim Gomes Damasceno - Benedito Pedro de Oliveira (Chato) - Cirino Pedro de Oliveira (Chato) - Elias de Melo - Miguel Lucena Boaventura (José Maria) - Henrique Wolland (Alemãozinho) - Manoel Alves de Assumpção da Rocha - Maria do Carmo - Chica Pelega - Conceição - Margarida - Terezinha - Clementina - Guilherme Helmich - Agostinho Saraíba (Castelhano) - Francisco Paes de Farias (Chico Ventura) - Manoel Teixeira (Maneco) - Joaquim Germano - Gustavo Reinhardt - Irmãos Sampaio - Bonifácio José dos Santos (Bonifácio Papudo) - Antônio Tavares Júnior - Francisco Salvador - Juca Ruivo - os videntes Teodora e Joaquim dos Santos (Neta e filho de Euzébio) - Sebastião Campos - Guilherme Paes de Farias (Guilherme Ventura) - Delfino Pontes - Murilo Gomes - João Paes de Farias (João Ventura) - Tobias Lourenço de Sousa - Adeodato Manoel Ramos - Olegário Ramos (Negro Olegário) - Francisco Maria Camargo (Chico Pitoca) - Benevenuto Alves de Lima (Venuto Baiano) - Conrado Globber - Manoel Lira de Jesus - Manoel Germano - Ignácio Gonçalves de Lima - Aleixo Gonçalves de Lima - Francelisio Sutil de Oliveira - Honório de Albuquerque - Joaquim Gonçalves de Lima - Maria Alves Moreira - Silvério Bastos - Manoel Morais (Pai Velho) - Paulino Pereira da Silva - Paulino Ribeiro - Francisco de Almeida - Cipriano de Almeida - Henrique Hass - Estanislau Schumann - Vacariano Nabor - Carneirinho e pouco mais de vinte mil fanáticos e jagunços. Contou com o apoio dos coronéis, Henrique Paes de Almeida (pai), Henrique Paes de Almeida (filho) e Miguel Frago, Domingos Soares e uma dezena de coronéis nas muitas províncias.

## CORONÉIS E AUTORIDADES:

Coronel Francisco Ferreira de Albuquerque - Coronel Virgílio Pereira - Coronel Marcos Gonçalves de Farias - Coronel José Rauen - Coronel Domingos de Oliveira Lemos - Coronel Zacarias de Paula Xavier - Juiz de Direito Guilherme Abry - Promotor de Justiça Marcílio da Cruz Maia - os Capitães João Alves Sampaio - João da Cruz Maia - Leogídio Vicente Mello - Major Euclides Ferreira de Albuquerque - Major Altino Gonçalves de Farias - Major João Severo Gomes - Major Simpliciano de Almeida - Major Graciliano T. de Almeida - Major Firmino de Almeida - Major Henrique de Almeida Filho - Major Salvador Calomeno - Coronel Henrique Rupp - Coronel Virgílio Antunes - Coronel Manoel Tomaz Vieira - Coronel Manoel Fabrício Vieira - Coronel Fabrício Vieira das Neves - Coronel Vidal Ramos - Coronel Felipe Schimidt - Dr. Afonso Alves de Camargo - Carlos Cavalcanti - Coronel Emiliano Ramos - Belisário Ramos - Senador Pinheiro Machado - Senador Lauro Müller - Deputado Federal Manoel Correia de Freitas - Antônio Rocha Tico - Deputado Ulbaldino de Amaral - Diocleciano Martyr - Deputado Sidnei Gonçalves - Ministro Rui Barbosa - Virgílio Martinho de Melo - Miguel Francisco Driessen - João Severo de Oliveira - José Knol, José Custódio de Melo - Aristides de Oliveira Lemos - Diogo Alves Ribeiro - Alzerino Waldomiro de Almeida.

## OFICIAIS REPUBLICANOS:

Tenente Coronel João Gualberto Gomes de Sá Filho - Tenente Coronel Busse - Desembargador Sálvio Gonzaga - Capitão Adalberto de Menezes - Capitão Maurício Antônio de Melo - Capitão Esperidião de Almeida - Ministro da Justiça Rivadávia da Cunha Corrêa - Capitão Euclides de Castro - Capitão Zaluar - Tenente Coronel Dinarte de Aleluia Pires - Major Trujilo de Melo - Capitão Lebon Régis - os Presidentes: Marechal

Deodoro da Fonseca - Marechal Floriano Peixoto - Nilo Peçanha - Rodrigues Alves - Afonso Pena - Hermes da Fonseca - Venceslau Brás - Capitão João Teixeira de Matos Costa - Major Januário Cortes - Tenente Coronel Vidal de Oliveira Ramos - Tenente Coronel Castelo Branco - Tenente Coronel José Carneiro - Tenente Coronel José Capitulino Freire Gameiro - Tenente Coronel Adolpho de Carvalho - General Carlos Frederico de Mesquita - Ministro da Guerra Vespasiano de Albuquerque - Ministro da guerra Caetano José de Farias - Tenente Coronel Campos - General Fernando Setembrino de Carvalho - Tenente Coronel Francisco Raul D'Estillac Leal - Capitão Tertuliano Albuquerque Potyguara - Capitão Vieira da Rosa Araújo - Tenente Coronel Henrique Rupp - Major Taurino de Resende - Tenente Coronel Júlio César - Tenente Coronel Onofre Ribeiro - Tenente Coronel Eduardo Sócrates - Major Furtado Paiva - Tenente José Pereira da Rosa - Tenente Joaquim Souza Reis - Tenente Herculano Teixeira de Assumpção - Tenente Walfredo Ermílio - Tenente Antônio Guilhon - Dr. Rabelo Pinto - Tenente Joaquim Ribeiro - Tenente Salvador Pinto Ribeiro - Capitão Francisco Alves Pinto - Sargento Carlos Pinkensleper - Tenente Belizário Caetano Ferreira Leite, comandaram as várias expedições, tendo um total de quase doze mil soldados. Após a saída do General Setembrino, assumiu a inspeção da décima primeira região militar, o Coronel Sebastião Basílio Pirro. São usados pela primeira vez no mundo, os aviões Parrascal Morone de 50 cavalos e um Morane Saulnier de 90 cavalos no reconhecimento aéreo, com o Coronel de origem alemã Ricardo Kirk, o Tenente de ascendência italiana Ernesto Dariolli. Os outros três aviões, um Bleriot de 80 cavalos e dois Parrascal Morane de 50 cavalos é destruído pelas fagulhas da locomotiva a vapor.

## PIQUETES DE VAQUEANOS LEGALISTAS:

Manoel Fabrício Vieira - Fabrício Vieira das Neves - Capitão Vieira da Rosa Araújo - Salvador Pinheiro - Pedro Vieira - Leocádio Camargo - João Alves de Oliveira - Virgílio Pereira - Tobias Ricardo - Antônio Camargo - Francisco A. Bueno - João Correia Sobrinho - Pedro Leão Carvalho (Pedro Ruivo) - David Padeiro - Nicolau Fernandes e muitos outros que formavam mais de três mil Vaqueanos.

## OUTROS PERSONAGENS:

João Maria D'Agostin - Anatólas Marcarf (João Maria de Jesus) - Frei Pedro Sizing - Frei Rogério Neuhaus - Frei Amanda Bahlmann - Frei Dimas Wolff - Frei Gaspar Flesch - Frei Candido Spannagel - Frei Menandro kamps - Frei Solano Schimidt - Frei Redento Kullmann - Frei Bruno Heuser - Bispo João Francisco Braga - Bispo Duarte Leopoldo e Silva - Os comerciantes Guilherme Gaertner e Antônio Rossi - os filhos do Coronel Albuquerque, Tiago, Elvira, Iracy e Orival Ferreira de Albuquerque - João Goetten Sobrinho - Os diretores da Lumber Company and Colonization, Brazil Railway Company, Percival Farquhar, Ernesto Bishop, Henry Wismaster e Jaime Bishop - Família Garipuna, Santos e Lima do Quilombo Capão dos Negros - Os Kaigang: cacique Condá, Virí, Cauê e Jáqui - Fortunato Branco - Artur de Paula e Sousa - Francisco Hass - Antônio Lyk - Luís Skyna - Saturnino Maia - Macário Maia - Miguel Valle - Conrado Wagner - Miguel Stocker - Vitorino José Silveira - Inácio Briaveltaki - Antônio Francisco Pasela - Arlindo Bessa - Pedro Schiffer - Roberto Andrés Guilleron - Simpliciano Ferreira Guimarães - Pedro Nicolau Werner - Leopoldo Steffen - Roberto Ehlke - Dr. Mileto Tavares - Cunha Barreto - João Nikisch - Joaquim Prudente - João Lourenço - Henrique Ramos.

# Barreiras FISCAIS

## OUTUBRO DE 1914

■ Coronel Felipe de Santa Catarina e Carlos Cavalcânti do Paraná reúnem-se com os demais coronéis das províncias, com o objetivo de se encontrar com o general Setembrino, cobrando uma solução definitiva ao problema fanático, agora já intitulado de jagunços de José Maria.

## OUTUBRO DE 1914

■ Elias de Moraes prevendo um forte ataque republicano contra a irmandade afasta do comando os líderes religiosos e entrega a liderança a seus comandantes de briga, experientes em várias situações adversas. Finda o controle fanático, inicia o ciclo jagunço.

O Decreto número 1, de 15 de novembro de 1889, assinado pelo marechal Deodoro da Fonseca, chefe do Governo Provisório, determina que as províncias sejam transformadas em estados e que elas mesmas organizem o respectivo governo. Nenhuma palavra sobre os eventuais problemas de limites que possam existir entre as antigas unidades do Império.

Para Santa Catarina e Paraná, a decisão do governo federal é desconfortável, já que os dois novos estados, nos últimos 15 anos do Império, haviam convivido com graves desencontros no alto da Serra do Mar, região de São Bento, pela impossibilidade de fixar o ponto exato dos respectivos limites.

Nos primeiros dias de julho de 1890, mais uma vez o Paraná cruza o Rio Negro e planta quatro barreiras fiscais que impedem a livre descida da erva-mate para a sua industrialização, em Joinville, e o posterior embarque no porto de São Francisco do Sul, rumo ao mercado consumidor do Rio da Prata.

As barreiras levantam protestos em

São Bento, em Joinville, no Desterro e na colônia catarinense do Rio de Janeiro, comandada por Esteves Júnior, respeitado político do novo regime republicano recém-instalado.

O governador do Paraná, Américo Lobo, garante que as barreiras foram levantadas fora da zona contestada e que a medida protegia a erva-mate produzida

no outro lado dos rios Negro e Iguaçu: o produto paga imposto para descer até o porto de Paranaguá. Como no lado de cá dos dois rios também era território do Paraná, o governador vizinho chega até a estranhar as pretensões de Santa Catarina, já que suas autoridades desejavam ocupar terras que nunca lhes haviam pertencido.



Celso Júnior/Reprodução

A guerra foi um tempo de revolta, violência, cavalaria, arma, munição

# Mili

Orgulho em  
fazer parte  
desta região!



A Mili é uma das maiores fabricantes brasileiras no segmento de higiene e limpeza. Seus produtos, papel higiênico, toalha de papel, guardanapos, fraldas descartáveis e absorventes higiênicos estão entre os líderes nacionais de mercado. A linha de produtos ainda é composta por mais uma série de itens de limpeza doméstica. Os produtos Mili estão presentes em todo o território nacional e no Mercosul por meio de um sistema próprio de distribuição totalmente focado nas necessidades dos clientes.

Conta hoje com mais 1.200 colaboradores diretos e indiretos, distribuídos por três unidades fabris, uma em Três Barras, outra em Curitiba-PR e a outra em Maceió-AL, que somam mais de 50 mil metros quadrados de área construída e estão em contínua expansão para abrigar ampliações ou novas linhas de produção. No Planalto Norte, localizada em Três Barras, a Mili S. A muito se orgulha em fazer parte do desenvolvimento econômico e social de uma região marcada por uma das maiores guerras da história do Brasil, a Guerra do Contestado. Neste ano em que se comemora o início do centenário desta batalha história, a empresa presta sua homenagem ao povo bravo e guerreiro que faz parte dessa história de luta pelo

# Soma de todo tipo de POBREZA

Até os últimos anos do Império, a principal via de ligação entre o Rio Grande do Sul e a parte central do Brasil era a Estrada das Tropas, aberta pelo casco das mulas e pelo passo lento das boiadas, rumo ao mercado consumidor de São Paulo e do Rio de Janeiro.

Ao longo da rota que corta as imensas extensões de terras devolutas do Planalto e dos Campos de Lages, durante um século e meio foram se instalando pousos, currais e

invernadas para o descanso do tropeiro ou para a engorda da boiada. Por interferência quase sempre da política, grandes porções dessas terras vão sendo doadas a particulares. Eram as sesmarias, a maioria delas transformadas em fazendas para a criação de gado, de cavalos ou de mulas.

O desenvolvimento da pecuária, no decorrer dos anos, é prejudicado pela ameaça constante dos ataques dos índios missioneiros, sobreviventes das reduções jesuíticas do Sul,

destruídas pelos bandeirantes paulistas.

Entre os poucos moradores da região, sesmeiros e posseiros, na maioria pequenos criadores e lavradores, mais agregados, peões, ervateiros e ex-escravos, havia também descendentes de gaúchos, vítimas da invasão espanhola, da Revolução Farroupilha, da Guerra do Paraguai e da Revolução Federalista.

Pelos campos e pelas matas espalhavam-se índios mansos, sem casa e sem condições

de trabalho, quase sempre por inapetência ou por falta de forças para lidar com gado xucro ou boiadas selvagens. Pelo fim do século XIX, esses grupos de índios arredios ao processo civilizador haviam dado origem ao caboclo, sem terra e sem inclinação para os trabalhos pastoris. Tudo uma soma de grandes misérias, fácil de ser pescada pelo fanatismo religioso que toma fôlego em meados do século XIX e que explode assim que o século XX abre as portas.

# A volta do MONGE

A morte de José Maria, no Irani, em 22 de outubro de 1912, determina a completa dispersão dos devotos do monge. Na sua maioria, os sobreviventes da chacina decidem regressar para Santa Catarina; cruzam o Rio do Peixe e voltam a conviver com as suas famílias nos municípios de Curitibaanos e Campos Novos.

O movimento fanático-religioso parece extinto. Santa Catarina perde-lhe os passos no decorrer de quase todo o ano de 1913.

No final da primeira semana de dezembro, uma notícia se espalha na região e até pela Serra Abaixo. O estimado frei Rogério, que tinha vindo da cidade de Lages, por solicitação do poderoso coronel Albuquerque, superintendente de Curitibaanos, havia seguido para um novo acampamento de fanáticos, mais uma vez no Taquaruçu, a fim de conferenciar e obter a dispersão do grupo.

No dia seguinte, já se conhece que os esforços do padre haviam fracassado. E

até que ele fora mal recebido e forçado a retirar-se, diante das ameaças de morte. O número de fanáticos é de 60 a 80 homens e todos estão dispostos a oferecer resistência se forem atacados pelo governo.

Boa parte dos acampados saiu dos matos da região. Eles nada têm em comum com os

poucos moradores de Taquaruçu, que até se retiraram para outros pontos.

Para o jornal O Dia, de Florianópolis, a notícia da reinstalação do reduto deve preocupar as autoridades públicas e militares, já que renasce a possibilidade de futuros enfrentamentos radicais entre

os fanáticos e as forças do governo. “A existência do reduto comprova o grau de fascinação que os celeberrimos monges exercem sobre o espírito da pobre gente ignorante daquelas paragens que, segundo dizem, acha-se reunida para aguardar a volta do monge.” (O Dia, 11 e 12, dezembro, 1913).



Carregando um “Fanático” morto. Campanha do Contestado – Fase – Gen. Setembro – Alto da Igreja antiga, em cujos fundos estava o cemitério anterior ao atual. (Transportando um jagunço anônimo num bauguê).

## NOVEMBRO DE 1914

■ O líder Chico Alonso ataca a vila do Rio das Antas. Adeodato Ramos aproveitando o tumulto do confronto mata-o covardemente, com a ambição de assumir o comando dos pares de França e ficar com a sua mulher. Em seguida manda um de seus vaqueanos, matar nas proximidades dos Campos de Monte Alegre, a sua mulher Maria Firmina e a sua sogra.

## NOVEMBRO DE 1914

■ Apoiado por todo o poder coronelista, o corrupto coronel Fabrício Vieira das Neves, reúne os mais conhecidos chefes de piquetes de vaqueanos, incumbidos de acompanhar as forças federais e localizar o reduto dos jagunços. A partir desse instante, nascem os piores bandidos legalistas da época, inclusive aproveitam para exterminar os seus desafetos.

## DEZEMBRO DE 1914

■ O líder Elias ordena que Bonifácio Papudo ataque com os seus guerreiros, a vila de Canoinhas, que é novamente destruída e incendiada, espalhando a violência e o terror pelos jagunços de José Maria.

## JANEIRO DE 1915

■ Em Curitiba, general Setembrino reúne-se com os seus oficiais, repassa-lhes os seus planos em detalhes, informando-os que as tropas teriam ajuda dos piquetes legalistas, profundos concededores da região contestada. O plano desagrade os oficiais, mas não têm outra opção, a não ser cumprir as ordens de seu superior. pequenos barracos.

**JANEIRO DE 1915**

■ O major Taurino de Resende no comando de oitocentos soldados e com os piquetes de Pedro Vieira e Fabrício Vieira ataca o reduto de Pinhalzinho, liderado por Antônio Tavares. Ele e os confinados sobreviventes são obrigados a fugir, do contrário seriam todos exterminados. O major Taurino assume o controle e manda incendiar todos os pequenos barracos.

**JANEIRO DE 1915**

■ O major prossegue ao reduto de São José, liderado pelo bandoleiro Josefino, que também assume o controle e incendeia o local.

**JANEIRO DE 1915**

■ O tenente coronel Raul D'Estillac Leal no comando de 600 soldados e o piquete de João Alves de Oliveira, assume o controle do reduto de Pinheiros de Henrique Wolland - Alemãozinho, depois o incendeia.

**JANEIRO DE 1915**

■ Alemãozinho com Chica Pelega ferida no confronto, pede refúgio entre os Kaingang, onde são muito bem recebidos pelo cacique Cauê. Dias depois, o piquete de Pedro Ruivo ataca a aldeia, tendo o objetivo de exterminá-los, jogando a culpa nos jagunços da irmandade de São Sebastião. Mas são surpreendidos pelos índios e obrigados a fugir do confronto, do contrário o caçador os transformaria em caça.

**JANEIRO DE 1915**

■ O comandante Elias reforça a vigilância no reduto de Santa Maria, temendo um ataque surpresa, como os outros foram destruídos. E para complicar mais a situação, os foragidos dos redutos destruídos procuram abrigo no vale. Surge uma epidemia de tifo, levando à morte dezenas de confinados.

# JOSÉ MARIA aparece em visões

A família de Euzébio Ferreira dos Santos, um dos sobreviventes do primeiro reduto de Taquaruçu, decide abandonar a localidade de Perdizes, onde vive com a família, e instala-se de novo em Taquaruçu, à espera da volta do monge José Maria.

A comitiva entra na pequena localidade e apresenta-se na casa do negociante e amigo Praxedes Gomes Damasceno.

- Peço uma pousada nesses terrenos para esperar o Zémaria, que deve estar chegando.

Praxedes Gomes e seu irmão Joaquim Gomes Damasceno haviam acompanhado José Maria até o Irani e ambos foram feridos no combate de 1912. Por isso não queriam mais entrar na confusão.

Euzébio e família recebem



Esta foto, embora muitos atribuam a João Maria, o primeiro monge, é, na verdade, do segundo monge a aparecer por aqui, conhecido como João Maria de Jesus. Do primeiro não há fotos.

autorização para acampar dois quilômetros mais à frente, ao redor da casa de Francisco Paes de Farias, o Chico Ventura.

Euzébio dos Santos e Chico Ventura fornecem comida e até dinheiro para os caboclos que se agregam ao acampamento. Em poucos dias, já estão reunidos 170 homens, fora mulheres e crianças.

Instalado o acampamento, o monge não aparece em pessoa, mas fala aos caboclos através de Teodora, a neta de 11 anos de Euzébio.

Logo, logo, o monge deixa de lado a menina como porta-voz e se comunica com Manoel, filho de Euzébio, um jovem de 17 anos.

Sempre que precisa entrar em contato com o monge, Manoel se retira para o mato. Recebe

as ordens e, ao repassá-las em reunião de todo o grupo, os caboclos ouvem-no com atenção.

Uma série de lendas se espalha de imediato. Uma delas é que a intimidade entre Manoel e o monge é tão profunda que o jovem é capaz de distinguir nos matos os ramos das árvores que o monge tocou quando por ali estivera. E, por isso, ramos e árvores se tornam objeto de veneração. Em determinadas ocasiões, os devotos chegam a beijar as mãos e os pés do jovem. Conta-se, igualmente, que Manoel, na hora das refeições, conduz para o mato, numa bandeja, as iguarias mais apetitosas dizendo serem para o monge. Horas depois, volta com a bandeja vazia.

- O monge estava com uma fome de todo o tamanho!

## A vida no REDUTO

No reduto, Euzébio Ferreira dos Santos e o amigo Chico Ventura realizam venda de gado e outros bens para organizar o Exército Encantado de São Sebastião e para alimentar os quase 200 caboclos, fora as mulheres e as crianças. Todos se encontram no trabalho de levantar a nova Jerusalém.

Perto da residência de Chico Ventura levanta-se uma igreja de madeira. Em torno dela vai crescendo rápido um conjunto de casas improvisadas com lascas de pinheiros e distribuídas em ruelas surgidas ao acaso. Com o passar do tempo, 500 metros adiante, foi instalada uma segunda parte do reduto.

Durante a primeira semana do ajuntamento, qualquer pessoa pode entrar e sair do reduto. Mas, logo em seguida, quem entra para receber

comida ou para visitar parentes e conhecidos é obrigado a permanecer.

Euzébio tem um filho chamado Manoel, que se diz intérprete do monge, que ainda não apareceu. Manoel diz que se comunica com o monge, cujas ordens transmite aos acampados. Todas as manhãs os fiéis vão beijar-lhe os pés.

Nas primeiras semanas da vida em comum, os caboclos ocupam o tempo em rezar e em repetir procissões de louvor e de cantorias. Em todas elas, Manoel abre o desfile, acompanhado pelas virgens, meninas colocadas a serviço do monge, jovens e mulheres não casadas. Depois, vêm as mulheres casadas sem filhos,

em seguida, as casadas com filhos. Os homens encerram o desfile com as suas armas e com os meninos, que preferem acompanhar os pais.

A alimentação é preparada com gêneros comprados e pagos à vista. Os animais abatidos para o consumo também são pagos a dinheiro.

O filho de Euzébio, de vez em quando, vai ao mato próximo. Lá, ouve o que lhe diz o monge para ser comunicado ao reduto.

“A vida no reduto é de orações e súplicas às vezes, acompanhadas com razoável consumo de cachaça”. (O Dia, 23, dezembro, 1913). Os caboclos afirmam que não pretendem fazer mal a ninguém. Segundo ordens recebidas de José Maria, eles desejam levantar uma cidade só deles e onde possam viver em paz com todos, e felizes com eles mesmos.



Cruz da Capelinha no Alto da Colina, em Canoinhas. A cruz é um dos símbolos do messianismo dos monges pela região



# DEPUTADO FEDERAL ONOFRE SANTO AGOSTINI



## UM SÉCULO DE CONTESTADO

*O ano de 2012 é especial para o Planalto Norte. Completamos um século da Guerra do Contestado, que marcou o chão e a vida desta região. Um dos maiores tesouros da fé cabocla está na memória dos 100 Anos do Contestado. Lendas e histórias cercam a figura marcante do monge João Maria e nos orgulha e nos enche de emoção por revivermos esse momento da região do conflito do Contestado.*



lançamento:

Edifício *Santos Dumont*



*Crescendo com Cancinhas e Região!*

Gasda e Steilein

**Arquitetos Associados**

Rua 12 de Setembro, 944. Tel 47-3622 4978



## FEVEREIRO DE 1915

■ A destruição de vários redutos, onde foram feitos centenas de prisioneiros e levados à vila de Canoinhas. O general Setembrino telegrafa aos líderes republicanos, solicitando ordens do que fazer com os quase mil prisioneiros, pois não tinham nenhuma condição de alimentá-los. Recebe a resposta tempo depois, dando-lhe carta branca para solucionar o problema. O general pressionado pelos governadores dos dois estados, parlamentares e coronéis das províncias, decide exterminá-los, queimam e jogam as cinzas no Desfiladeiro da morte e do Diabo, nos arredores da Canoinhas.

## MARÇO DE 1915

■ Coluna Norte - O tenente coronel Onofre Ribeiro no comando de oitocentos soldados, três oficiais e um piquete de vaqueano legalista destroem os redutos de Colônia Vieira, Aleixo, Timbózinho, São Sebastião e Piedade. O major Taurino de Resende no comando de oitocentos soldados, três oficiais e dois piquetes de vaqueanos legalistas destrói os redutos de Cemitério, Francisco Salvador, Estanislau Schumann, Guilherme Helmich. O capitão Euclides de Castro no comando de novecentos soldados, dois oficiais e dois piquetes de vaqueanos legalistas destroem Guarita de Conrado Globber, Passo de João Vargeano, Boliche de João Santos e de Sebastião Campos.

## MARÇO DE 1915

■ Os irmãos Ventura e os seus piquetes nas proximidades de Porto União descarrilam uma locomotiva e dezenas de vagões, que transportava toras para serraria Lumber Company.

# TENTATIVA de padre fracassa

A notícia do ajuntamento dos devotos de José Maria, em dois locais, um distante do outro cerca de meio quilômetro, no reduto de Taquaruçu, bem como a sua nítida organização e treinamento militares, deixa em sobressalto a cidade de Curitiba.

Notícias alarmantes chegam de todos os lados. As autoridades municipais come-

çam a temer possíveis ataques dos caboclos em busca de alimentos ou de armas.

Antes de solicitar a presença de um reforço militar para restabelecer a tranqüilidade da região, o coronel Albuquerque, superintendente de Curitiba, convence o frei Rogério, agora vivendo em Curitiba, a deslocar-se ao reduto para tentar a dissolução dos acampados.

# Plano para o ATAQUE

O coronel Vidal Ramos, governador do Estado, comunica ao general Alberto de Abreu, inspetor da Região Militar com sede em Curitiba, que no lugar denominado Taquaruçu foi localizado um ajuntamento de 150 homens e 50 mulheres, a maior parte, armados.

Quatro dias depois, em outro telegrama, remetido ao ministro da Justiça e Negócios Interiores, Rivadávia da Cunha Corrêa, Vidal Ramos solicita do governo federal medidas eficazes para evitar que “o ban-



Coronel Vidal Ramos, governador do Estado



Foto de 13 de outubro de 1912, quando constituído por 158 soldados e 17 cavalos o Regimento de Segurança do Paraná em trem partiu de Curitiba rumo aos campos de Palmas, sob o comando do capitão João Gualberto Gomes de Sá Filho

do de fanáticos, como da outra vez, tome o caminho de Palmas, ou se interne pelos sertões de Canoinhas e Timbó”.

O governador catarinense toma a liberdade de sugerir que a força federal, dois contingentes, seja transportada pela Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande. Um destacamento deveria desembarcar na estação de Rio Caçador para tomar a direção de Curitiba e o outro teria como

destino Herval ou Capinzal e daí seguir para Campos Novos.

Os dois grupos deveriam reunir-se, nas proximidades de Taquaruçu, com um outro destacamento da Polícia Militar de Santa Catarina que já estava subindo de Florianópolis, para Lages e Curitiba.

O governo federal atende à sugestão do governo catarinense. De Porto União da Vitória, despacha dois desta-

camentos expedicionários. Os 100 homens, sob as ordens do capitão Adalberto de Menezes, desembarcam em Rio Caçador, e outros 60, sob o comando do capitão Esperidião de Almeida, seguem até a estação do Herval.

As ordens recebidas, tanto de Curitiba quanto de Florianópolis, são claras: “Observar os movimentos de um grupo de fanáticos que se reuniu em Taquaruçu, mas evitar hostilizá-lo.”

# DAS MEMÓRIAS de Frei Rogério

“No dia 8 de dezembro, às 10h da noite, cheguei debaixo de uma chuva torrencial à casa de Praxedes Gomes Damasceno. Disseram-me que o grupo de Euzébio estava ali a dois quilômetros, organizado ao redor da casa de Chico Ventura. Às 7h do dia 9, com quatro pessoas, consigo entrar no acampamento. Exponho o motivo da minha visita.

“Eu vos considero como meus filhos. Quero bem a vós todos. Até estou pronto a dar a minha vida por vós. Convidovos para assistir à Santa Missa e, depois, cada um volte para a

sua casa”.

A demorada entrevista se mostra inútil. Euzébio e o filho Manoel se recusam a desfazer o acampamento. Continua o frade:

“Dirigi-me a algumas mulheres pedindo que, por amor aos seus filhinhos, se retirassem. Repliquou uma delas:

- Se morrermos, morreremos na fé de Deus.

Montei na mula, dirigindo-me, ainda uma vez, a Euzébio:

- Se o senhor não quiser aceitar meus conselhos, digo-lhe o último adeus, porque o senhor morrerá”.

Acervo do Prof. Fernando Tokarski

# MARCHAS fora de compasso

A marcha, via terrestre e a pé, desde Rio Caçador até Taquaruçu, da tropa do capitão Adalberto de Menezes, convive com uma série enorme de imprevistos. Primeiro, o capitão deve bater-se com inúmeros contratemplos para organizar o sistema de apoio que acompanhará o grupo. Os tropeiros e os proprietários das mulas levantam dúvidas sobre o pagamento do aluguel e a indenização dos que se perderem ou forem mortos.

Os animais são conseguidos porque

o negociante Guilherme Gaertner decide servir como fiador da operação de empréstimo. Foi muito difícil pôr em marcha a tropa de mulas. Algumas delas corcoveavam e disparavam com a carga que lhes era colocada sobre as costas. Acontece ainda que os soldados não sabem conduzir a tropa, que deveria atravessar terrenos montanhosos e praticamente sem veredas adequadas para permitir a passagem do animal carregado com a respectiva bruaca.

No trajeto, o capitão se depara com a

péssima qualidade dos caminhos. Os soldados equipados, em completa ordem de marcha, com o farnel de comida e demais apetrechos, desde logo, sentem-se extenuados pelas íngremes subidas e descidas bastante freqüentes. A coluna é obrigada a parar muitas vezes para aguardar que um ou outro animal desgarrado retome o trilho, ou para carregá-lo novamente porque ele cuspiu a carga aos corcovos, diante do obstáculo que se apresentava à sua frente.

## Três frentes de CONFUSÃO

O plano de ataque ao Taquaruçu foi elaborado pelo capitão do Exército Lebon Régis, secretário-geral dos Negócios do Estado de Santa Catarina. Dentro do esquema, três destacamentos militares marchariam por veredas separadas em demanda ao ajuntamento.

Do norte, a partir de Rio Caçador, desciriam 100 homens do capitão Adalberto de Menezes; do sul, desde Herval-Campos Novos, subiriam os 60 soldados do capitão Esperidião de Almeida; de Curitiba, marchariam rumo noroeste, os 60 praças da Polícia Militar de Santa Catarina, comandados pelo capitão Eu-

clides de Castro.

Ao todo eram 220 soldados bem armados e muito bem guarnecidos de armamentos, nele incluído algumas metralhadoras. Os três destacamentos trazem ordens expressas do governador Vidal Ramos:

“Dispersar e desarmar os sertanejos sem derramamento de sangue. Em seguida, fazer incidir sobre os criminosos a ação enérgica da polícia.”

O capitão Esperidião de Almeida, na sua qualidade de oficial mais antigo, é o comandante-geral das forças em marcha. Os três destacamentos iniciam a cami-

nhada em pinça sobre Taquaruçu, desde Caçador-Campos Novos-Curitiba. A partir de uma certa altura da marcha, nenhum dos três grupos dispõe de mapas, de informações sobre o terreno, de garantia da colaboração dos guias, os vaqueanos.

Antes da chegada ao reduto, a uma légua de distância, a tropa do capitão Adalberto junta-se ao destacamento dos soldados da Polícia Militar. Mas os soldados do capitão Esperidião de Almeida não se reúnem aos companheiros, já que o comandante prefere permanecer alojado em uma fazenda das proximidades.

*Acervo da Fundação Cultural de Canoinhas*



Campanha do Contestado. A rendição de Bonifácio Papudo. Depois da Refrega de 20 de dezembro de 1914 em que os fanáticos foram derrotados no Reduto das Piedade e Guarda do Palmito, Bonifácio José dos Santos (Papudo) e numeroso grupo de bandoleiros resolve apresentar-se ao Comando das Forças Militares de Canoinhas

Euzébio, Manoel Rocha, Cirino e Benedito Chato e os seus piquetes nas proximidades dos Campos de Monte Alegre, descarrilam uma locomotiva e dezenas de vagões, que transportava toras também para a serraria. Aleixo e o irmão Ignácio com os seus piquetes destroem e incendiam a serraria Lumber. Benedito, Paulino Pereira e os seus piquetes destroem e incendiam o armazém de Guilherme Gaertner e a estação do Rio Caçador. Depois do ataque violento, todos os piquetes retornam ao vale sagrado de Santa Maria.

### MARÇO DE 1915

■ O ministro Caetano de Farias envia cinco aviões para fazer reconhecimento aéreo na região do contestado, mas no transporte três aviões são completamente destruídos pelas fagulhas da locomotiva à vapor; um Parrascal Morane e um Bleriot são recuperados. O coronel alemão Ricardo Kirk faria o reconhecimento de Canoinhas até a região de Palmas, enquanto o tenente Ernesto Dariolli faria o reconhecimento de Canoinhas a Curitiba. Nos arredores de Porto União, o coronel Kirk tem uma pane em sua aeronave, tenta fazer um pouso forçado, mas bate violentamente contra um pinheiro, morrendo instantaneamente. Nas proximidades de Curitiba, falta combustível na aeronave do tenente Dariolli, obrigando-o a fazer um pouso forçado na vila. Com o auxílio do coronel Marcos G. Farias e major Euclides F. Albuquerque reabastece a aeronave e retorna a Canoinhas. Com a trágica morte do coronel Kirk, os planos de reconhecimento aéreo são suspensos.

**MARÇO DE 1915**

■ Coluna oeste - O tenente coronel no comando de mil e quinhentos soldados, dois oficiais e três piquetes de vaqueanos legalistas vasculham os arredores de União da Vitória, vila de Rio das Antas, Nova Galícia, serraria Calmon e serraria Lumber. Em seguida recebem ordens de marchar para a estação Caçador, onde deveriam reconstruí-la.

**MARÇO DE 1915**

■ Coluna Leste - O tenente coronel Júlio César no comando de quinhentos soldados, um oficial e um piquete de vaqueano legalista percorrem os arredores da vila de Papanduva. À frente de várias tentativas frustradas, improvisam acampamento na vila. O major Taurino de Resende no comando de quinhentos soldados, dois oficiais e um piquete de vaqueanos legalista percorre os arredores da vila de Rio Negro. Não conseguindo o objetivo, improvisam acampamento na vila. O capitão Tertuliano Potyguara no comando de quinhentos soldados, dois oficiais e um piquete de vaqueano percorrem as cercanias de vila de Itaiópolis. Como também não obtiveram sucesso, improvisam acampamento na vila.

**MARÇO DE 1915**

■ O capitão Henrique Wolland – Alemãozinho - pede a seu amigo Carneirinho que siga a coluna sul, enquanto tenta convencer os líderes da irmandade no sentido norte. Tempo depois, ele chega ao novo reduto Piedade de Bonifácio Papudo e é recebido com hostilidade. Explica a sua história em detalhes, a real situação e as conseqüências se continuassem com os seus planos.

# Terras do SERTÃO

*Acervo da Fundação Cultural de Canoinhas*

**O**s anos de 1912 a 1915 marcam a História de Santa Catarina com uma convulsão social armada que escreveu páginas de horror e de ódio no Vale do Iguaçu, ao Norte; pelo Planalto de Lages, no Centro-Sul; e nas terras de todo o Meio-Oeste.

As bases do conflito sangrento se estruturaram ao redor de uma legião de fanáticos religiosos composta por agregados das fazendas dos coronéis; por ex-operários demitidos ao terminar a construção de uma estrada de ferro; por “sem-terra”, ex-posseiros varridos dos seus lotes; por ervateiros sem erva para colher; por imigrantes; por dezenas de pequenos proprietários expulsos de seus pinheirais; e por gente que perdeu seu pequeno negócio.

Toda essa gente, fora das leis da economia agropastoril, vive na região do Contestado,



**Grupo de Autoridades de Canoinhas em 1914 poucos dias antes do ataque dos fanáticos à então Vila de Santa Cruz de Canoinhas, vendo-se no 1º plano ao centro: Dr. Mileto Tavares da Cunha Barreto (juiz de direito); Major Manoel Tomaz Vieira (Superintendente Municipal); Rodolfo Bading, Júlio Budant e Bonifácio Papudo (José dos Santos)**

uma “terra de ninguém”, marcada pela persistência de uma velha rixa de 150 anos entre o

Paraná e Santa Catarina, com a autoridade discutindo se os limites geográficos devem ou

não ser molhados pela margem esquerda dos rios Negro e Iguaçu.

## CONFLITO SOCIAL, revolução, banditismo

**N**os primeiros anos deste século, o Vale do Iguaçu, o Planalto de Lages e o território do Meio-Oeste de Santa Catarina são atingidos por uma convulsão social armada que aniquila a convivência entre os diferentes grupos humanos e desmonta a vida econômica de toda a região.

As bases do conflito se estruturam ao redor de uma legião de agregados nas fazendas dos coronéis; de ex-operários demitidos da construção de uma estrada de ferro; de posseiros varridos do lote que ocupam; de ervateiros sem erva para colher; de pequenos proprietários que perderam seus pinheirais. E de toda a espécie de gente fora-da-lei porque vive nas terras con-

testadas pela velha rixa de 150 anos entre o Paraná e Santa Catarina, por conta dos limites geográficos.

Um dia, o andarilho, transformado em monge, e um grupo de devotos resolvem acampar no cantão de uma fazenda cedida pelo proprietário, entre Curitiba e Campos Novos.

A incômoda presença dessa pequena legião de excluídos socialmente é tomada como o início de um possível conflito social e coloca em sobressalto as autoridades de Florianópolis, de Curitiba e do Rio de Janeiro. Curitiba conclui que o acampamento é uma estratégia de Santa Catarina para garantir a posse de um território que não lhe pertence.

O Exército Nacional, por



*Acervo do Arquivo Histórico do Exército*

sua vez, se apavora diante da perspectiva do surgimento de um Canudos aqui no Sul. E Florianópolis teme um enfrentamento entre os coronéis e os caboclos.

A tática de dissolver a organização da miséria pela força das metralhadoras e das

balas do canhão transforma o presumido conflito social e político numa revolução entre as Forças Armadas e o povo. E descamba na lógica de um banditismo descontrolado, uma guerra de guerrilhas que ainda não foi devidamente bem-contada.

# Resistindo A FACÃO

Depoimento de João Maria Palhano, filho de jagunço, “gente valente”.

“A guerra quase nos matou de tanta fome. Não fosse a caça e o gado encontrado nas propriedades ninguém tinha resistido. Do jeito que os mais velhos contaram, aqui em Taquaruçu tinha um acampamento igual aos dos colonos sem-terra que andam por aí ocupando fazendas. Era gente chegando de todas as partes.

As forças do Exército queimaram tudo - a igreja, as casas, o armazém. Foi tudo pelos ares.

Não ficou quase nada. Dentro da capelinha tinha uns parentes nossos. Eles arderam no fogo. Também tive uns tios que morreram no combate do Irani.

Se meu pai não se escondesse no mato, todos nós teríamos sido fuzilados pelos soldados. Eles não poupavam ninguém. Morreu gente barbaridade. Até bucha de canhão encontramos lá no local do reduto. Dentro tinha 157 bolas de chumbo. Cada bola que só vendo. Onde estourava aquilo, Nossa Senhora. Imagina o estrago que fazia. E os caboclos resistindo a facão. Como é que pode?”

# Depoimento de JOÃO VENTURA

“Eu falo a verdade sobre a Guerra do Contestado porque estive lá. Com os meus olhos avistei o povo, as lutas. Presenciei a organização dos redutos, onde os devotos do monge se abrigavam para uma espécie de vida em comunidade, obedecendo a uma disciplina de quartel e de convento. Bati tambor, puxei cânticos, ouvi rezas.

Passei a vida contando esta história para meus filhos e meus netos. Espero que eles passem os fatos adiante para que os seus descendentes conheçam a história da nossa gente.

A luta não valeu os sacrifícios. Não prestou para nenhum dos dois lados. Foi um banditismo. O governo

com aquelas armas de fogo. Os caboclos com paus e facões. Algumas vezes se conseguia armas de fogo. E, aí, os estragos não respeitavam ninguém.

Meu pai era um homem rico. Foi morto numa tocaia. Mesmo depois de tudo passado, ficava a raiva entre as pessoas. Eu, pelo menos, não consigo esquecer. O fim da guerra não acabou com o ódio entre as pessoas. Muita gente ficou do lado dos caboclos. Mas muitos outros ficaram com o governo.

Nossa família perdeu tudo o que tinha. Meu irmão foi capitão a favor dos jagunços. Ele chamava-se Guilherme. Era um homem valente. Tudo não adiantou nada”.



Militares convocados para enfrentar os rebeldes



Militares se deslocam em um trem



Quando rebeldes começaram a se organizar e virar um grupo armado, havia enfrentamento contra os militares

# Dúvidas e INCERTEZAS

De uma crônica do *Jornal do Comércio*, de Curitiba, 5 novembro, 1864.

“Muitos paulistas empreendedores, depois de insano fatigante trabalho, depois de repetidas tentativas, descobriram afinal os Campos de Palmas, que lhes aumentaram as posses.

Quais Colombos em miniatura hastearam no solo virgem das pegadas da civilização o estandarte da conquista feita aos selvagens.

Estabelecido o direito de propriedade, dividiram proporcionalmente o achado e entraram na posse das novas terras.

Não edificaram por lá ‘novo império que tanto sublimaram’, mas construíram palhoças que são hoje, se não sublimes, pelo menos impor-

tantes fazendas de criação de gado.

Com o suceder dos anos, as posses foram transferidas a outros, divididas e subdivididas. E os campos povoaram-se com rapidez.

Se para a descoberta dos Campos de Palmas só concorreram os paulistas, a que província deverão eles ficar pertencendo, especialmente não existindo limites?

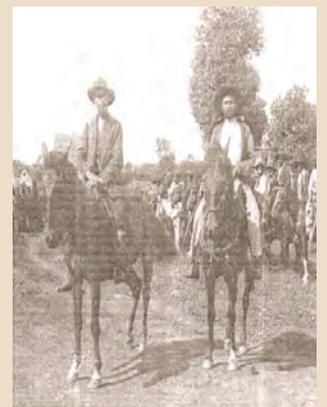
O bom senso responde. Os habitantes ali domiciliados ficaram sujeitos às autoridades de São Paulo e, a partir de 1853, às do Paraná.

A presunção de direito, proveniente da posse sobre as terras de Palmas, tem que ser respeitada, porquanto, o que existe são dúvidas e incertezas sobre os verdadeiros, os justos e os convenientes limites, ainda não firmados.”

Foi convicto que seriam todos exterminados da face da terra, porque as quatro colunas do general Setembrino tinham sete mil soldados e quase cinco mil vaqueanos legalistas. Após segue para os novos redutos de Francisco Salvador, Estanislau Schumann, Conrado Glober, Reinhardt, seguindo na direção aos demais no sul do estado.

## MARÇO DE 1915

■ Coluna sul - A frente do coronel Estillac Leal no comando de quinhentos soldados, seis oficiais e o piquete do lendário Lau Fernandes, seguem em direção ao vale de Santa Maria. Alemãozinho e Carneirinho tentam convencê-los a depor as armas, pedem que todos os confinados retornem as suas casas, assim evitaria milhares de mortes desnecessárias. Alemãozinho conta que tinha recebido a missão do próprio São João Maria. Maria Rosa confirma a veracidade de suas palavras. Apesar de saber do fato, insistem no confronto com as tropas republicanas. Elias de Moraes coordena o plano no confronto com a frente do coronel Estillac Leal, enquanto ele e a sua tropa se encontravam a caminho do reduto. Houve o confronto dos jagunços com as tropas do coronel Estillac Leal, obrigando-os a recuar até a vila de Butiá Verde. Dias depois, decide formar o cerco na única entrada do reduto, assim forçando-os a se entregar quando houvesse escassez de alimentos, o que aconteceria dias depois.



Capitão Henrique Wolland, Carneirinho e jagunços

**Habitare**  
Imóveis  
CRECI 2981J

lançamento:

Edifício  
*Santos Dumont*

*Venha conhecer o novo lançamento  
da GeS Construtora.*



**Fone: 3622-5252 / 9918-8908**

Rua Getúlio Vargas, 345, sala 01 - Centro - Canoinhas-SC

**VISITE NOSSO SITE: [www.habitareimo.com.br](http://www.habitareimo.com.br)**

**A MEMÓRIA  
É NOSSO LEGADO  
PARA LUTAR  
SEMPRE POR UM  
NOVO FUTURO.**

**MAURO MARIANI**  
DEPUTADO FEDERAL

# O ESTADO-ILHA

Parte de um discurso pronunciado na Assembléia Legislativa Provincial de Santa Catarina, na sessão de 10 de março de 1880, pelo deputado Eliseu Guilherme da Silva.

“O assunto principal, cada vez mais importante, cada vez mais vital e inadiável, porque o adiamento importa em longos anos de atraso e de miséria para a nossa pobre terra, prende de há muito a atenção desta província, clamando por uma solução. Trata-se de uma questão clamorosa e que brada aos céus pela injustiça altamente revoltante que encerra contra nós. É a velha questão de limites com a Província do Paraná. É essa espoliação, é essa

tentativa de esbulho do nosso território, atentado inaudito, que fez um representante do Paraná, juntando o escárnio à afronta, exclamar em plena Câmara dos Deputados: “A Província de Santa Catarina seria muito feliz se o seu território se limitasse ao Desterro”. Esta proposição demonstra até que ponto levam os paranaenses as suas pretensões de absorção. Eles julgam-nos tão miseráveis, ou tão desprotegidos que entendem que seremos muito felizes se o nosso território se limitar somente à Ilha onde está localizada a Capital.

Realmente, esbulhada a Província de Santa Catarina do seu centro em favor do Paraná, ela será muito feliz se a limitarem só ao Desterro. Figurai-vos,

porém, a província circunscrita a esta Capital ou pouco mais, depois da absorção, e vede se ela poderá continuar a ocupar a categoria de província, se terá recursos para isso, se não terá de desaparecer. Aquele deputado, pois, concluiu muito bem dizendo que seremos muito felizes se, após a absorção do centro pelo Paraná, ficar a província reduzida somente ao território da Capital, será ela muito feliz se de todo não desaparecer.

Ante tão terrível ameaça não podemos cruzar os braços; trata-se de defesa própria, trata-se de manter o império da lei. É a lei, e principalmente a lei fundamental do Estado, a Constituição do Império, que garante à Província de Santa Catarina a integridade

de seu exíguo território, como já o demonstrou brilhante numa importante série de artigos, que correm impressos, o nosso distinto colega doutor Mafra.

Cumpro, pois, um dever vindo a esta tribuna, para tratar de tão grave assunto, reclamar o cumprimento da lei em prol de nossa desditosa província, que se fosse grande e poderosa, se ela se impusesse, como suas vizinhas, não se veria tão menosprezada, nem sob o terrível vaticínio, a que há pouco me referi, do deputado paranaense. Infelizmente parece uma verdade que, até com relação às províncias, a lei deixa de ser igual em seus efeitos quando se trata de grandes e pequenas.”

## A CLAREZA das confusões

Felipe Schmidt assume o governo do Estado em 28 de setembro de 1898 disposto a encontrar uma definitiva solução para o eterno problema dos limites com o Paraná.

Como primeira medida, o novo chefe do Poder Executivo autoriza a Procuradoria-Geral do Estado a contratar o advogado Manoel da Silva Mafra para dar entrada no Supremo, com uma ação de reivindicação, obrigando o Paraná a afastar-se do território em litígio.

Na segunda mensagem de governo ao Congresso Representativo, em 11 de agosto de 1900, Felipe Schmidt informa: “O Paraná não tem toda a necessária calma para aguardar a solução legal à questão. Autoridades invadem o nosso Estado; concedem terras; assaltam uma fábrica de rótulos em Papanduva; criam agência fiscal na Estrada Dona Francisca.”

Em 6 de janeiro de 1901, Manoel da Silva Mafra entra no Supremo Tribunal Federal com a ação reivindicatória na qual o jurista comprova a clareza dos títulos legais com que Santa Catarina confirma seus limites, pelos três rios, desde os tempos da Colônia. E demonstra a confusão em que anda metido o vizinho, com respeito aos seus

limites, que nunca foram caracterizados concretamente: ora é um rio; ora, outro; às vezes, uma serra; outras vezes, uma outra.

Para o conselheiro Mafra, às terras que o Paraná exige não se aplica o direito de propriedade pela posse mansa e pacífica. A posse, pela força, dos territórios em litígio, sempre fora contestada por Santa Catarina.

Pelo Acórdão de 6 de junho de 1904, o Tribunal entendeu ser competente para tomar conhecimento da questão porque os limi-

tes, desejados por Santa Catarina, foram estabelecidos, através dos tempos, por quem podia fazê-lo.

“O Tribunal resolve a questão nos termos em que foi proposta. Trata-se de fazer respeitar limites que sempre existiram e não determinar limites, ainda não amparados em lei. Os catarinenses se baseiam em títulos históricos e jurídicos. E o Estado tem a seu favor os marcos naturais abertos pelos rios Negro e Iguacu, ao Norte, e o Uruguai, ao Sul. Assim sendo, este Tribunal

julga procedente a ação de reivindicação de Santa Catarina e condena o réu nas custas.”

Com a decisão do Supremo, o Paraná permanece com um território de 221.139 quilômetros quadrados, e Santa Catarina, com 114.436. Se tivéssemos perdido a questão, aos catarinenses restaria um minguado território de 74.135 quilômetros quadrados, enquanto os 258.740 fariam os paranaenses com todas as águas dos rios Negro e Iguacu.



Imagens de rebeldes capturados evidenciam a presença de mulheres e crianças entre os prisioneiros na Guerra do Contestado

### MARÇO DE 1915

■ O líder dos pares de França, Adeodato Ramos, aproveitando a vitória contra as tropas republicanas, declara a todos os membros de Santa Maria, que foi incumbido pelo seu José Maria para comandar a Guerra Santa. A partir dessa data histórica, inicia-se o mais violento e sangrento episódio contra os confinados da irmandade de São Sebastião. Assim que tomou o comando geral, manda matar o possível concorrente ao cargo, Antoninho Vidente.

### MARÇO DE 1915

■ Coluna Oeste - a frente do capitão Tertuliano Albuquerque Potyguara, no comando de quinhentos soldados, dois oficiais e um piquete de vaqueano legalista destroem e incendiam os redutos de Ignácio Lima, Aleixo Lima, Maria Rosa, Tamanduá e Traição.

### MARÇO DE 1915

■ Alemãozinho tenta convencer os líderes dos redutos: Maria Rosa, Tomazinho, Pinhalzinho, Tapera, Guarda dos Crespos, Negro Olegário, São Miguel, Perdizes, São Sebastião, Guarda dos Quadros, Taquaruçú, Rio das Pedras, Caçadorzinho, Irmãos Sampaio, Campos de Irani e Campos de Palmas.

Após retorna ao Quilombo Capão dos Negros, com o objetivo de levar Chica Pelega novamente à aldeia Kaigang nos arredores de Papanduva. Próximos da aldeia ouvem tiros naquela direção, correm para auxiliar os índios que se encontram sobre ataque do piquete de Pedro Ruivo. O plano do coronel Fabrício Vieira era exterminar os índios Kaigang, jogando a culpa nos jagunços de José Maria, assim como fizeram na aldeia dos Xocling nos arredores de Canoinhas.

Com o inesperado reforço, os vaqueanos sobreviventes são obrigados a fugir, Chica Pelega e Alemãozinho ferem gravemente Pedro Ruivo, mas conseguem escapar.

#### MARÇO DE 1915

■ Coluna sul - A frente do capitão Vieira da Rosa no comando de quinhentos soldados, seis oficiais e dois piquetes de vaqueanos legalistas destroem, incendeiam e exterminam os cento e cinquenta prisioneiros do reduto de Taquaruçú. Destroem e incendeiam também os redutos de São Sebastião, só que dessa vez não conseguem fazer nenhum prisioneiro. Seguem para o reduto Guarda dos Quadros de Chico Pitoca, onde depois de violento combate, matam o seu líder e fazem duzentos e trinta prisioneiros. O capitão Rosinha pretendia exterminá-los, mas diante de uma forte discussão com os chefes dos piquetes, decide levar os prisioneiros para Curitiba. Os oitenta e um feridos são mortos e queimados com grimpas no capão da mortandade, proximidades do Rio Marombas.

#### ABRIL DE 1915

■ A frente dos milhares de prisioneiros feitos nas dezenas de confrontos com os jagunços, o general Setembrino envia o seu ajudante de ordens, Antônio Guilhon à Florianópolis, solicitando ordens, pois não tinham recursos financeiros e menos ainda condições de mantê-los na prisão. Temendo que a imprensa liberal fosse buscar provas concretas contra eles, sobre a chacina no Desfiladeiro do Diabo, Desfiladeiro da Morte e de Curitiba, as autoridades decidem liberar os recursos, pois era muita gente para se exterminar, assim, permanecendo no anonimato.

**Trincheira do 16º Batalhão de Infantaria na cabeceira do rio Canoinhas (1914-1915). Nessa época estavam acantonados na vila cerca de 3.000 soldados do exército brasileiro. Ponte velha do Canoinhas.**



# Avanços sobre o solo CATARINENSE

A comarca de Curitiba ocupava todo o sul da Província de São Paulo. Em 29 de agosto de 1853, com a Lei Federal 704, o território da comarca é transformado na Província do Paraná.

As autoridades na nova província investem fundo contra Santa Catarina quando fixam os limites do leste pelo Rio Canoinhas, que corre em direção ao Rio Negro desde os campos de Lages. Cria-se uma nova zona de conflito e de terras-de-ninguém quando o Paraná exige que o vizinho do Sul exiba a legislação que lhe garanta a propriedade das terras contestadas.

Ousadia bem maior demonstra a nova província. Em abril de 1864, ela cria uma estação fiscal na região do Rio Chapecó

para arrecadar uma taxa sobre cada animal em trânsito do Rio Grande do Sul para São Paulo. Santa Catarina protesta e exige que o governo imperial intervenha e acabe com a invasão nos dois lados do território que lhe pertence nos termos da legislação emitida pela Coroa Portuguesa em 1749.

Em resposta ao apelo dos catarinenses, em janeiro de 1865 as autoridades do Rio de Janeiro expedem o Decreto 3.378, que praticamente homologa os “avanços” do Paraná sobre o território contestado por Santa Catarina. Os limites foram estabelecidos pelo Rio Saí-Guaçu, Serra do Mar e Rio Marombas, desde a sua vertente até o Canoas e, por este, até o Uruguai. Pelo Aviso de 14/1/1879,

foi mudado o Rio Marombas pelo Rio do Peixe, deixando Curitiba e Campos Novos para Santa Catarina. Esta divisão foi respeitada por Santa Catarina e pelo Paraná até o Acordo de 1916.

Pelos termos do decreto, Santa Catarina deve contentar-se em ocupar a faixa do litoral e uma estreita nesga de terra nos contrafortes do Planalto Serra Acima. Os 114 mil quilômetros quadrados garantidos pela legislação do século XVIII ficam reduzidos a pouco mais de 74 mil.

Os protestos de toda a província forçam o governo imperial a suspender os efeitos do decreto. Mas os paranaenses continuam firmes nas terras que levaram para dentro de sua província.

# As DUAS CARAS DO DIREITO

A incorporação do Planalto de Lages, em 9 de setembro de 1820, ao território catarinense, define mais uma vez os limites de Santa Catarina com o seu vizinho do norte. Esses mesmos limites são reafirmados pelo artigo 2º da Constituição do Império do Brasil, em 25 de março de 1824, ao afirmar que o “território brasileiro é dividido em províncias na forma em que atualmente se acha”.

A nova constituição não corta a presença dos paulistas nos campos de Palmas, na região sul do Rio Iguaçu e nas terras a oeste do Rio do Peixe. O problema da disputa pelo território contestado toma um novo rumo porque

Santa Catarina, baseada no artigo 2º da Lei Maior, argumenta com o “direito expresso”, com o “direito já constituído” e, portanto, alcançado pela expressão “em que atualmente se acha”.

Do outro lado, os paulistas apegam-se ao “direito da descoberta” ou da “primeira ocupação”. É o já conhecido “uti possidetis”, tal como os portugueses aplicaram em 1777 para se apoderarem das terras que, pelo Tratado de Tordesilhas, estavam sob domínio espanhol. As duas províncias apegam-se, uma no “direito já expresso”; a outra, no “vislumbre de direito”, ou de “um direito ainda não instituído”. Acontece que cada um dos dois lados apresentava

o seu mapa, que era contestado pela outra parte.

O direito do “uti possidetis” era consagrado em todo o mundo, por aquela época, quando o Papa arbitrava questões de limites entre Coroas. Essa foi a tese do barão do Rio Branco na questão com a Argentina, definida a favor do Brasil, em 1895. Por isso, o Paraná apelou para este direito. Antes de passar um século, as duas caras do Direito vão desatar o nó do embrulho jurídico e político com facões de madeira e com metralhadoras.

Depois da mortandade inútil, tal como no caso de Salomão, o território contestado será dividido ao meio.

# TERRAS paulistas de LAGES

A designação de Luiz Antônio de Sousa Botelho Mourão, o morgado de Mateus, para governador e capitão general da Província de São Paulo, em dezembro de 1764, tem profunda repercussão no povoamento do Planalto e na fixação dos limites entre Santa Catarina e as futuras terras do Paraná.

Um dos primeiros atos do morgado é o de fazer povoar metodicamente os sertões de Curitiba e todos os imensos campos da região, até a margem direita dos rios Pelotas e Uruguai. O forte argumento para essa tomada de decisão é o de fazer frente aos espanhóis confinantes, que haviam ocupado uma grande parte do território do

Rio Grande do Sul.

Antônio Corrêa Pinto de Macedo, rico e experimentado fazendeiro daqueles sertões paulistas, em fins de 1766, instala-se “na paragem chamada as Lages”. Para facilitar a tarefa, o fundador está autorizado a convocar todos os índios carijós já civilizados “que andam vadios e não têm casa, nem domicílio certo”, nem são úteis à coisa pública. E ele pode obrigá-los a ir povoar as ditas terras.

A viajada oficial de Antônio Corrêa Pinto para o Sul e a missão de fundar uma povoação na referida “parada das tropas” irrita as autoridades do Rio Grande do Sul porque garantem deter a jurisdição de parte daquele território até a margem esquerda do Rio Canoas, afluente do Pelotas. E transtorna os catarinenses porque eles defendem que o

limite sul é pelo Rio Pelotas e, ao norte, pelos rios Negro e Iguaçu.

Passado meio século, 9 de setembro de 1820, toda a região do Planalto é desanexada de São Paulo e unida à Província de Santa Catarina, com os seus limites a oeste indefinidos.

Com a decisão do governo de Portugal, os paulistas fundadores de Lages e seus descendentes tornam-se catarinenses com papel passado em Lisboa.

Mas São Paulo e, a partir de 1853, o Paraná não abrem mão de seu território e continuam a banhar-se nas águas do Pelotas e do Uruguai. Até que um dia, meio século depois, acontece o estouro da peonada que não se rendeu e acaba destruída pelas armas de um governo que age em nome da lei.

## Cidades nascem no CAMINHO DOS TROPEIROS

O povoamento do Planalto de Santa Catarina adota uma estratégia bem diferente daquela que resultou da ocupação do Litoral, do Vale do Itajaí e das planuras do Sul. Na Serra-Abaixo, ao longo de 150 anos, adota-se a fixação do imigrante europeu em pequenas glebas de terra - o sítio, o lote, a colônia - como ponto de partida para a abertura do processo civilizador.

No planalto central da Serra-Acima a qualidade do solo não se adapta à fixação definitiva de um colono dedi-

cado à agricultura. As imensas pastagens naturais obrigam a substituir o manejo da terra pela convivência com o gado. Esse mesmo gado resultará na produção do imenso estoque de carnes no Rio Grande do Sul.

O perigo de utilizar o transporte marítimo para entregar o boi gordo no mercado devorador de São Paulo e do Rio de Janeiro torna-se evidente pelos riscos que a medida acarreta como naufrágio, pirataria e a necessidade de alimentar os animais no decorrer do trajeto que, além de tudo, fica depen-

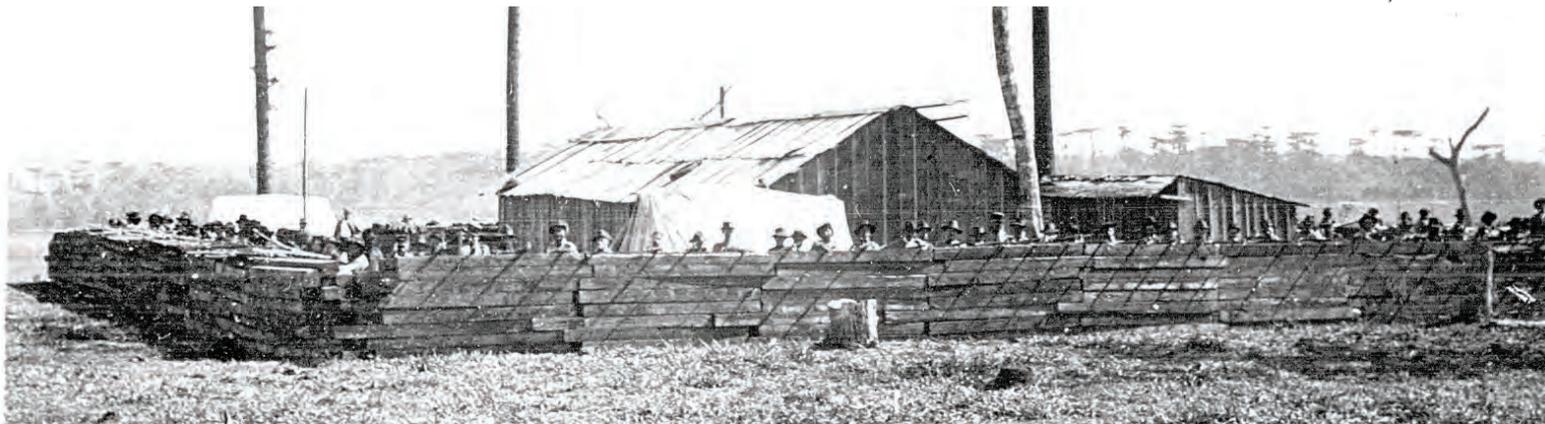
dendo da colaboração de ventos favoráveis para empurrar o navio cargueiro.

A solução encontrada é simples e copia o exemplo de Alvaro Nuñez Cabeza de Vacca e sua comitiva deslocando-se a pé entre o porto de São Francisco do Sul e a capital do Paraguai. Dessa maneira, os próprios animais se deslocam ao local de consumo através do “caminho das tropas”, também chamado Estrada Real ou Caminho do Sul, que liga Vacaria, os campos de Lages e da Estiva com as cidades de

São Paulo e do Rio de Janeiro.

Dezenas de povoados e de cidades do Planalto Catarinense resultam de um “descanso das tropas e dos tropeiros”. Mas ocorre um fato novo na história desse povoamento. Enquanto Santa Catarina alega que tem a seu favor uma série de leis que lhe garantem a propriedade das terras, os paulistas, na quase totalidade proprietários das vacarias do Rio Grande, vão se fixando pelo Planalto e pelos campos de Palmas, muito ao sul dos rios Negro e Iguaçu.

*Acervo da Fundação Cultural de Canoinhas*



Revolução do Contestado – Forças entrincheradas. Arredores de Canoinhas – 1914: Trincheira das forças armadas perto do Colégio das freiras. Casa comercial Vieira & João Gomes de Oliveira.

### ABRIL DE 1915

■ Alemãozinho chega ao novo reduto de Pinhalzinho, onde consegue convencer os líderes a deporem as armas. Entrega três mil fanáticos ao oficial no comando de Papanduva, o coronel Júlio César. A frente do capitão Potyguara, dois oficiais e um piquete de vaqueano legalista, destroem e incendiam o reduto Traição, Faxinal, Reinhardt. No reduto Caçador têm um ferrenho combate com os pares de França e vários piquetes de jagunços, mas enfim assumem o reduto, também o incendeia. A líder Maria Rosa resolve abandonar reduto de Perdizinhas, buscando proteção em Santa Maria.

### ABRIL DE 1915

■ A frente do capitão Potyguara confronta-se com os jagunços, forçando-os a abandonar o reduto Perdizinhas, refugiando-se em Santa Maria. O capitão ordena a seus soldados incendiar o reduto, seguindo para Santa Maria.

### ABRIL DE 1915

■ O comandante interino Adeodato Manoel Ramos desespera-se com os mais recentes acontecimentos, inclusive com o cerco republicano na entrada do vale. Prevendo a queda da irmandade de São João Maria, implanta um regime autoritário e desumano em Santa Maria. A epidemia de Tifo e a falta de alimentos levam dezenas de pessoas à morte. Não vendo outro jeito, mata covardemente o líder Aleixo Lima na frente de todos, visando implantar o terror nos confinados, evitando uma debandada geral. O coronel Potyguara envia Carneirinho a intimar os líderes a depor as armas e a se entregar, onde seriam tratados como prisioneiros de guerra. Do contrário, deveriam liberar os doentes, mulheres, velhos e as crianças, evitando assim muitas mortes desnecessárias.

## ABRIL DE 1915

■ O comandante Adeodato, após longa discussão com os líderes, decide liberar quase dois mil confinados. Assim que chegam ao acampamento republicano, o coronel Estillac Leal manda matar várias reses para alimentar os famintos. A líder Maria Rosa e a sua família resolvem abandonar Santa Maria, refugiando-se nos arredores do morro do Taió. O líder Benedito também abandona o reduto com sua família e amigos, refugiando-se nas proximidades do Arraial de Taquaruçu. Em consequência dessas fugas, mata friamente o líder Joaquim Germano. Dias depois, Adeodato Ramos libera mais mil e quinhentos confinados, visando suportar mais tempo o cerco republicano, porque em sua visão eram bocas inúteis. Em seguida abandona o reduto, com o objetivo de surpreender as tropas republicanas. A frente do capitão Potyguara entra no reduto de Santa Maria no sentido oeste e encontra-o completamente abandonado. Adeodato e os seus piquetes atacam de surpresa, pegando as tropas num fogo cruzado. O capitão envia um mensageiro a frente do coronel Estillac Leal, requisitando tropas de apoio. Diante da demora do reforço militar, a sua frente tem dezenas de baixas, pela primeira vez se encontra numa situação desesperadora. Mas enfim chega o reforço, assim fazendo que Adeodato e os seus piquetes debandarem desordenadamente. Em consequência da demora do reforço, os dois oficiais no comando discutem violentamente, mas são contidos pelos outros oficiais. Após, o coronel ordena para que incendeiem o reduto, retornando a vila de Canoinhas.

# José Fabrício das Neves e o CERCO de SANTA MARIA

Apenas para nos situarmos, o conflito teve, a grosso modo, a seguinte sequência: depois do combate do Irani (1912), o movimento recomeça no final de 1913, no reduto de Taquaruçu (hoje Fraiburgo), depois o reduto de Caraguatá e, por fim, o maior de todos, com cerca de cinco mil edificações, o de Santa Maria (1915).

Esses eram os redutos principais, mas existiram dezenas, menores. Entre 1913 e 1915, até o cerco de Santa Maria, executado meticulosamente por Setembrino de Carvalho, os rebeldes conquistaram uma ampla área no vale do rio do Peixe, mobilizando cerca de 20 mil pessoas.

F. S. R. G. MSC 15 03.05/2.  
(T. 7 antigo A 43)

**Comunicação recebida**

N. 10 1915 = 9h 10am Estado d

Horá da recepção

N. de palavras 949

Data 10 em 5 de 5 de 1915

---

Prefixo do comunicante -- Direção Prefixo do comunicado -- Direção

*Ca. on. Sr. General Setembrino*

*General -*

*Acordo telegrama de Goccia*

*aguardo ordens desembargador*

*Chefe Policia Cientificos mas*

*dispor elementos fecturar fuscos*

*foi fabricio. Vendicados contra*

*superiores recursos meu contingente*

Assinatura do telegraphista, *Rich. Santos*

*João Goncalves Silva Sub Delegado*

## “Notícias APAVORANTES”

Reprodução



General Fernando Setembrino de Carvalho

O cerco a Santa Maria implicou o corte no fornecimento de gêneros, levando fome e o surgimento de doenças, e a conquista dos redutos satélites. Em seu “Relatório”, o general Setembrino informa que na véspera do ataque final a Santa Maria, surgiram “notícias apavorantes sobre nova revolta nas bandas do Irani”.

Por causa disso, em março de 1915, expõe ao Ministro da Guerra: “Espero reduzir os bandoleiros do Santa Maria antes que aperte o frio. Mas como não há certeza da terminação da luta com a sua queda defi-

nitiva, porque se anuncia outro levante nas bandas do Irani, desejo aparelhar a tropa de recursos que a garantam contra os rigores do inverno”. (SETEMBRINO, 1915, p. 124)

Dessa vez foi a Fundação Getúlio Vargas (CPDOC), que forneceu as evidências complementares: telegramas trocados entre o então Chefe de Polícia do Paraná, Vieira Albuquerque, e Setembrino de Carvalho, relacionados aos fatos no Irani. Nunca é demais lembrar que só depois de 1916, um ano depois, é que o Estado de Santa Catarina passa a administrar toda a

região a oeste do rio do Peixe, onde estão os campos de Palmas/Irani.

Tudo começou com um telegrama do Chefe de Polícia ao general Setembrino, com base em informações transmitidas pelo subdelegado do rio do Peixe, Gonçalves Silva. “Infelizmente foram baldados todos esforços sentido manter sertão pacificado. José Fabrício está aliciando elementos dispendo seiscentos tantas Winchester. Ainda não fez hostilidades estando concentrados barra Jacutinga”. (Telegrama de Vieira Cavalcanti a Setembrino de Carvalho)



## SUPERAUTO • CANOINHAS

A relação entre a Rede SuperAuto e a GM começou com a introdução da marca no planalto norte e meio-oeste de Santa Catarina. Com o passar do tempo, a comercialização de veículos e a oficina de Atendimento Premium deram tão certo, que a marca consolidou-se como referência no mercado e é reconhecida até hoje pela alta qualidade de seus serviços.

Desde então, a SuperAuto alinha fortes elos com a bandeira GM nas cidades de São Bento do Sul, Rio Negrinho, Mafra, Joaçaba, Campos Novos e Canoinhas. No dia 29 de dezembro de 2012, a revenda de Canoinhas completará 4 anos, uma loja que começou pequena, mas com uma enorme vontade de crescer.

Sempre empenhada em aumentar o índice de satisfação de seus clientes, a AutoShow Chevrolet é considerada hoje a concessionária mais completa do norte do estado, com a comercialização de seminovos revisados e garantidos, toda a linha zero quilômetro com negociação diferenciada e facilitada, além da melhor avaliação de carros usados e muito mais.

# AUTO SHOW

Sempre o melhor pra você.



CHEVROLET



SC 477 • KM 0 • CANOINHAS

47 **3621-6400**

BR 116 • KM 2 • MAFRA

47 **3641-9000**

São Bento do Sul  
47 3203-3999

Rio Negrinho  
47 3203-3939

Joaçaba  
49 3202-2222

Campos Novos  
49 3541-3222

**ABRIL DE 1915**

■ Alemãozinho consegue convencer os líderes: Estanislau Schumann, Guilherme Reinhardt, Sebastião Campos, Bonifácio Papudo e Francisco Salvador, que se entregam com dois mil confinados ao general Setembrino em Canoinhas. Em conversa particular, Alemãozinho pede para o general retirar o seu nome nos relatórios militares, destruir a pasta de identidade militar no alto comando militar do Rio de Janeiro, inclusive apresentar ao ministro a sua demissão. Após, ele pede também para não constar o nome de Chica Pelega nos relatórios de prisioneiros, pois pretendia levá-la para o Rio de Janeiro, levando uma vida normal e no completo anonimato. No dia seguinte, o general Setembrino recebe ordens do presidente Venceslau Brás e do ministro da guerra Caetano de Farias, que deveria fazer um relatório dos prisioneiros e após libertá-los. Aproveitando, informa ao ministro que a sua missão na região do contestado estava cumprida e pedia para retornar ao Rio de Janeiro, deixando que os governadores terminassem de pacificar os sertões de Santa Catarina e Paraná.

**ABRIL DE 1915**

■ Alemãozinho retorna a aldeia Kaigang, em seguida parte com Chica Pelega para o Rio de Janeiro. A partir desse momento, morre no quase anonimato, o líder jagunço e capitão republicano Henrique Wolland, e a líder guerreira Chica Pelega de Taquaruçu.

**MAIO DE 1915**

■ Capitão Vieira da Rosa, tendo apoio dos chefes de piquetes de vaqueanos legalistas, decidem acabar definitivamente com os poucos focos dos jagunços de José Maria. Apoiados pelos governadores e os coronéis das províncias, implantam o famoso confisco de guerra, onde teriam o direito de posse dos objetos de valor em suas conquistas.

# “LEVANTE próximo”

O Chefe de Polícia determinou então que o subdelegado Gonçalves reunisse forças e efetuasse a prisão de José Fabrício. O policial respondeu imediatamente por telegrama: “Científico não dispor elementos efetuar-se prisão José Fabrício. Indivíduo conta superior recursos meu contingente”. E que aguardava ordens do Chefe de Polícia. (Telegrama do subdelegado Gonçalves Silva a Setembrino de Carvalho).

São com esses (e outros) elementos que trabalho no momento. Os arquivos do Exército (Rio) e do Paraná (Palmas, Curitiba) devem conter outras referências. Seu objetivo era romper o cerco de Santa Maria, com a passagem dos combatentes para os campos de Palmas/Irani, no outro lado do vale do rio do Peixe.

José Fabrício não foi ba-

tido nessa ocasião, como nos confirma a Mensagem Anual do governador Hercílio Luz encaminhado ao legislativo. Diz que ao assumir em 28 de setembro de 1918, “a situação no município de Cruzeiro era causa das maiores e justificadas apreensões”. Boatos, segundo ele, “os mais desconhecidos e aterradores pareciam indicar um levante próximo de elementos perniciosos a frente dos quais se encontraria José Fabrício das Neves”. Tudo isso torna mais evidente a importância do aprofundamento das pesquisas, a diversificação das fontes e a releitura do que se escreveu sobre o tema Contestado.

O tema é abordado por Demerval Peixoto em Campanha do Contestado – A Grande Ofensiva. Informa que após duas semanas de bombardeio

sobre o reduto de Santa Maria, “os prisioneiros e fugitivos confirmavam uma pretendida mudança” do referido do reduto “para os campos do Irani”.

Peixoto assinala que “estariam apertados pela fome e pretendiam varar em picadas esquisitas, por onde poderiam seguir, sem risco de serem vistos, até alcançar os passos do Rio do Peixe”. E qual foi a reação dos militares, conforme o autor citado? Mandar fechar os passos do Rio do Peixe. A estrada Calmon a Perdizes foi ocupada pela cavalaria. Um regimento de cavalaria se manteve nos campos do Corisco. O arraial de Cima de Serra ficou guarnecido por um continente militar. Em frente as furnas do Santo duas companhias.

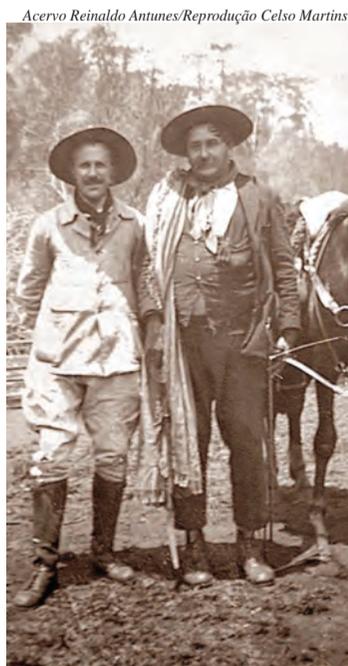
Também foram guarnecidos o hospital de sangue no arraial

de Perdizes e o centro de abastecimento da coluna e a fazenda do Claudiano onde se localizava o campo de aviação. No rio Tigre permaneceu meio esquadrão e, no Lageado, um esquadrão. “Eram esses os pontos guarnecidos da linha que passou a ser percorrida pelo contingente do tenente coronel Paiva. O capitão Pará ficou com sua força junto ao grosso da coluna, na Tapera”.

Em resumo ficou guarnecida a linha Calmon – Cruzeiro – Perdizes – Luiz de Souza – Cima da Serra – Corisco, “numa extensão de cem quilômetros noroeste para sudeste. Era toda a frente da linha sul nos últimos dias de Santa Maria”. (PEIXOTO, 1995, p.98-99)

Podemos concluir que José Fabrício das Neves e outros moradores dos campos do Irani permaneceram todo o tempo em contato com as lideranças do movimento do Contestado no vale do rio do Peixe. Ou seja, estamos diante de um grupo de combatentes destacados do movimento do Contestado completamente ignorados pela historiografia do tema, sobretudo José Fabrício. (Por Celso Martins, outubro de 2011)

## Personagens do COMBATE de 1912



José Fabrício (dir) e um Miguel

Alguns personagens do Combate do Irani precisam ser lembrados.

É preciso que se repare a injustiça feita contra essa gente, acusada de tudo de ruim que se possa imaginar.

São pessoas que nada mais fizeram do que defender as terras de onde tiravam o sustento de suas famílias.

Não eram marginais ou bandoleiros, mas passaram à história como se tivessem sido.

Estamos falando de pessoas cujos descendentes ainda residem no Irani e região, ou foram para o Sudoeste do Paraná e outras áreas.

Muitos tiveram que adotar outros sobrenomes, como os Antunes das Neves, descen-

dentes diretos de José Fabrício das Neves que residem em Pinhão-PR. O mesmo fizeram alguns filhos de Thomaz Fabrício das Neves, irmão de José, na região de Palmas.

Em relação a José Fabrício das Neves vimos sua parceria com José Maria e seu papel destacado no Combate. Vamos ver a seguir sua presença no restante do Movimento do Contestado.

Sabemos que nasceu na região de Passo Fundo-RS, onde aos 13 anos participava de combates da Revolução Federalista (1893-1895), ao lado dos maragatos. Foi emboscado e morto em 1925. A sepultura pode ser visitada nas margens do rio Irani, no município de Vargem Bonita.

Fornecemos a seguir uma espécie de “lista” de alguns indiciados no Inquérito que gerou o Processo do Irani, aberto em Palmas no dia seguinte ao do combate. São vários objetivos ao se enfatizar a “lista”. Em primeiro lugar destacar os combatentes de uma luta pela terra, amparados na fé católica e na religiosidade de São João Maria.

Em segundo estimular os descendentes destas pessoas a contribuir com a memória do combate. Muitos não o fazem por vergonha desse passado, mas a maioria por não saber dar o devido valor a uma fotografia, uma carta, uma oração, uma lembrança dos mais antigos ou relatos ouvidos na infância.

# A "LISTA"

**J**osé Alves Perão, conhecido por José Felisberto, foi participante ativo e uma espécie de braço direito de José Fabrício, antes, durante e depois do combate. Seu irmão Elizeu também participou. Havia outro irmão, Desidério, e a mãe deles, dona Joana. Os Perão têm origem na Argentina com o sobrenome Perón, depois aportuguesado. Existe a versão Perone ligada ao mesmo Perón/Perão.

A família Belchior também esteve presente, como Cândido, Antônio, João e Manoel.

Bento Manoel dos Santos era o chefe de numerosa família. Conhecido por Bento Quitério. É referido por vários historiadores, pois foi ao lado da sua casa que João Gualberto montou a metralhadora. E foi onde também morreu. Um filho de Bento, Felipe, morreu

em combate e foi sepultado no antigo cemitério do Irani. Outro filho, Alfredo, teve participação ativa. Saturnino Manoel dos Santos, irmão de Bento, também estava no combate.

O coronel da Guarda Nacional Miguel Frago, paranaense estabelecido no Engenho Velho (Concórdia), e antigo maragato, se deslocou ao Irani com dezenas de homens armados em socorro de José Maria. Mais tarde um filho de Miguel, Chico Frago, morou e se casou no Irani. Seus descendentes estão em Coronel Domingos Soares e Palmas.

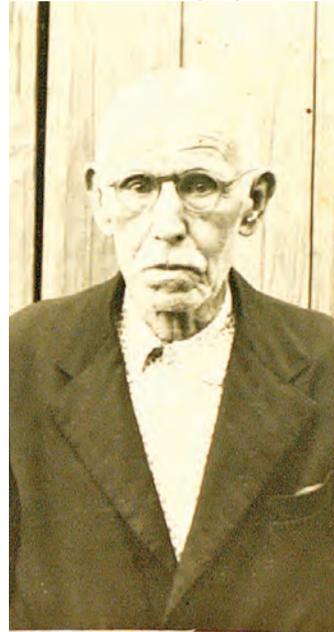
Outros Fabrício das Neves são: Miguel (tio de José e de Thomaz). Thomaz, irmão de José. Clementino (secretário de José Maria), Antônio (possivelmente o pai de José e Thomaz). Gabriel Fabrício

das Neves não foi indiciado, mas seu nome é citado como apoiador por Maurício Vinhas de Queiroz. O mesmo acontece com o pai de Antônio Martins Fabrício das Neves, a quem nos referimos em Crônicas do Irani 2.

Os Lemos também estiveram presentes no combate, como Francisco e João Lemos.

Sobre várias pessoas não encontramos maiores referências ou descendentes, como: Firmino Sapateiro, Luiz (indicado como filho de João Luiz), João Venerando, Paulo Ramos, Estanislau Borges, Raphael de Brum, Synchronio Honorato do Canto, Sebastião Lageano, Sebastião Vicente, Sebastião Baiano, Venâncio Lageano, Veríssimo de Faria, Benedicto Teixeira Guimarães, Emiliano Glória, João e Joaquim Bello, Joaquim Antônio Santiago,

Acervo Vicente Telles/Reprodução Celso Martins



**José Alves Perão, combatente do Contestado**

Mathias Ermelindo, Manoel Barreto, Francisco Maria, João Vermelho, Joaquim Germano, Joaquim Gomes e José Clementino. Muitos desses homens podem não ser do Irani e seu sertão, Queimados (atual Concórdia).

Acervo Reinaldo Antunes/Reprodução Celso Martins



**José Fabrício e seus homens em Catanduva-SC, 1921**

Reprodução Celso Martins



**Thomaz Fabrício das Neves e família, em Irani-SC, década de 1920**

Acervo Vicente Telles/Reprodução Celso Martins



**Elizeu Perão e família**

Acervo PMPR/Reprodução Celso Martins



**Combate no Irani. Óleo de Daniel Freire. A foto mostra o coronel João Gualberto à frente do combate em 22 de outubro de 1912**

## MAIO DE 1915

Os líderes, Manoel Padilha e Sebastião Campos montam o reduto de Pedras Brancas, tendo aproximadamente mil pessoas confinadas. Olegário Ramos e os irmãos Ventura montam o reduto de Guarda dos Santos, tendo aproximadamente oitocentas pessoas confinadas. Adeodato Ramos monta o reduto de São Miguel, tendo aproximadamente mil pessoas confinadas, inclusive Elias de Moraes, Maria do Carmo, Conceição e os pares de França. Os líderes, Manoel Moraes, Manoel Lira de Jesus e Corado Glober montam o reduto de São Pedro, às margens do Rio Timbó, tendo aproximadamente três mil pessoas confinadas, agora contando com os confinados do reduto de São Miguel. Os líderes, Manoel Rocha e Euzébio Ferreira dos Santos montam o reduto de Poço Preto, nas proximidades de Vila Nova do Timbó, tendo aproximadamente cento e cinquenta pessoas confinadas.

## JUNHO DE 1915

A líder guerreira Maria Rosa prevendo a existência de muitas mortes nos novos redutos, que tinha no comando geral o inescrupuloso Adeodato Ramos, decide retornar com a sua família para o reduto de Pedras Brancas. O capitão Vieira da Rosa no comando de trezentos soldados da guarda nacional e o piquete de vaqueano de Francisco Geraldo destrói e incendeia o reduto de Pedras Brancas, chacinando todos os trezentos prisioneiros.

## SETEMBRO DE 1915

Estabelecidos no Rio de Janeiro, Henrique Wolland e Chica Pelega sobrevivem no mais completo anonimato. Na visita ao estúdio fotográfico do marido, escuta a conversa dele e do ex-ministro Rui Barbosa, onde afirma que o senador Pinheiro Machado foi um dos principais culpados pelo envio de tropas à região contestada, onde morreram toda a sua família. Chica passa a planejar uma maneira de vingar a morte deles e informa-se sobre os passos do senador. Dias depois, mata-o juntamente com seus seis capangas em frente ao parlamento.

Na visita ao estúdio fotográfico do marido, escuta a conversa dele e do ex-ministro Rui Barbosa, onde afirma que o senador Pinheiro Machado foi um dos principais culpados pelo envio de tropas à região contestada, onde morreram toda a sua família. Chica passa a planejar uma maneira de vingar a morte deles e informa-se sobre os passos do senador. Dias depois, mata-o juntamente com seus seis capangas em frente ao parlamento, morrendo definitivamente a guerreira e nascendo a tradicional mulher naquela época.

#### NOVEMBRO DE 1915

■ A líder Maria Rosa retira a sua família do reduto de São Pedro, refugiando-se nos arredores de Canoinhas, na fazenda de Silvério Bastos. O capitão Euclides de Castro no comando de trezentos soldados da guarda nacional e o piquete de Lau Fernandes destrói e incendeia o reduto de Guarda dos Santos e Poço Preto, fazendo diversos prisioneiros.

#### DEZEMBRO DE 1915

■ O comandante Adeodato Ramos monta o reduto de São Sebastião, às margens do Rio Timbó, tendo aproximadamente mil pessoas confinadas. O lendário Lau Fernandes no comando de duzentos vaqueanos destrói e incendeia a reduto, fazendo centenas de prisioneiros, levando-os para Canoinhas.

#### DEZEMBRO DE 1915

■ Elias de Moraes no comando do reduto São Pedro, soube da destruição do reduto de São Sebastião, decide reforçar as suas defesas para evitar surpresas desagradáveis. O capitão Euclides de Castro no comando de trezentos soldados e do piquete de Lau Fernandes destrói e incendeia o reduto de São Pedro, fazendo centenas de prisioneiros.

# O território de JOSÉ MARIA

No dia 17 de outubro de 1990, o senhor Antônio Martins Fabrício das Neves foi entrevistado pela professora Eunice Cadore Franzack em sua residência na Fazenda Bela Vista, no Irani-SC. A entrevista gravada foi transcrita por Dylce Joana Weirich e se encontra no Museu Histórico de Concórdia-SC.

Nascido em 13 de junho de 1922, filho de João Damas Fabrício das Neves e de dona Gertrudes Martins de Lima, Antônio cresceu ouvindo relatos do entrevero e seus personagens. Nos anos 1930 ele colocou em versos as informações recolhidas.

O que ele diz sobre José Maria, José Fabrício das Neves e o combate de 1912?

Fabrício era “um dos de mais confiança” do monge. “Até o José Maria disse que ajudou muito ele nesse ideal de colonização, então depois ficaram muito conhecidos, muito amigos. O José Maria tinha ele como um assessor dele, mas um assessorava o outro porque não tinha um posto maior que o outro”.

No dia do combate José Maria disse a José Fabrício “que se era para morrer gente ele ia morrer”, pois não ia deixar “essa colônia tudo aí na frente e eu ficar lá atrás, e nós temos que ir na frente”.

José Maria “não falava” do monge João Maria, “nunca falou”. Era uma “pessoa que só pensava para o bem, ele, acho que ele era mesmo um legítimo monge”. Era um “um homem muito inteligente, muito, ele falava onze línguas e rezava uma missa como os padres antigos rezavam”. Rezou uma missa no Irani antes da batalha. “Diz que previu que ia morrer por que ele disse para o Fabrício – eu vou morrer, mas você não passe



Escultura do Portal de acesso a Três Barras no bairro São Cristóvão, na divisa com Canoinhas

do meu sangue que você vai ser um herói no mato. Agora se você vai para a cidade... No campo você vai ser um gato, no mato você é uma onça e no campo você é um gato. Não passe”.

Disse ainda José Maria a José Fabrício: “Venha até onde nós brigamos e vencemos e volte para trás, não passe do nosso sangue que nós derramamos. Mesmo porque daí você só vai mal. No mato você é uma onça e lá no campo você é um gato. Então, respeite isso aí. E foi o que aconteceu, o Fabrício se iludiu, passou, e aconteceu terminando morrendo”. Nos versos que escreveu Antônio se refere a tigre no lugar de onça.

Num determinado momento Eunice pergunta qual o motivo do Combate do Irani. Segundo Antônio, circulam “muitas ideias” a respeito,

“mas o que o povo sem estudo aqui previa no mato eu concordo que eles estavam certos”. Ou seja, “havia qualquer interesse sobre aquele terreno, e esses general lá, esses comandante do Exército”, precisavam de um motivo “para não vir simplesmente vir aqui matar ou fazer o que eles queriam, inventaram aquilo”. Inventaram que “estavam formando um reduto de jagunço, a santidade”, o que provocou “um escândalo aqui no sertão”.

Segundo o depoente, “não era verdade”, porque “esse José Maria era um homem de muito estudo de muito respeito, e eles tinham ele como um bandido, mas bandido que não tinha morte, não houve nada”. Existiam na época “centros de colonos trabalhando com eles aí a espera da iniciativa que eles tinham. Então eu acho

que nesse combate aí havia algum interesse particular”. De quem? Pergunta a professora Eunice. “Eu acho que de alguns prevendo não deixar eles fazer o que eles queriam”, destaca, “que era a posse da terra para todo mundo”.

Naquele tempo, observa Antônio Martins Fabrício das Neves, nas regiões de Palmas, Curitibanos e “na costa do mar”, “já tinha essa gente muito rica, tinha esses donos que trabalhavam na estrada de ferro, porque eles já queriam colonizar. Então eu acredito que o pessoal ficou nessa suspeita, que houve isso por causa do próprio terreno, não foi por outra coisa”.

Questionado sobre problemas ocorridos em Palmas quando um grupo de moradores foi buscar títulos de terras, Antônio confirmou que o cartório de Palmas pediu que José Fabrício fosse até lá, que “ajudava e fazia o possível de documentar todo esse pessoal que ele levasse”. Porém, continua, “o interesse de outra gente, de algum, o interesse de algum outro pegar aquela frente que o Fabrício estava praticando, para fazer a colonização. Tudo isso era o nosso povo, a fabricada daqui como a senhora dizia, ficou nessa suspeita, e eu concordo com eles que isso quase que seria uma realidade”.

Um dos autores mais respeitados no tema Contestado, Maurício Vinhas de Queiroz, parece ter bebido na mesma fonte do senhor Antônio Martins Fabrício das Neves para escrever o capítulo sobre o Combate do Irani em seu livro “Messianismo e conflito social”.

Neste livro, resultado de pesquisas entre os anos de 1953 e 1961, Queiroz enfatiza a ocupação dos campos do Irani por famílias vindas do Rio Grande do Sul após a Revolução Federalista e os interesses do coronelismo de Palmas. “José Maria há muito conhecia o povo do Irani. Considerava-o sua gente. Não é de estranhar que, perseguido” em Santa Catarina, “tenha surgido” em outubro de 1912 “no chamado Faxinal dos Fabrícios”. (QUEIROZ, p. 91-92) (Por Celso Martins, outubro de 2011)

# MORTE do CORONEL Fabrício

*“Fabrício vou te orientar  
que vou morrer neste ato  
mais tu não passe  
do meu sangue  
volte de novo pro mato  
no sertão tu será um tigre  
e no campo vai ser  
um gato”.*

A morte do coronel José Fabrício das Neves numa emboscada o tornou lendário entre os caboclos do sertão catarinense e em algumas comunidades no Paraná. Os relatos do ocorrido são repletos de detalhes contraditórios, mas todos convergem para o momento em que Marcelino Ruas e seus homens armam uma ardilosa espera. Os motivos vão desde uma recompensa de 40 contos de réis oferecida pela viúva de João Gualberto, passando por disputas político-partidárias, para chegar na nebulosa compra de uma fazenda e os interesses contrariados das empresas colonizadoras. Ingredientes poderosos para o surgimento das diversas representações por parte de escritores, caboclos e familiares.

O verso de uma décima de Antônio Fabrício das Neves, reproduzido acima, simboliza o primeiro aviso dado ao caudilho. Ele não deveria deixar a protegida região de serras, florestas e cursos d'água da região próxima ao rio Uruguai (“no sertão tu será um tigre”) e se aventurar por áreas em que ficaria desprotegido (“e no campo vai ser um gato”). E mais, dizia José Maria a Fabrício: “Tu não passe do meu sangue”. No final de 1924 o caudilho passou do sangue derramado por José Maria no Banhado Grande de Irani, indo morrer a poucos quilômetros de distância, além



José Fabrício das Neves (de branco) com seu estado-maior em Catanduva-SC (1919)

do ponto crítico indicado por seu antigo companheiro do projeto de colonização da região. Obviamente que o apelo da mensagem do monge não é geográfico, antes encerra, ao mesmo tempo um conselho e uma profecia: que ele não se metesse com os negócios da República dos Pica-paus. E não deixasse de proteger os caboclos da região.

Podemos tomar como ponto de partida o levante do general da reserva do Exército Isidoro Dias Lopes na capital paulista, no dia 5 de julho de 1924, quando entra em cena outro personagem, Marcelino Camilo Ruas. Residia na Fazenda Velha, próximo ao local onde se cruzam as rodovias federais BR-282 e BR-153, segundo Ferreira (1992, p. 63). A exemplo do que havia feito o coronel Passos Maia com seus 500 provisórios sob a denominação de Batalhão Marechal Bormann, Marcelino e Fabrício criaram seus piquetes de voluntários para

defender a legalidade, ou seja, combater o levante de Isidoro, que havia sido tenente da coluna de Gumerindo Saraiva na Revolução de 1893. “Marcelino se aproximou de Fabrício convidando-o para batizar uma filha”, assinala o autor.

De acordo com Ferreira (1992, p. 63), José Fabrício teria formado seu piquete por sugestão de Ruas, “sob o argumento de que, combatendo a favor do Governo, ele, Fabrício, ‘limparia o nome’, já que os fatos ocorridos durante a Batalha do Irani haviam tornando visado o coronel”. O caudilho reuniu rapidamente seus homens espalhados pelo vale do rio Jacutinga, Itá e a atual Concórdia, todos armados e com montarias. José Gomes se recorda da despedida. “Foi em 24 que ele esteve na nossa casa. Foi a segunda e última vez que vi ele. Foi convidar meu pai para ir junto com ele”, assinala. O pai de José, Domingos, “foi um trecho junto com ele e achou

melhor voltar”. Na mesma ocasião, relata Gomes, o veterano imigrante Guilherme Rosatto, que mantinha boas relações com os caboclos e o coronel, teria dito: “Fabrício, não vai deixar o couro por lá!”

Apesar dos conselhos, o caudilho seguiu em direção a São Paulo. A meio caminho, os revoltosos de Isidoro Dias Lopes abandonaram a capital paulista, seguindo um contingente para o ato Grosso, e outros grupos se internando pelo interior do Paraná rumo a Foz do Iguaçu. O general-de-divisão Cândido Rondon, responsável pela repressão ao levante, assumiu o comando das Forças em Operações de Guerra nos estados do Paraná e Santa Catarina, ao qual foi incorporado o Batalhão de Infantaria Catarinense, organizado em agosto de 1924. Os três batalhões patrióticos sob o comando de Passos Maia, Marcelino Ruas e José Fabrício das Neves seguiram com essa força, comandada pelo então

## DEZEMBRO DE 1915

■ A líder Maria Rosa e a sua família se entregam ao oficial no comando de Canoinhas, o capitão Euclides de Castro, em seguida Elias de Sousa deixa-a aos cuidados de Silvério Bastos. Ele faz novo registro de nascimento, criando-a como fosse a sua própria filha. O mundo Jagunço desmorona, milhares de confinados se entregam às autoridades legais em diversas regiões do contestado. Adeodato em fuga, em Perdiz Grande encontra-se com o velho Euzébio, mata-o covardemente pela derrota aos republicanos. O coronel Fabrício Vieira das Neves manda que Pedro Ruivo e os seus vaqueanos, montem uma tocaia na estrada principal de Lages a Vacaria. Pedro Ruivo cumpre as ordens, chacina covardemente o lendário Elias de Moraes e toda a sua família.

## OUTUBRO DE 1916

■ O governador coronel Felipe Schimidt de Santa Catarina, o governador Afonso Alves de Camargo do Paraná, ministros, parlamentares e o presidente Venceslau Brás chegam a um acordo sobre as divisas dos dois estados. Mas para que isso se tornasse uma realidade, foi necessário morrerem mais de dez mil caboclos, quase dois mil soldados republicanos, aproximadamente mil e quinhentos vaqueanos legalistas e quase três mil civis que habitavam a região contestada. Coronel Fabrício Vieira das Neves e Pedro Ruivo são presos no quartel na Lapa, soltos tempos depois, devido à falta de provas.

## AGOSTO DE 1916

■ O lendário Adeodato Ramos é encurralado num capão de mato no vale de Santa Maria, vendo que era impossível romper o bloqueio dos vaqueanos, acaba se entregando. Ele é encaminhado para cadeia de Curitiba.



Adeodato Manoel Ramos  
Preso em Desterro

#### DEZEMBRO DE 1916

■ O comandante dos jagunços da irmandade de São Sebastião é levado a julgamento a portas fechadas, somente presentes as autoridades locais e das províncias do contestado, onde foi condenado a trinta anos de prisão pelo Juiz de direito Guilherme Abry e pelo promotor de justiça Marçílio da Cruz Maia. Ao escutar a sentença Adeodato joga o seu chapéu para o alto, exclama irônico: - Trinta anos, eu dou até risada! Imediatamente é transferido para a prisão de Lages, onde tinha maior segurança.

#### DEZEMBRO DE 1917

■ O coronel Henrique Paes de Almeida Filho tenta contratar o jagunço Conrado Glober, imediatamente recusa a empreitada, mas ao saber que a vítima era o coronel Albuquerque, informa ao mensageiro que faria o serviço de graça e com todo prazer. Aproveitando que o coronel Albuquerque e o seu filho Euclides, iriam naquele dia buscar uma vaca de leite na fazenda do coronel Virgílio Pereira, Conrado monta uma tocaia no Capão da Mortandade. Ele aponta para o alvo e atira duas vezes, matando-o instantaneamente. Major Euclides ao ver o seu pai cair ferido, corre desesperadamente para Curitibaanos, visando buscar ajuda.



Isidoro Dias Lopes

major Pedro Lopes Vieira, todos subordinados a Rondon (RIBAS, 1985, p. 24-25).

Fabrizio acompanhou as forças legais pelo interior de São Paulo e sobretudo no Paraná, onde ocorreram combates, embora não existam muitos detalhes dessa participação. Lara Ribas e Rosa Filho, entretanto, citam o envolvimento do caudilho num episódio que pode ter relação com a emboscada de que seria vítima, semanas depois. Visando surpreender os rebeldes pela retaguarda nos sertões do Alto Paraná, conta Rosa Filho (2001, p. 62), militares paranaenses passaram a executar melhorias numa picada, visando a passagem das forças legais. A manobra foi percebida e os revolucionários desfecharam “violento tiroteio contra a tropa”, sob o comando do capitão Joaquim Antônio de Moraes Sarmento.

Naquele momento, as forças catarinenses estavam incorporadas ao Destacamento Santa Catarina, sob o comando do coronel do Exército Vasco da Silva Varela. No dia de Natal de 1924, acionado por Rondon, o coronel Varela mandou um



Candido Rondon

oficial catarinense informar ao capitão Sarmento sobre o envio de “um contingente de patriotas organizados pelo coronel Fabrício das Neves” com o objetivo de apoiá-lo (ROSA FILHO, 2001, p. 62).

O oficial de ligação era o jornalista Mimoso Ruiz, que escreveu mais tarde sobre aquele momento. “Ao transmitir a ordem ao capitão Moraes Sarmento, declarei-me este oficial que iria, sem demora, colocar as suas metralhadoras em posição”, para “receber ‘com todas as honras’ (textual) o coronel Fabrício das Neves”. Argumentou que não esquecera ter sido ele o “assassino do coronel João Gualberto e o único responsável pelas mutilações que ele próprio sofrera, bem visíveis nas cicatrizes que tinha patentes no rosto”. Ruiz levou a informação a seu comandante imediato, Lopes Vieira, preocupado com as consequências do encontro de Fabrício e Sarmento. O jornalista comissionado como oficial, viajou a noite por cinco léguas para que a “tragédia fosse evitada” (RIBAS, 1985, p. 34).

Rosa Filho (2001, p. 62), confirmando a fonte anterior,

escreve que ao receber a informação da presença de José Fabrício, o capitão Sarmento ficou “bastante nervoso, declarou que iria, sem demora, colocar suas metralhadoras em posição, a fim de recebê-lo com todas as honras”, que não havia esquecido os fatos do combate de Irani. Nessa ocasião, Sarmento recebera um “tremendo golpe de facão que lhe extirpou a vista direita, prostrando-o por terra”.

A ira de Sarmento sobre Fabrício vinha sendo remoída há 12 anos. No combate de Irani, ocorrido em 22 de outubro de 1912, o então alferes foram gravemente ferido, tendo desfalescido algum tempo. Ao se recuperar, a luta continuava. Amarraram um lenço em seu rosto. Conforme narrou mais tarde, o capitão Souza Miranda mandou que se abrigasse na floresta e aguardasse socorro. Foi, voltou a desmaiar devido a perda de sangue. Mais tarde recobrou os sentidos e perambulou “algum tempo sem orientação”, até encontrar o alferes Libindo e foram os dois a procura de água. Junto a um córrego, foram “alcançados por dois fanáticos”. Os dois levados (ROSA FILHO, 1998). Vimos esses detalhes em postagens anteriores.

É possível que após esse episódio envolvendo um antigo desafeto, atual patrono da

Polícia Militar do Paraná, José Fabrício tenha sido dispensado e mandado de volta. Pode ter permanecido mais alguns dias na região, mas o fato é as lutas prosseguem no Paraná e outras áreas e o caudilho vai ser morto em Irani. A emboscada aconteceu quando os piquetes de José Fabrício e Marcelino Ruas retornavam a seus lugares de origem. Os detalhes da emboscada serão apresentados nas próximas postagens.

#### REFERÊNCIAS

FERREIRA, Antenor Geraldo Zanetti. *Concórdia: o rastro de sua história. Concórdia: Fundação Municipal de Cultura, 1992.*

RIBAS, Antônio de Lara. *Polícia Militar de Santa Catarina. Ações de Guerra dos Batalhões de Infantaria. Período de 1922 a 1930. Florianópolis: Polícia Militar de Santa Catarina, 1985.*

ROSA FILHO, João Alves. *Revolução de 1924. Curitiba: Associação da Vila Militar, 2001.*

Nota - O capítulo acima é uma adaptação do que foi publicado no livro *O mato do tigre e o campo do gato: José Fabrício das Neves e o Combate do Irani (Florianópolis: Insular, 2007).*



Hospital militar e feridos na campanha do Contestado

#### OBRAS

##### CONSULTADAS

- MARTINS, Celso, Blog
- ALMEIDA JR., Jair de. *A Religião Contestada*. São Paulo: Fonte Editorial, 2011. ISBN 9788563607515
- FRAGA, N. C. *Território e silêncio*. Contributos reflexivos entre o empírico e o teórico. In: FRAGA, N. C. (Org). *Territórios e Fronteiras: (Re) Arranjos e Perspectivas*. Florianópolis: Insular, 2011.
- FRAGA, N. C. *Vale da Morte: o Contestado visto e sentido*. Entre a cruz de Santa Catarina e a espada do Paraná. Blumenau: Ed. Hemisfério Sul, 2010.
- FRAGA, N. C. (Org.). *Contestado, o território silenciado*. Florianópolis, Ed.

Insular, 2009.

- FRAGA, N. C. *Contestado: A Grande Guerra Civil Brasileira*. In: REZENDE, C. J.; TRICHES, I. Paraná, Espaço e Memória – diversos olhares histórico-geográficos. Curitiba: Ed. Bagozzi, 2005, p. 228-255.
- FRAGA, N. C., LUDKA, V. M. *100 Anos da Guerra do Contestado, a Maior Guerra Camponesa na América do Sul (1912/2012): Uma análise dos efeitos sobre o território sul-brasileiro*. [2]: Bogotá, Colômbia. XII Colóquio Internacional Geocrítica. 7 a 11 de mayo de 2012. Universidad Nacional de Colômbia.
- FRAGA, Nilson Cesar. *Mudanças e Permanências na Rede Viária do Contestado: uma abordagem acerca*

- da formação territorial no sul do Brasil*. Curitiba: Tese de Doutorado apresentada para obtenção do título de Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento, Universidade Federal do Paraná, 2006.
- FROTA, Guilherme de Andrea. *500 Anos de História do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2000.
- *Grandes Acontecimentos da História* - Revista da Editora 3, nº 4 (setembro de 1973).
- MACHADO, Paulo Pinheiro. *Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas*. Campinas: UNICAMP, 2004.
- MONTEIRO, Douglas Teixeira. *Os errantes do novo século*. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

- SANTOS, Walmor. *Contestado: A guerra dos equívocos. V. 1: O poder da fé*. São Paulo: Record, 2009. ISBN 978-85-01-08445-3.
- SCHÜLER, Donaldo. *Império Caboclo*. Porto Alegre: Movimento, 1994.
- THOMÉ, Nilson. *A Política no Contestado: do curral da fazenda ao pátio da fábrica*. Caçador: Universidade do Contestado, 2002.
- VALENTINI, Delmir José. *Da cidade à corte celeste: memórias de sertanejos e a guerra do Contestado*. Caçador: Universidade do Contestado, 1998.
- VINHAS DE QUEIROZ, Maurício. *Messianismo e conflito social: a guerra sertaneja do Contestado (1912-1916)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.



Cartucheira de balas de grosso calibre utilizada pelos fanáticos

Arma de cartucho, de carregamento pela coroa, utilizada pelos caboclos



Espingarda tipo Winchester calibre 44, cano curto, arma muito utilizada pelos caboclos



A gaita e o banjo, símbolos da musicalidade cabocla sob a influência norte-americana



Kit de refeição de emergência e material de primeiros socorros utilizados pelas forças federais

10.000 Réis em ouro - 1911



Facão norte-americano encontrado na região



Par de guapas, chifres de boi serrados e selados com resina



Livro de reza dos fanáticos



Munição utilizada pelo Exército Brasileiro durante o conflito



Funcionários da Lumber em 1912. Observem os tipos e as armas, uma autêntica cena de faroeste

Nesse histórico dia, morre um dos principais culpados na chacina dos miseráveis da região do Contestado. No mesmo mês, Adeodato Ramos consegue fugir da prisão, aproveitando a chuva torrencial que caía à noite. Sendo capturado num boliche à beira de estrada, completamente bêbado. Devido à pressão dos coronéis locais, é transferido para a prisão em Florianópolis.

**NOVEMBRO DE 1918**

■ À frente de sucessivas derrotas dos austríacos e alemães para os aliados, assinam o Tratado de Armistício de Compiègne, deixando um saldo de treze milhões de mortos e vinte milhões de feridos. Além de fazer um enorme rastro de destruição em diversos países. Os alemães são obrigados a pagarem pesadas dívidas de guerra, inclusive acabam perdendo parte de seu território.

**JANEIRO DE 1923**

■ Adeodato Ramos aos poucos tenta ganhar a confiança dos carcereiros, aproveitando o descuido da sentinela, ataca-o e toma o seu fuzil. O fato não passou despercebido, o major Trujillo de Mello ordena que pare. Adeodato instintivamente aponta o seu fuzil em direção ao major, mas estava vazio e o mesmo não acontece com o fuzil do major. Sem saber, Adeodato tinha caído numa armadilha republicana, sendo exterminado o último jagunço de José Maria. Ele ainda é levado para a enfermaria, mas não aguenta o ferimento, morrendo minutos depois, sendo enterrado numa simples cova como indigente. Nesse dia histórico, morre o flagelo de Deus e nasce a lenda no Contestado.

# HISTÓRIA DE TRÊS BARRAS E A GUERRA DO CONTESTADO

**E**m seus primórdios, Três Barras era ocupada pelos índios Xokleng, grupos esses que viviam da caça, pesca e coleta de vegetais, principalmente erva-mate e pinhão. Posteriormente andaram por estas terras os bandeirantes e tropeiros.

Nos anos de 1850, preocupado com a colonização efetiva da região, D. Pedro II fez uma doação de aproximadamente 30 mil alqueires de terra para Dorgelo, Lucas e José Cordeiro, no entanto, estes nunca chegaram a conhecer as terras e em 1893 passaram a posse delas à sra. Maria Cordeiro e Benvindo Pacheco. Junto com eles, vieram alguns parentes como: seu pai Coronel João Pacheco dos Santos Lima e a esposa Rosa Pacheco dos Santos Lima, sendo eles considerados os fundadores de Três Barras. Nosso município recebe este nome em função de sua localização, Três Barras e ostrês rios que constituem seus limites: Rio Canoinhas, Rio São João e o Rio Negro. Na época da colonização, Três Barras pertencia ao Paraná visto que estas terras eram contestadas entre Paraná e Santa Catarina. As terras que não eram ocupadas foram tomadas por posseiros de várias regiões que estiveram envolvidos nas bandeiras, tropeirismo ou até mesmo na Revolução federalista.

Tudo começou a mudar quando o governo brasileiro decide construir a Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, ligando a região sudeste ao sul do Brasil (cheio de riquezas naturais). Em 1908, a construção foi efetuada pela empresa estadunidense Brazil Railway Company, de Percival Farquhar. Como forma de pagamento, a empresa construtora da Estrada de Ferro, ganhou a concessão de 15 Km de terra para cada lado da estrada de ferro para explorar. Algumas pessoas venderam suas terras à empresa e outras foram expulsas por serem posseiros.

Com as terras para explorar, a Brazil Railway Company cria a Southern Brazil Lumber and Colonization Company, instalada pelo decreto nº 7.426, de 27 de maio de 1909 em Três Barras. Foi projetado em seu entorno: casa das máquinas, almoxarifado, campo de futebol (Estádio Arthur Ferreira Ribas, 1918) um dos primeiros com drenagem, cassino, fábrica de gelo, escritório, armazém, cinema (o único do Sul do Brasil), hospital, farmácia e residências, sendo a maior serraria da América Latina. Em 1910, a serraria instalada em Três Barras iniciou suas atividades.

Com a expulsão dos posseiros começou uma das maiores e mais longas guerras do Brasil, a Guerra do Contestado. Os caboclos expulsos se uniram em torno do monge José Maria e formaram redutos. A primeira batalha da Guerra foi em Irani-SC (na época terra dita paranaense) em 22 de outubro de 1912.

Neste período de guerra, a cidade de Três Barras é elevada a distrito de Rio Negro-PR, em 1913. Em 5 de março de 1914 a comarca de Rio Negro, pela lei nº 365, elevou Três Barras à categoria de município do Paraná. Vários foram os municípios que foram criados neste período sendo que, os limites entre os dois Estados ainda não haviam sido

delimitados.

Nos redutos como Caraguatá, Taquaruçú e Santa Maria, foram vários os caboclos que morreram lutando pela terra. Hoje, encontramos vários estudos direcionados ao assunto em várias cidades que compõe o chamado Vale do Contestado, inclusive Três Barras. Cidades que foram palco de batalhas ou de alguma forma estiveram envolvidas no conflito que foi muito mais que posse de terra, mas sim, intrigas políticas, ganância da elite, interesses pessoais e do capital estrangeiro.

Com o final da guerra em 20 de outubro de 1916, Três Barras passou ao Estado de Santa Catarina e a distrito de Canoinhas, o que durou até 23 de dezembro de 1960, data que fomos elevados a categoria de município, efetuado em 23 de janeiro de 1961. Esse fato se deu após o Grupo dos Onze tresbarrenses se unirem e liderados por Cyriaco Felício de Souza, conseguem emancipar o município.

A Lumber, após o término da Guerra em 1916, seguiu suas atividades onde a partir de então, alcançou seu período áureo, com exploração da madeira de forma desgovernada e ambiciosa. As madeiras mais exploradas eram a araucária, o cedro e a imbuia. Muitos observam esse período que vai até 1940 como a glória de Três Barras, mas temos que observar que toda a riqueza gerada pela Lumber, não ficava no distrito, se direcionava a Canoinhas e a empresa que exportava madeira, nada aqui deixou.

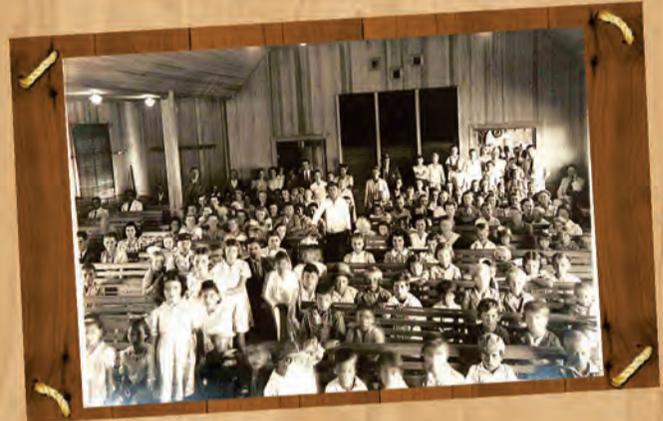
Em 1940, com a falência da Lumber, o presidente Getúlio Vargas a torna uma empresa estatal e em 1952, Eurico Gaspar Dutra transfere as instalações da serraria para o Exército, quando foi criado o Campo de Instruções Marechal Hermes e entre os anos de 1960-1962, as atividades na antiga Lumber são totalmente paralisadas. Hoje, algumas das casas centenárias e o que sobrou do cinema estão ali, testemunhas da história da grande madeireira que fez nosso município ser conhecido mundialmente.

Atualmente Três Barras é um dos municípios catarinenses que mais se desenvolve. Isto se dá em consequência da concentração de empresas papeleiras, comércio em geral e atividades agrícolas. Temos uma administração municipal envolvida com as causas sociais, culturais, esportivas e educacionais. Buscando sempre a qualidade de vida do povo tresbarrense. Contamos com aproximadamente 18.576 habitantes, tendo: Postos de Saúde em todas as localidades, creches, escolas, museu, ginásios de esporte, centro de eventos, pontos turísticos e muito mais.

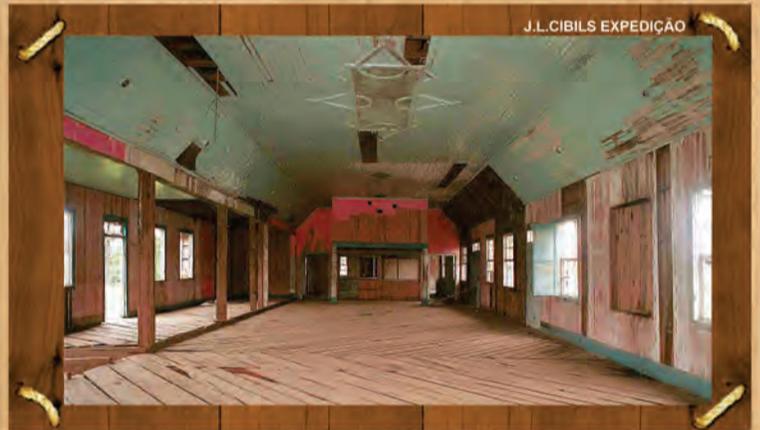
**Autor: Tiago Silva**  
Projeto Centenário do Contestado – Três Barras/SC  
Coordenação: Tiago Silva e Simone Santos Lima Iqueuti



Benvindo Pacheco e Maria Cordeiro



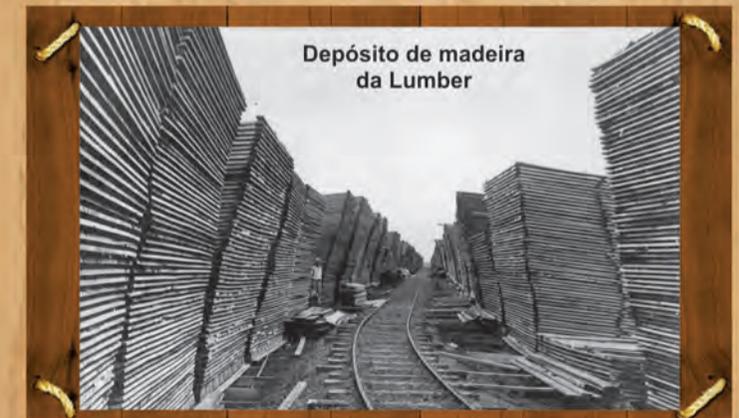
Interior do Cinema da Lumber



Cinema da Lumber era o único no Sul do Brasil



O Hospital da Lumber (1915), que destoava do pobre equipamento hospitalar existente na região



Depósito de madeira da Lumber



**PREFEITURA MUNICIPAL DE TRÊS BARRAS**